

**O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO OCUPACIONAL  
DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
DA UFSC**

**Por**

---

Rosângela Laura Ventura Gomes de Castro

Dissertação apresentada ao  
Curso de Mestrado em Educação Física  
Da Universidade Federal de Santa Catarina  
Como Requisito Parcial à Obtenção do Título de Mestre

Florianópolis, abril de 2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
COORD. DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO OCUPACIONAL  
DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
DA UFSC**

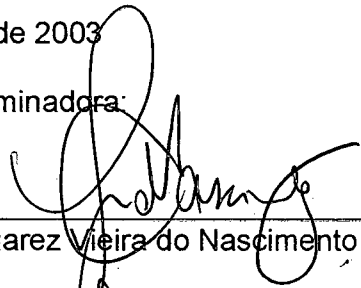
Elaborada por Rosângela Laura Ventura Gomes de Castro


E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Universidade Federal de Santa, como requisito parcial à obtenção do título de

**MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Data: abril de 2003

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Profº Dr. Juez V. do Nascimento (orientador/UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Profª Dra. Rosane Mª Kreuzburg Molina – UNISINOS/RS

  
\_\_\_\_\_  
Profº Dr. Viktor Shigunov - UFSC

  
\_\_\_\_\_  
Profº Dr. Sidney Ferreira Farias – (suplente/UFSC)

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz.  
Cantar e cantar e cantar, a beleza de ser  
um eterno aprendiz...”  
(Gonzaguinha)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à força maior que nos faz continuar a buscar sempre os nossos sonhos, por mais difíceis que nos pareçam ser e que nos permite ter saúde para isto. DEUS.

Agradeço, de modo muito especial, ao meu orientador Juarez Vieira do Nascimento, por ter me permitido aprender tanto ao longo deste convívio. Por ter sempre instigado um pouco mais. Por me fazer perceber que sempre podemos ir além daquilo que acreditamos ser possível. Por ser muito exigente, de um lado, mas também por saber ouvir, quando necessário. Por ter sido tão especial, no sentido de fazer tudo o que faz com muita dedicação, respeito ao que é público. Pela ética, pelo profissionalismo. Embora, em alguns momentos tenhamos demonstrado as nossas diferenças, o respeito e a amizade que se solidificaram durante este período fizeram tudo isto valer a pena. Muito obrigada, professor.

Agradeço ao Caê, por ter sido um companheiro dedicado e ter me dado a base necessária para esta jornada tão árdua. Por ter acompanhado os nossos filhos enquanto eu precisei estar ausente. Por ter me compreendido, até onde foi possível. Muito obrigada, Caezinho.

Agradeço aos meus filhos, Eduardo e João Pedro, por terem compreendido as minhas constantes ausências e partilhado este sonho comigo. Grata, filhotes.

Agradeço as amigas Suely, Edna, Eliane e Leonda, por tentarem me amparar nestes momentos finais, tão difíceis. E também por terem ouvido e dado apoio ao Caê, nos momentos de angústia. Amigas, vocês não existem!

Agradeço aos professores Sidney, Viktor e Rosane (membros da Banca Examinadora), por terem aceito, tão prontamente, o convite para analisarem o meu projeto de dissertação. Admiro-os e tenho muito carinho por todos vocês.

Agradeço a todos os professores do mestrado, pelo carinho e aprendizado; aos colegas que se tornaram amigos; as bibliotecárias Neuza e Olga; ao Jairinho (sempre tão sábio); aos bolsistas, especialmente a Bruninha, (sempre prestativos) e aos demais funcionários deste Centro por sempre tentarem ajudar.

Agradeço a minha família, principalmente por ter compreendido que a falta de atenção e de visitas se devia a um projeto pessoal tão importante.

Agradeço finalmente, a todos aqueles que, de alma e coração, torceram para que eu conseguisse chegar ao final deste projeto e início de tantos outros.

**Muito Obrigada**

## RESUMO

### **O Processo de socialização ocupacional de estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC**

As investigações sobre a socialização de profissionais de Educação Física têm revelado processos que ocorrem em momentos distintos, porém não imutáveis, como a socialização antecipatória, a socialização durante a formação inicial e a socialização em serviço. Além disso, destacam que a compreensão da natureza e da qualidade das ações desenvolvidas na formação inicial pode auxiliar na identificação dos demais processos e interações que determinam a aquisição de competências e influenciam nas perspectivas de desempenho no plano das relações pessoais e profissionais. Nesta perspectiva, o objetivo desta investigação foi o de analisar o processo de socialização ocupacional de estudantes do curso de graduação de Educação Física da UFSC, procurando identificar as estratégias adotadas para melhor adaptação na formação inicial, bem como comparar a socialização ocupacional de estudantes de acordo com o aproveitamento acadêmico e as fases em que se encontram no curso de graduação. Participaram do estudo 17 estudantes, sendo 06 estudantes que apresentam índice de aproveitamento acumulado (IAA) igual ou superior a 9 (nove), 06 estudantes que apresentam IAA entre 6,6 e 8,9, e 05 estudantes com IAA igual ou menor que 6,5. Os estudantes também foram separados em três grupos, de acordo com a fase em que se encontravam no curso: fase de entrada (2ª e 3ª fases); fase de progressão (4ª, 5ª e 6ª fases) e fase de saída (7ª e 8ª fases). Os instrumentos para coleta de dados foram a análise documental e a entrevista semi-estruturada, que partiram de temas geradores sobre as experiências com a Educação Física no ensino fundamental e médio, experiências com esporte de rendimento, expectativas para a formação universitária, estratégias e problemas enfrentados em diferentes momentos da formação inicial (transição de entrada, progressão e transição de saída), bem como a biografia dos estudantes. Para assegurar maior confiabilidade dos dados e aprofundamento das questões abordadas, foram realizadas entrevistas complementares com alguns professores e colegas (estudantes) indicados pelos participantes do estudo como aqueles que exerceram algum impacto na formação inicial. Na análise dos dados foram utilizados os procedimentos de análise qualitativa de conteúdo, nomeadamente de categorização, classificação e organização dos achados. Os resultados apresentados sugerem que a socialização antecipatória têm influência na escolha do curso de graduação assim como na manutenção dos índices de aproveitamento acadêmico. Entretanto, a formação inicial parece ter tido um fraco impacto na mudança de comportamento e atitudes dos futuros professores. As escolhas parecem ser mais de caráter pessoal do que de um projeto coletivo em torno da profissão. Os estudantes com melhor aproveitamento acadêmico demonstraram optar por estratégias que lhes garantissem uma boa formação e experiência profissional, enquanto os demais optaram por seguir o “caminho mais fácil”, de acordo com os seus interesses.

## ABSTRACT

### The Process of students' of the degree occupational socialization in physical education of UFSC

The investigations on the physical education professionals' socialization have been revealing processes that happen in different moments, however no unalterable, as the previous- socialization, the socialização during the initial formation and the socialization in service. Besides, they call to attention that the understanding of the nature and socialization the quality of the actions developed in the initial formation can aid in the identification of the other processes and interactions that determine the acquisition of competences and they influence in the acting perspectives in the plan of the personal and professional relationships. In this perspective, the objective of this investigation was to analyze the process of students' occupational socialization from the course of physical education at UFSC, trying to identify the strategies adopted for better adaptation in the initial formation, as well as to compare the students' occupational socialization in agreement with the academic use and the phases they are in the degree course. 17 students has participated in the stude, being 06 students that present index of accumulated use (IAA) equal or superior to 9 (nine), 06 students that present IAA between 6,6 and 8,9, and 05 students with IAA equal or smaller than 6,5. The students were also separate in three groups, in agreement with the phase they were in the course: entrance phase (2nd and 3rd phases); progression phase (4th, 5th and 6th phases) and exit phase (7th and 8th phases). The instruments for data collection were the documental analysis and the semi-structured interview, from generating themes about the experiences with the physical education in the fundamental and medium teaching, experiences with income sport, expectations for the academical formation, strategies and problems faced in different moments of the initial formation (entrance transition, progression and exit transition), as well as the students' biography. To assure larger accuracy of the data and deepper approached of the subjects, complemental interviews were accomplished with some teachers and friends (students) suitable for the participants of the study as those that exercised some impact in the initial formation. In the analysis of the data the procedures of qualitative analysis of content were used, namely categorization, classification and organization of the discoveries. The presented results suggest that the previous-socialization has influence in the choice of the degree course as well as in the maintenance of the indexes of academic use. However, the initial formation seems to have had a weak impact in the change of behavior and the futures teachers' attitudes. The choices seem to be more of personal character than of a collective project around the profession. The students with better academic use demonstrated to choose for strategies that guaranteed them a good formation and professional experience, while the others opted to follow the " easiest " road, in agreement with their interests.

## INDICE

	<b>Página</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>08</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>09</b>
<b>Capítulo</b>	
<b>I. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
Formulação da Situação Problema.....	01
Objetivos do Estudo.....	04
Objetivos específicos.....	04
Justificativa do Estudo.....	04
Delimitação e Limitações do Estudo .....	05
Definição de Termos.....	06
<b>II. REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>07</b>
Formação de Professores.....	07
Orientações Conceituais na Formação Inicial de Professores.....	11
Formação Inicial em Educação Física.....	14
Socialização Ocupacional em Educação Física.....	18
<b>III. METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
Caracterização do Estudo.....	24
Participantes do Estudo.....	24
Instrumentos e Procedimentos de Coleta de dados.....	26
Análise dos Dados.....	28
Trajetória da Investigação	30
<b>IV. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>33</b>

<b>Biografias.....</b>	<b>33</b>
1. Maria do Céu.....	34
2. Joaquim.....	37
3. João Luis.....	44
4. Vasco.....	40
5. Maria de Fátima.....	53
6. Manuel.....	59
7. Maria João.....	69
8. Antônio.....	73
9. Miguel.....	77
10. Maria Augusta.....	81
11. Bento.....	84
12. Maria José.....	88
13. Henrique.....	93
14. Maria Carmem.....	96
15. João Maria.....	99
16. Maria Antônia.....	104
17. Brás.....	107
<b>V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>111</b>
O início de tudo?.....	111
O Vínculo com o esporte.....	117
O que eu vou ser “quando crescer”?	120
As primeiras impressões. E aí “calouro”?	125
As escolhas e estratégias. Que caminho seguir?	129
Estou me formando. A hora da verdade.....	134
<b>VI. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>150</b>



**LISTA DE ANEXOS**

Anexos	Página
Anexo 1 – Termo de permissão para realização da pesquisa .....	150
Anexo 2 – Termo de consentimento livre-esclarecido da investigação ..	152
Anexo 3 – Roteiro para as entrevistas .....	153

## LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
Quadro 1 – Distribuição do número de participantes considerando as fases e o IAA .....	28
Quadro 2 – Distribuição dos participantes considerando a fase e o IAA .....	34

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

#### **Formulação da Situação Problema**

Durante toda sua vida, o homem participa e é objeto de processos de socialização. Interage neste contexto, ajustando-se a ele, estabelecendo relações de troca ou modificando-o. Participa, aprende, agrega novos saberes e valores, modificando comportamentos e atitudes em virtude destas interações que estabelece com o seu contexto social e cultural.

Contudo, embora a estrutura social seja importante fator modelador de valores e comportamentos, os indivíduos não se adaptam passivamente. Ao contrário, desenvolvem-se ativamente, a partir das interações sociais e individuais (Carvalho, 1996 -a ). Há uma certa autonomia própria e coletiva que permite a utilização de estratégias individuais e de grupo diferenciadas, passíveis de seleção e manipulação, para lidar com a socialização.

Um aspecto importante deste processo é que não precisa, necessariamente, ser contínuo. Admitem-se rupturas ao longo dos tempos e espaços em que ocorre, com determinantes ocupacionais (os primeiros anos de ensino, os períodos de certificação profissional, mudança de nível de ensino,...) e não ocupacionais (outros centros de interesse e desenvolvimento social dos indivíduos).

Estudos sobre formação profissional e socialização dos professores de Educação Física (Carvalho, 1996 a - b; Crum, 1993; Housner, 1996; Huling-Austin, 1992; Lawson, 1991; Lawson, 1992; O'Sullivan, 1996; Shmyth,1995; Souza e Carreiro da Costa, 1996; Stroot, 1996) revelam que o processo de socialização se dá em momentos distintos, porém não imutáveis. Há aquela anterior a formação inicial, a que ocorre durante a formação inicial e a

socialização em serviço. Os diferentes autores acreditam que a identificação destes processos, com todas as interações possíveis, possa contribuir na compreensão da crise de identidade que há muito vivencia a Educação Física.

As expectativas que os indivíduos têm antes de entrar no curso de graduação (formação inicial), influenciadas pela família, pelos amigos, por interesse de mobilidade social, status, questões financeiras, satisfação pessoal; aos poucos parecem ceder lugar a indicadores mais "reais". A necessidade de escolha das disciplinas a serem cursadas, a constatação da presença de diferentes orientações conceituais na formação inicial, a preocupação com a adoção de estratégias que lhe garantam uma boa formação, entre tantos outros, começam a fazer parte das novas preocupações dos estudantes. Assim, os desejos cultivados podem confrontarem-se com obrigações nem sempre aceitas pelos indivíduos.

Sobre este assunto, Nascimento (1998) comenta que a entrada na universidade é um acontecimento significativo na vida do estudante, especialmente porque ocorre no momento situado entre o final da adolescência e o início da vida adulta. É também uma fase de transição bastante desestabilizadora, onde as exigências acadêmicas e os hábitos de trabalho são totalmente diferentes daqueles demonstrados nos níveis escolares anteriores.

A adaptação ao ensino superior, segundo Nascimento (1998), torna-se imprescindível ao indivíduo para dar resposta aos desafios crescentes colocados pelo novo contexto, no que diz respeito à própria vida acadêmica, ao viver em conjunto com os colegas, ao estabelecimento de novas amizades e ao saber lidar com a ansiedade provocada pelas tarefas acadêmicas e pelo afastamento da família. O autor destaca ainda que o estudante necessita de apoio institucional para melhor superar o stress provocado pelas mudanças no seu estilo de vida, bem como para tratar da ansiedade e medo oriundos das pressões das avaliações curriculares na construção de um bom histórico escolar.

No decorrer da vida acadêmica, o estudante pode optar por engajar-se em projetos de pesquisa ou extensão. Eles também podem realizar estágios oferecidos pela instituição, buscando um contato mais próximo da realidade profissional, ou simplesmente limitar-se ao cumprimento dos créditos necessários

para conclusão do curso. Dúvidas surgem sobre a área de atuação futura (esporte, educação, lazer, saúde,...), despertando inseguranças ou um maior interesse com relação ao futuro profissional.

Durante a socialização ocupacional, o aproveitamento acadêmico pode estar relacionado a diversos fatores. Não raro, no meio do caminho, o aluno pode perceber que o curso de formação inicial escolhido não é o que realmente desejava, gerando desta forma desinteresse e frustração.

O estudo realizado por Chiaradia, Castro & Nascimento (2002), no primeiro semestre de 2001, para investigar as estratégias adotadas por estudantes que detiveram os melhores índices acadêmicos, além daqueles que obtiveram as melhores classificações no Concurso Vestibular do Curso de Graduação em Educação Física da UFSC, motivou o aprofundamento desta questão. As limitações deste estudo revelaram que mais elementos de análise precisam estar presentes, tais como alunos com aproveitamento dentro da média e outros com fracos índices acadêmicos, para que se possa compreender melhor o que ocorre no processo de socialização ocupacional destes estudantes.

A transição da instituição universitária para o mercado de trabalho exerce uma pressão muito forte no estudante, principalmente se a decisão de planejar a longo prazo o que fazer na vida for adiada até ao final do curso superior. A escolha de uma carreira a ser seguida e a obtenção de independência financeira dos pais constituem os principais desafios enfrentados pelo recém formado.

A importância da formação inicial universitária, segundo Proença (1993), está na natureza e qualidade das ações desenvolvidas, que tanto determinam a aquisição de competências quanto influenciam nas perspectivas e desempenhos, no plano das relações pessoais e profissionais.

Nesta perspectiva, esta investigação foi realizada para auxiliar na compreensão dos diversos intervenientes da formação inicial em Educação Física e responder a seguinte questão: **Como ocorre o processo de socialização ocupacional dos estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC, considerando o aproveitamento acadêmico e as fases ou transições da formação inicial?**

## **Objetivos do estudo**

O objetivo geral deste estudo foi analisar o processo de socialização ocupacional na formação inicial de estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC.

Para tanto foi necessário:

- identificar as experiências anteriores (socialização antecipatória) dos estudantes, considerando as suas vivências com esportes, aulas de Educação Física, relação com professores e treinadores, bem como as suas biografias;
- identificar os hábitos de leitura, de investigação e demais atividades desenvolvidas no decorrer do curso;
- identificar as estratégias adotadas pelos estudantes para obter êxito acadêmico na formação inicial;
- identificar as expectativas de atuação profissional futura e os projetos de vida pessoal de cada estudante participante do estudo;
- comparar a socialização ocupacional de estudantes de Educação Física da UFSC considerando o aproveitamento acadêmico e a fase em que se encontram no Curso de Graduação.

## **Justificativa do Estudo**

As investigações que discutem a formação profissional, especialmente a formação inicial, apontam para a necessidade de novas pesquisas para auxiliar na compreensão dos diversos intervenientes que se fazem presentes no processo de socialização ocupacional. Que peso pode ser atribuído às aulas de Educação Física Escolar ou as experiências anteriores com esportes na escolha do curso de formação inicial? Quais as dificuldades encontradas no decorrer desta formação? É preciso ainda conhecer as expectativas de atuação futura, o conhecimento que o aluno tem de currículo e de competência profissional adquirida. Além disso,

compreender as mais diversas questões relacionadas ao processo de socialização ocupacional destes estudantes e o impacto que produzem na sua formação inicial, constituem alguns fatores que tornam relevante este estudo.

Espera-se que a realização desta investigação, de natureza descritiva exploratória, possa fornecer informações importantes que permitam aqueles envolvidos e preocupados com a formação inicial em Educação Física, tomar decisões mais informadas, explorar novas possibilidades metodológicas e também contribuir na estruturação de currículos de formação profissional.

### **Delimitação e Limitações do Estudo**

O foco central deste estudo foi o processo de socialização ocupacional de 17 estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC, divididos em três grupos, de acordo com o Índice de Aproveitamento Acumulado (IAA). Neste sentido, o não envolvimento de estudantes de outras Instituições de Ensino Superior, inviabilizou a generalização dos resultados para estudantes de cursos de Educação Física que apresentam características diferenciadas na formação inicial (Licenciatura e Bacharelado).

A investigação limitou-se à percepção dos estudantes sobre este processo de socialização, considerando apenas as experiências anteriores com aulas de Educação Física e esportes, expectativas, biografia, estratégias utilizadas para o êxito acadêmico, a participação em atividades curriculares extra-curriculares, a auto-percepção de competência; na perspectiva de facilitar a compreensão do que está ocorrendo durante o curso e que influências poderiam ter no futuro profissional do estudante. Como tratou-se de um estudo de casos, outra limitação da investigação refere-se a não possibilidade de ouvir a todos os estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC.

## Definição de Termos

**Formação Inicial:** É entendida como o período durante o qual o professor adquire os conhecimentos científicos pedagógicos e as competências necessárias para enfrentar adequadamente a carreira docente (Carreiro da Costa, 1996).

**Socialização Antecipatória:** Compreende o período anterior à formação inicial que envolve a interiorização de modelos de ensino, além de uma representação da escolarização, da profissão e do currículo, especialmente das disciplinas que irão lecionar (Carvalho, 1996 -a).

**Socialização Ocupacional:** É o processo de socialização dos professores ao longo de sua carreira, que auxilia tanto na compreensão dos principais agentes, fontes e fatores de socialização como também das influências que repercutem na sua atividade profissional (Carreiro da Costa, 1996).



## **CAPÍTULO II**

### **REVISÃO DA LITERATURA**

Neste capítulo foram abordados temas relacionados à formação de professores, mais especificamente a formação inicial de professores de Educação Física, com maior detalhamento à teoria da socialização ocupacional, no sentido de esclarecer melhor as experiências vividas (socialização antecipatória) pelos estudantes antes da entrada no curso de graduação em Educação Física, o processo de socialização na formação inicial e as perspectivas de atuação profissional na fase de indução. O fato de haver muitas referências à literatura portuguesa justificou-se ao grande número de estudos específicos sobre este assunto realizado naquele país, o que ainda não tem ocorrido no Brasil.

#### **1 - Formação de professores**

Na atualidade, formar professores constitui-se num grande desafio para os professores e instituições de ensino superior. É preciso reconhecer que a escola não sofreu, ao longo dos tempos, transformações radicais quanto a forma que os conhecimentos são disponibilizados aos alunos. Enquanto isso, a sociedade criou novas formas de sistematizar e socializar informações com muita rapidez. A forma de socializar os conteúdos aos alunos parece permanecer impassível diante das transformações da sociedade que o "mundo globalizado" tem provocado. Encontrar respostas a estes desafios impostos pela nova ordem mundial, onde o conhecimento constitui a principal alavanca de poder, não tem sido tarefa fácil.

A formação de professores, segundo Pacheco e Flores (1999), envolve complexas mudanças de natureza cognitiva, afetiva e comportamental, que se processam ao longo do percurso da formação profissional. Além dos múltiplos

fatores que decorrem dos contextos institucionais, as características individuais dos sujeitos em formação vão influenciar na sua prática profissional. Assim, o aprender a ensinar pode advir de um contexto formativo (formação inicial) ou num contexto prático (práticas de ensino, estágios, experiências posteriores com ensino).

Sobre este assunto, Pacheco e Flores (1999) acrescentam:

*“Tornar-se professor constitui um processo complexo, dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo de diferentes etapas formativas. Não se trata de um acto mecânico de aplicação de destrezas e habilidades pedagógicas, mas envolve um processo de transformação e (re)construção permanente de estruturas complexas, resultante de um leque diversificado de variáveis” (p.45)*

Contudo, Onofre (1997) chama a atenção para o fato de que a formação teórica e a formação prática devem distinguir a perspectiva instrumental da formação de professores, buscando uma relação equilibrada entre a dimensão informativa e reflexiva da formação com a sua dimensão aplicativa. Destaca que testar e ensaiar a teoria na prática só faz sentido se puder constituir-se num instrumento de conceitualização da prática, no diagnóstico, análise e resolução de problemas nas diversas áreas de intervenção profissional.

Nóvoa (1995) analisou diferentes períodos históricos na formação de professores e as mudanças sociais ocorridas, principalmente no final do século XX e as interferências que causaram neste processo de formação.

O modelo de educação europeu, transferido para o Brasil em sua colonização, revela que ela era considerada uma ocupação secundária destinada a leigos e a religiosos. Com o passar dos tempos é que esta profissão foi apresentando outros contornos, ganhando notoriedade em alguns períodos da história (a partir do final do século XVIII até o final do século XX), e perdendo espaços em outros períodos (principalmente nos dias atuais).

Nos séculos XVII e XVIII, os jesuítas e oratorianos, alguns dos responsáveis pela educação na época, foram criando um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e valores específicos, que fez com que os professores tivessem cada vez mais voz ativa no campo educacional. A

necessidade de aperfeiçoamento dos instrumentos e das técnicas pedagógicas, a introdução de novos métodos de ensino e o alargamento dos currículos escolares, fizeram com que a preocupação com a didática tomasse maior dedicação dos professores, deixando de ser apenas uma atividade secundária.

No século XVIII não era mais permitido que se ensinasse sem uma licença concedida pelo Estado e outras conquistas foram se estabelecendo. Como principal argumento para suas reivindicações, os professores alegavam o caráter especializado da ação educativa e a realização de um trabalho de grande relevância social.

As escolas normais representaram um salto de qualidade para a profissão. Os séculos XIX e XX consolidaram estas grandes conquistas. Entretanto, nas últimas décadas deste período, a situação do professorado passa por um processo de profundas mudanças, de toda ordem, que se estende até hoje.

Nóvoa (1995) destaca que as mudanças sociais transformaram o trabalho do professor, a sua imagem social e o valor atribuído pela sociedade à educação, que vive um momento de desencanto e ceticismo:

*“a sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor, os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e de renúncia, que foi se desenvolvendo em paralelo com a degradação da sua imagem social”(p.95).*

Entre alguns indicadores que contribuíram para uma queda na qualidade de ensino, o autor destaca que o avanço contínuo das ciências e a necessidade de integrar novos conteúdos impôs um ritmo de transformações permanentes, no qual o professor precisa realizar profundas mudanças na concepção e desempenho do seu trabalho. Para garantir a qualidade imprescindível no ensino, é preciso evitar os desajustamentos, a desmoralização e o mal-estar docente.

Este autor apresenta como fatores de mudança, doze elementos de transformação no sistema escolar, que podem ser de primeira ordem (os que incidem diretamente na ação do professor) e de segunda ordem (os que se referem às condições ambientais).

Os fatores de primeira ordem dizem respeito ao aumento das exigências em relação ao professor (novas responsabilidades sem mudanças significativas na formação); a inibição educativa de outros agentes de socialização (menor participação da família); ao desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola (necessidade de integrar o seu trabalho às novas fontes de informação); a ruptura do consenso social sobre a educação (confronto com diferentes modelos de socialização, produzidos pela sociedade multicultural e multilíngue); ao aumento das contradições no exercício da docência (exigência social de o professor desempenhar o papel de amigo, de companheiro e de apoio ao desenvolvimento do aluno, contrapõe-se às funções seletivas e avaliadoras que também lhe pertence); as mudanças de expectativas em relação ao sistema educativo (passou de ensino de elite, baseado na seleção e competência, para um ensino de massas, integrador, mais flexível); as modificações do apoio da sociedade ao sistema educativo (a falta de apoio e de reconhecimento é cada vez mais evidente); a menor valorização social do professor (perda do "status"); as mudanças dos conteúdos curriculares (o avanço das ciências e as transformações das exigências sociais requerem uma profunda mudança dos conteúdos curriculares).

Já os fatores de segunda ordem estão relacionados a escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho (um dos principais fatores de fomento ao mal-estar docente); as mudanças na relação professor-aluno (passou de uma situação injusta onde o professor tinha todos os direitos e o aluno só deveres, para outra igualmente injusta onde os alunos permitem-se com bastante impunidade, diversas agressões verbais, físicas e psicológicas aos professores e colegas); e a fragmentação do trabalho do professor (enorme leque de funções que exigem, entre outras, administrar, programar, avaliar, capacitar-se, orientar alunos e atender pais).

Estas questões, embora em situações diferentes e voltadas ao campo da formação de professores de Educação Física, têm sido discutidas por diversos autores, entre eles Carreiro da Costa (1996) e Nascimento (1998). Esta situação demonstra que o processo de formação de professores, seja no âmbito geral ou

no âmbito mais específico de cada área do conhecimento, passa por profundas transformações.

Respeitadas as diferenças ocasionadas pela diversidade das Instituições de Ensino, grau de envolvimento pessoal e profissional do professor, nível sócio-econômico da clientela, um ou outro destes itens se destaca. Nos dias atuais não é difícil perceber o descontentamento com a formação de professores, não apenas no nível inicial, mas também na formação em serviço. Há um distanciamento muito grande entre o discurso (dos cursos de formação) e a prática (do campo de trabalho). Os problemas que se apresentam no campo de trabalho são muitos e o professor parece não conseguir dar conta de suplantá-los, gerando desconforto, angústia e frustração.

Discutir questões como estas exigem não apenas dos educadores, mas também da sociedade civil e poder público, a realização de mudanças em todos os níveis (apoio institucional, familiar, melhor elaboração dos conteúdos curriculares, destinação financeira,...) parece ser apenas o começo da caminhada no sentido de se buscar uma formação profissional digna, tanto do ponto de vista da qualificação profissional quanto do ponto de vista das condições de trabalho e de remuneração, da qual não seja necessário envergonhar-se no futuro.

## **2 - Orientações conceituais na formação inicial de professores**

O modo como as Instituições de Ensino Superior estabelecem o que ensinar, para quem ensinar e como ensinar depende do tipo de orientação conceitual que adotam e de que concepções de ensino, professor, escola e de como ensinar a aprender se preconiza no modelo escolhido.

De tempos em tempos, um ou outro modelo se destaca. Em geral, uma nova orientação conceitual nasce, contrapondo-se ao modelo vigente. Os diferentes posicionamentos conceituais referentes ao objetivo, conteúdo e estratégias utilizadas para o desenvolvimento da formação de professores, tornam este processo bastante dinâmico e, por vezes, até antagônico.

Carreiro da Costa (1996), Garcia (1995), Jórdan (1995), Nascimento (1998), Pacheco e Flores (1999), Pérez Gómez (1992) e Silva e Nascimento (2002) fizeram uma análise sobre este assunto e destacaram diferentes orientações conceituais descritas inicialmente por Feiman-Nemser (1990). Embora a amplitude de orientações conceituais investigada seja vasta, os diversos autores concordam quanto a existência das orientações acadêmica; tecnológica ; prática; pessoal ou personalista e a crítica social.

A orientação acadêmica preconiza o ensino como meio de transmissão de conhecimentos e desenvolvimento da compreensão, sendo que o professor é visto como um especialista que detém o conhecimento da matéria que ensina. O aluno tem papel passivo neste processo.

Na orientação prática, a competência e a experiência como fonte de conhecimento ganham destaque. O ensinar, conforme Carreiro da Costa (1996), *"é um processo de investigação e experimentação, aprendendo os professores a ensinar através da reflexão na ação e da reflexão sobre a ação"* (p.28).

O professor, neste tipo de orientação, é visto como um prático. Aquele que vai ensinar melhor tanto quanto for maior a sua prática profissional.

A orientação tecnológica privilegia o treino de competências. Busca implementar estratégias e procedimentos que possibilitem ao professor o domínio das competências específicas de ensino. O professor é visto como um técnico.

Carreiro da Costa (1996) esclarece que existem duas abordagens que representam este tipo de orientação. A abordagem behaviorística defende que o aprender a ensinar deve basear-se na aquisição de princípios e práticas oriundas do estudo científico do ensino, onde o bom professor é um professor eficaz. A segunda abordagem tem influência cognitivista e defende que o bom professor é aquele que toma decisões e sabe ensinar aos formandos a tomarem decisões pensadas e inteligentes.

A orientação pessoal ou personalista tem como característica principal o fato de promover mudanças de comportamento. Ela tem a preocupação de auxiliar na promoção do desenvolvimento pessoal do professor.

Para Nascimento (1998), este tipo de orientação pretende auxiliar o profissional a evoluir frente às etapas mais avançadas de preocupações, desde

as preocupações consigo próprio às preocupações com os colegas e sociedade em geral.

A orientação crítica, de acordo com Pacheco & Flores (1999),

*“se associa à teoria crítica do currículo, incide fundamentalmente na componente reflexiva, com um forte pendor crítico, e entende a formação como estratégia para promover uma sociedade mais justa e democrática”* (p.64).

Este tipo de orientação ressalta as dimensões política e ética do ensino. O professor é visto como alguém que também deve assumir o papel de ativista político, além de educador.

As orientações conceituais, conforme Carreiro da Costa (1996), descrevem apenas a maneira como está sendo concebida, pensada e teorizada a formação de professores e não como elas ocorrem realmente.

Como a formação inicial é um processo dinâmico, as orientações não se apresentam exatamente como são definidas, isoladamente. Elas podem, no contexto profissional, conter elementos de vários tipos de orientação.

Considerando os paradigmas mais conhecidos no campo da Educação Física, Carreiro da Costa (1996) enfatiza três posições teóricas na formação de professores, à luz dos estudos de Linda Bain (1990-1992).

O paradigma behaviorístico representa a orientação tecnológica, primando pela aquisição e aperfeiçoamento de competências de ensino referentes a eficácia pedagógica. A formação de professores considera, principalmente, a aprendizagem e exercitação das destrezas de ensino que promovam e facilitem a aprendizagem dos alunos.

A teoria da socialização ocupacional sustenta que o processo de aprender a ensinar ocorre durante toda a vida docente, com diferentes influências que podem repercutir na atividade profissional. Todas as experiências que o profissional teve ao longo da sua vida são consideradas, tais como o nível de identificação com a matéria pretendida como profissão, afetividade com os professores que a lecionavam, experiências positivas ou negativas durante o processo de formação, estratégias utilizadas para obtenção do êxito acadêmico ou profissional.

A teoria crítica contempla questões políticas, econômicas, éticas, morais, além das questões pedagógicas. A formação de professores nesta perspectiva privilegia questões mais reflexivas e críticas. O professor atua também como um agente político, onde esta teoria está associada à orientação crítica.

Sabe-se que embora existam as orientações conceituais claramente definidas, tanto no plano geral da formação de professores, quanto no caso específico da Educação Física, outras se mesclam ou até caminham juntas dentro de uma Instituição de Ensino Superior. O rigor de uma teoria ou concepção de ensino dificilmente é levado a cabo, na íntegra. Importa saber que, formadores e formandos conheçam o que representa cada uma delas e de que forma podem estar influenciando, definindo ou modificando o exercício da profissão. Cada uma diz respeito a uma diferente concepção de mundo, de homem, de educação, de escola e de sociedade. Quando se faz opção por um ou outro tipo de orientação conceitual, escolhe-se também como pretende-se interferir no processo de ensino e de aprendizagem, considerando os objetivos, conteúdos, currículo e procedimentos para que se cumpra o que foi estabelecido.

Nesta perspectiva, ao realizar uma revisão bibliográfica sobre este assunto, Feitosa (2001), destaca que as orientações conceituais evoluíram no tempo e no espaço e que não existem concepções fechadas no processo ensino-aprendizagem. Para o autor, os papéis sociais adotados pelos estudantes variam de acordo com a época em que se vive. Considerou também que em alguns estudos apresentados ficou caracterizado que não existe um modelo de formação de profissionais determinado por uma única orientação conceitual. Há a influência de cada uma delas, percebendo-se a predominância de uma ou de outra orientação decorrente da época em que se vive e dos objetivos na formação do profissional.

### **3 - Formação inicial em Educação Física**

A formação inicial é a denominação freqüentemente atribuída àquela etapa de preparação voltada para o exercício ou qualificação básica para a profissão



(Nascimento, 1998). Ela é dirigida a jovens e adultos e constitui-se nos cursos de licenciatura ou bacharelado na universidade.

O caráter de continuidade da formação profissional revela que a formação inicial constitui uma das demais etapas de formação. Antes mesmo de entrar para um curso universitário, os futuros estudantes já possuem alguma expectativa com relação a sua profissão. As experiências vivenciadas anteriormente, na educação básica, podem influenciar na decisão de optar por um ou outro curso. A formação continuada (em serviço ou em cursos de pós-graduação) também faz parte do repertório da formação profissional. É ela que vai garantir uma melhor qualificação ou atualização profissional, principalmente ao considerar que quem escolhe ser professor, está escolhendo também (ou deveria) formar-se e informar-se permanentemente.

Ao entrar para um curso de formação inicial, as expectativas anteriores podem ser superadas pela realidade imposta (que competências serão abordadas, que orientações conceituais, para que lado seguir?). A saída desta fase também parece ser conflitante. Nem sempre o que o curso de formação inicial ofereceu foi suficiente para tornar o profissional recém formado capaz de lidar com as demandas da profissão. Insegurança e a necessidade de ter adquirido outras competências fazem parte destes conflitos.

No sentido de amenizar o impacto da formação inicial com a realidade de trabalho, representado pelas diferenças entre o discurso teórico e a experiência prática da atividade de trabalho, Farias, Shigunov & Nascimento (2001) enfatizam a necessidade do estudante poder vivenciar a futura profissão, num processo de alternância de situações de teoria e prática pedagógicas.

A questão relacionada às competências profissionais parece ser ainda mais crucial. Baseados em experiências anteriores, em aulas de Educação Física ou sessões de treinamento em escolinhas de esportes, os estudantes criam uma certa expectativa de formação. Muitas vezes eles acreditam que um curso de licenciatura dará conta de lhe oferecer as competências necessárias a um preparador físico, técnico de modalidades esportivas, recreador, entre outras. O desconhecimento sobre o curso que lhe dará formação para a futura profissão

ainda é um dos motivos de frustração posterior, além de causar grandes confusões acerca das competências profissionais na cabeça do estudante.

Para proporcionar maior dinamismo e qualidade na preparação de profissionais de Educação Física, Nascimento (1998) sugere a adoção de diferentes modalidades de alternância na formação inicial universitária. Ao ser buscado o casamento entre dois contextos (sala de aula e situação de trabalho), o autor destaca que a formação deixará de estar centrada apenas na aquisição de conhecimentos profissionais, mas manifestará também a sua preocupação com a obtenção e desenvolvimento de habilidades e atitudes importantes para o desempenho profissional. Neste sentido, enfatiza que as diferentes práticas a serem operacionalizadas, além de aumentarem a experiência pessoal do estudante, contribuiriam sensivelmente para o seu desenvolvimento maturacional, especialmente, na valorização das aprendizagens futuras da formação e na preparação diferenciada da realidade profissional da área.

Nascimento (1998) discute alguns aspectos que interferem no processo de formação inicial dos professores de Educação física, dificultando-o. Ao delimitar os problemas (sem tentar esgotá-los) que afetam tanto a coerência interna como a coerência externa dos currículos de formação, ressalta a falta de convívio intelectual e o isolamento das disciplinas (pouca ou nenhuma integração entre os professores e as disciplinas curriculares), o freqüente mal estar no ambiente acadêmico (questões salariais, condições de trabalho, despreparo por parte dos alunos,...), a formação diferenciada para a atuação em etapas ou níveis distintos do ensino e da disciplina de Educação Física (o autor reporta-se à realidade portuguesa onde há diferenciação nos cursos de formação em: Ensino Superior Politécnico ou Ensino Superior Universitário), a qualidade da formação inicial (questões relacionadas ao oferecimento de infra-estrutura que proporcione um melhor ensino aos futuros professores), a fragmentação disciplinar na formação inicial ("inchaço" ocasionado pelo excesso de disciplinas oferecidas) e a heterogeneidade dos programas de formação (falta de consenso mínimo na oferta de disciplinas dos cursos de Licenciatura ou Bacharelado em Educação Física, duração do curso que varia de 03 a 05 anos).

Um aspecto importante é que o caminho da formação inicial em Educação Física é permeado por muitas dificuldades e somente a partir de mudanças curriculares é que se pode pensar em alternativas de solução para problemas mencionados por Nascimento (1998). O caminho é bastante amplo e as discussões em torno deste tema estão longe de se encerrarem.

Autores como Carreiro da Costa (1991), Gonçalves (1997), Crum (1993), Carvalho (1996 -a), dedicaram uma boa parte dos seus estudos para analisar os diversos intervenientes que interagem no processo de formação inicial. As questões relacionadas aos discursos dominantes nos diferentes modelos de formação e as “confusões” geradas e não compreendidas pelos estudantes; o pensamento dos alunos a respeito do processo de formação em Educação Física e influência na aprendizagem; a crise de identidade da Educação Física, ideologias e competências; e as teorias da socialização antecipatória, seus atrativos e facilitadores, ajudam a esclarecer como se dá este processo de formação inicial.

A formação de professores ocorre num contexto sócio-político-econômico que vem sofrendo profundas mudanças nas últimas décadas, especialmente após os anos de 1970. Neste período, a Educação Física tem passado por diversas modificações curriculares para atender as novas demandas da profissão e as constantes transformações neste campo de atuação.

Entretanto, face a estas modificações, a sociedade tem exigido um profissional com qualificação possível de responder às mais diversas possibilidades de intervenção (professor, técnico, recreador, *personal*, organizador de eventos, entre outros), gerando um grande conflito e deixando inseguro (com relação a carreira pretendida) o futuro profissional em Educação Física .

No Brasil, esta ainda é uma discussão que está longe de se esgotar. Os modelos de ensino implementados nos cursos de formação inicial pouco contribuem para um perfeito esclarecimento e aquisição de competências para o exercício profissional. Ocorre que há diferentes modelos curriculares para uma mesma titulação e o contrário também acontece. Ou ainda a tentativa de preencher todos os espaços desencadeados pelas novas demandas sociais, o

que torna bastante frágil a formação e deixa o futuro estudante sem saber por qual modelo de ensino optar.

Embora a realidade brasileira seja diferente da portuguesa, Carreiro da Costa (1991), contribui nesta questão ao fazer uma análise sobre a formação inicial em Portugal. O autor deixa transparecer a sua preocupação em relação as discussões e debates discordantes que este tema tem gerado, "*o debate de idéias numa base conceptualmente sólida e rigorosa tem sido difícil*" (p.24). Faz referência aos modelos de ensino, Politécnico e o Universitário, vigentes naquele país. No Brasil, há cursos com currículos diferenciados que formam profissionais para o exercício ou desempenho das mesmas atribuições profissionais. Este tipo de situação deixa confusos tanto o futuro profissional (que acaba se sentindo sem o domínio necessário das competências profissionais) como a sociedade que não está bem esclarecida a respeito da real função do profissional de Educação Física.

#### **4 - Socialização ocupacional em Educação Física**

Os processos de socialização (família, grupo de amigos, igreja, escola, clube,...) têm um maior ou menor grau de influência sobre a formação da identidade dos indivíduos, dependendo da intensidade e tipo de relações estabelecidas entre eles. Entretanto, a dimensão ocupacional tem adquirido um significado bastante relevante na formação da identidade, principalmente em virtude do momento histórico-político-econômico-social atual na realidade brasileira, onde o desemprego é uma constante.

Aliada à esta dificuldade, surge para os professores de Educação Física uma outra preocupação, a identidade profissional fragilizada. As dúvidas sobre a sua legitimidade enquanto disciplina escolar e a descrença em torno do seu valor social, os campos de atuação tão dispersos e a perda de espaço profissional no currículo escolar, têm gerado questionamentos, tanto nos estudantes na formação inicial quanto nos profissionais que se encontram nos ciclos de entrada, consolidação, diversificação ou estabilização profissional.

Crum (1993) destaca a existência de um ciclo de auto-reprodução profissional na área, onde as perspectivas convencionais dos profissionais em serviço conduzem a uma prática de Educação Física reprodutora, onde a formação inicial tem tido fraco impacto na alteração das convicções e crenças dos futuros profissionais.

O termo “socialização” tomou diferentes sentidos no decorrer da história das Ciências Sociais. Sobre este assunto, Dubar (1997) esclarece que o termo “socialização” tem sido utilizado em diversos sentidos e adquirido conotações consideradas, atualmente, como negativas ou ultrapassadas: de inculcação das crianças, de doutrinação dos indivíduos, imposição de normas sociais, constrangimentos impostos pelos poderes tanto ameaçadores quanto anônimos.

No livro “Socialização e a Construção Social da Identidade”, o autor sistematiza a evolução dos processos de socialização em diferentes abordagens.

A psicologia piagetiana destaca que a socialização da criança ocorre por meio de algumas transformações, nomeadamente a passagem do respeito absoluto (aos pais) para o respeito mútuo (crianças/adulto e crianças/crianças), a passagem da obediência personalizada ao sentimento da regra (torna-se, no último estágio, a expressão de um acordo mútuo, um verdadeiro “contrato”), a passagem da heteronomia total à autonomia recíproca (implica no último estágio a fixação de sentimentos novos como “a honestidade, a camaradagem, o *fair play*, a justiça”), a passagem da energia à vontade que constitui uma “regulação ativa da energia” (supondo uma hierarquização, nomeadamente uma hierarquização entre dever e prazer).

Ao discorrer sobre a socialização política, Dubar (1997) esclarece que a socialização não se dá de uma só vez, ela pressupõe uma transação entre o socializador e o socializado, entre as necessidades e desejos do indivíduo e os valores dos diferentes grupos com os quais ele se relaciona. A socialização não é apenas a transmissão de valores, normas e regras, porque cada indivíduo retira das cenas diversas representações existentes, interpreta e constrói a sua lentamente.

Outro aspecto enfatizado é que o socializar-se é aprender a representar um significado (político neste caso) com a ajuda de um dos múltiplos significantes que

serve à sua representação. Nesta perspectiva, a socialização é um processo de identificação, de referência e de relação.

Dubar (1997) discorre ainda sobre a abordagem funcional, que tende utilizar a socialização como uma desculpa para as mais variadas condutas individuais e como uma modelagem das personalidades, de encontro as características mais estruturantes das culturas consideradas essenciais ao funcionamento social. Ao abordar a questão da socialização como incorporação do *habitus*, o autor discute a correlação estreita entre as probabilidades objetivas e as esperanças subjetivas. A grosso modo pode-se exemplificar que, não é por que alguém nasceu filho de um operário que, necessariamente, vai ser operário.

Nos últimos capítulos desta obra, o autor escreve sobre a identidade profissional como resultante de uma dupla transação. De um lado, a transação objetiva entre o indivíduo e a instituição. De outro lado, a transação subjetiva do indivíduo e o confronto com uma mudança e o seu passado. Esclarece também que a identidade profissional resulta de compromissos “interiores” entre a identidade herdada e a pretendida, mas também de negociações “exteriores” entre a identidade atribuída pelo outro e a identidade incorporada por si.

A transação subjetiva pode levar a uma “continuidade”, especialmente a identidade herdada e identidade pretendida ou a uma “ruptura” entre a definição do eu advinda da trajetória anterior e a projeção do eu no futuro. No modelo da *continuidade*, os indivíduos desenvolvem trajetórias contínuas. No modelo de *ruptura*, há a implicação de uma dualidade entre dois espaços e uma impossibilidade de se construir uma identidade de futuro no interior do espaço produtor da sua identidade passada. Estas transações são articuladas, embora relativamente independentes. Quando a transação subjetiva se estabelece com a ruptura, são possíveis dois caminhos: o indivíduo se encontrar num processo de exclusão (conflito entre a identidade atribuída pela instituição e a identidade forjada pelo indivíduo) originando a identidade ameaçada, ou quando a ruptura é acompanhada por confirmações legítimas pelo outro da identidade para si e daí se dá o processo de conversão, originando a identidade incerta. Ou seja, no primeiro caso a promoção pretendida não é confirmada e, no segundo caso, ela é encorajada.

A construção das identidades, portanto dos modos de socialização, são dinâmicos e dependem de fatores diversos (genética, história pessoal anterior e projeção pessoal).

A socialização de professores de Educação Física, segundo Carvalho (1996), tem sido investigada sob diferentes pontos de vista. Do ponto de vista funcionalista, analisa-se o processo que ocorre, por um lado, a partir da interiorização de uma cultura, comum ao grupo ocupacional, de valores, atitudes, normas, interesses, conhecimentos e habilidades, por outro lado, pela consideração de um sistema de valores dominante e não conflituosos. A abordagem interpretativa enfatiza a racionalidade dos indivíduos e a natureza interativa do processo de socialização, ou seja, os indivíduos ao entrarem na estrutura escolar podem desejar seguir na carreira e se adequarem ao sistema imposto e seus constrangimentos ou querer adequar a estrutura aos seus anseios de local de trabalho ideal. Os estudos de orientação crítica procuram estabelecer relações entre a classe social, o gênero e raça, a formação das relações de trabalho, as relações entre políticas educativas e entre as perspectivas dos professores e as ideologias dominantes na sociedade contemporânea.

Sob esta análise, não se pode considerar a socialização apenas como um processo de transmissão e interiorização de conteúdos (saberes e valores profissionais), mas também como produtor desta cultura profissional, considerando a força socializadora da estrutura escolar sobre a construção da cultura dos professores e, observar a intervenção dos professores na sua construção.

Templim & Schempp (citados por Carvalho, 1996) definem a socialização de professores como um processo de negociação entre as pressões sociais, que empurram os indivíduos para perspectivas e comportamentos instituídos, relativamente ao papel do professor e sua ação individual (e coletiva) como participante na produção do seu destino profissional. Diversos autores (Carvalho, 1996-a; Crum, 1993; Housner, 1996; Huling-Austin, 1992; O'Sullivan, 1996; Smyth, 1995; Souza e Carreiro da Costa, 1996; Stroot, 1996) convergem sobre a existência de "três tempos" no percurso da socialização para a ocupação docente

em Educação Física: a socialização anterior à formação inicial, a socialização durante a formação inicial e a socialização em serviço.

Por outro lado, Lawson (1991) revela a existência de quatro momentos de socialização de professores de Educação Física, nomeadamente o recrutamento inicial, a formação inicial universitária, a experiência de ensino na área e a formação pós-graduada. Ao afirmar que a socialização é problemática e não automática, o autor comenta também que a biografia constitui um fator determinante para o indivíduo tornar-se professor, por proporcionar o acesso para uma identidade, assim como para uma carreira. Os processos de pré-seleção, além de terem influência nas orientações de trabalho adotadas pelos professores, contribuem para reforçar a predisposição existente da função acadêmica.

Ao analisar os atrativos e facilitadores da socialização, Carvalho (1996 -b) esclarece que os atrativos dizem respeito aos possíveis benefícios que a ocupação pode oferecer (dinheiro, segurança, mobilidade social), os quais podem ser de natureza simbólica (prestígio, poder) ou de natureza emocional (prazer e satisfação). Os facilitadores relacionam-se aos mecanismos sociais que contribuem para a decisão de entrar numa determinada ocupação.

Quanto aos mecanismos sociais de facilitação, Carvalho (1996-b) destaca o conceito de certificação subjetiva, que diz respeito a uma auto-avaliação, no sentido de determinar a adequação dos seus interesses e competências a um conjunto de tipificações de uma dada ocupação. O autor destaca que o conceito de certificação subjetiva pode constituir um constructo representativo da dinâmica de opção pelo curso, que considera as auto-avaliações sobre acontecimentos, experiências, intervenientes e processos que participam na construção da certificação subjetiva (auto-avaliação das características pessoais, envolvimento em Educação Física e/ou outros esportes, outras pessoas significativas, influências da sociedade). Também pode ser um constructo psicológico que é identificado nos indivíduos que entram em cursos de Educação Física.

Na primeira perspectiva de certificação subjetiva considera-se os possíveis alunos do curso de Educação Física e suas experiências. Já na segunda perspectiva, o ponto central dos estudos são os estudantes e suas percepções.



Alguns estudos de autores como Carvalho (1996-a) e Crum (1993) têm sido desenvolvidos no sentido de analisar e explicar o impacto da socialização antecipatória na ocupação docente futura. Variáveis como o sistema de crenças, gostos e interesses, experiências adquiridas ao longo dos anos através da observação da docência de seus professores, entre outros intervenientes são investigadas.

A socialização antecipatória, conforme Carvalho (1996-a), envolve a interiorização de modelos de ensino, além de uma representação da escolarização, da profissão e do currículo (especialmente das disciplinas que irão lecionar). Aceitar esta tese, afirma o autor,

*“implica em reconhecer que na formação inicial estas perspectivas vão estar presentes e que é a partir delas que os alunos vão interagir com as crenças, os conhecimentos e, eventualmente, as habilidades de ensino que neles se pretendem instalar”(p.19).*

Há investigações, como a realizada por Graber (1989) que procuram ir além da análise das influências da socialização antecipatória na preparação formal dos futuros professores, concentrando-se nas estratégias utilizadas pelos alunos para a obtenção do êxito na sua formação. Sobre este assunto, as investigações têm revelado a existência de três estratégias mais comuns entre os estudantes em cursos de formação inicial de Educação Física. A pesquisa seletiva de informação (estratégias que permitem controlar as exigências do curso, nomeadamente o que estudar, como atuar durante um estágio,...), a projeção de uma imagem (ações que permitem a criação de uma imagem favorável nos formadores, como perguntar, fazer apontamentos, manifestar interesse,...) e copiar ou seguir o caminho mais fácil (ações que permitam economia de esforços, desde a “cola” em provas e trabalhos até o modo como se coletam os apontamentos nas aulas.

Molina Neto (1997), em estudo etnográfico sobre a cultura pedagógica dos professores de Educação Física nas escolas públicas de Porto Alegre, concluiu que a cultura pedagógica destes professores articula a experiência, a prática como conhecimento, a sua formação e as suas crenças.

## **CAPÍTULO III**

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **Caracterização do estudo**

Esta pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso, de caráter descritivo exploratório, com abordagem qualitativa dos dados. Optou-se pela utilização deste tipo de pesquisa por entender que a mesma pudesse auxiliar no aprofundamento do tema abordado, na resolução do problema e atender aos objetivos propostos nesta investigação.

As pesquisas descritivas, conforme Gil (1994), têm como principal objetivo a descrição de características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis, sendo uma das características mais significativas a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (entrevistas, questionários, observações, documentos, filmes,...).

A utilização da abordagem qualitativa foi justificada pelo modelo interpretativo adotado na pesquisa, que segundo Bogdan & Biklen (1994) valoriza essencialmente a parte invisível subjacente à atividade dos personagens principais do processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente as crenças, convicções, atitudes, pensamentos de alunos e professores.

#### **Participantes do Estudo**

A escolha dos participantes do estudo foi intencional, considerando o índice de aproveitamento acadêmico (IAA) e a fase em que se encontravam no curso (entrada, progressão ou saída) de Graduação em Educação Física da

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no segundo semestre letivo de 2001, que por motivo de greve na instituição, estendeu-se até maio de 2002.

Participaram do estudo 17 estudantes, sendo 06 estudantes que apresentavam IAA igual ou superior a 9 (nove), 06 estudantes que apresentavam IAA entre 6,6 e 8,9, e 05 estudantes com IAA igual ou menor que 6,5.

Após a definição do número máximo de estudantes que participariam do estudo (inicialmente 18), como um dos alunos selecionados desistiu de frequentar o curso, o número de participantes reduziu-se a 17 estudantes. Através de análise do histórico escolar, optou-se por incluir os 06 IAAs mais elevados, dentre os estudantes com IAA acima de 9; os 06 IAAs mais medianos, entre os estudantes com IAA de 6,6 a 8,9; e, os 05 IAAs mais baixos, entre os estudantes com IAA abaixo de 6,5. Estes critérios de escolha dos participantes foram utilizados por se considerar que, desta forma, todos os estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC estariam representados. A UFSC foi escolhida por ser a instituição que oferecia o curso de Educação Física voltado para a licenciatura, em Florianópolis, que se constituía num dos focos centrais da pesquisa (formação de professores).

Os estudantes também foram separados em três grupos, de acordo com a fase em que se encontravam no curso, sendo 6 estudantes da fase de entrada (2ª e 3ª fases), 5 estudantes da fase de progressão (4ª, 5ª e 6ª fases) e 6 estudantes da fase de saída (7ª e 8ª fases).

O Quadro 1 apresenta a distribuição dos participantes do estudo considerando a fase em que se encontravam no curso de graduação em Educação Física e o respectivo índice de aproveitamento acadêmico.

Quadro 1. Distribuição do número de participantes do estudo considerando a fase e o IAA

<b>IAA \ Fases</b>	<b>Entrada</b>	<b>Progressão</b>	<b>Saída</b>	<b>Total</b>
<b>Acima de 9,0</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>6</b>
<b>6,6 à 8,9</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>6</b>
<b>6,5 ou menos</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>17</b>

Para assegurar auferir maior confiabilidade aos dados e aprofundamento das questões abordadas, foram realizadas entrevistas complementares com alguns professores e colegas (estudantes) indicados pelos participantes do estudo como aqueles que exerceram algum impacto na formação inicial. Neste caso, o critério adotado foi o de entrevistar todos aqueles professores e colegas que foram citados por mais de um estudante. Isto ocorreu em virtude de alguns estudantes terem citado vários professores distintos, havendo coincidência em alguns casos. Após a leitura do conteúdo das entrevistas foram selecionados os que faziam parte do curso de Educação Física, e que, notadamente, a indicação não se tratava apenas de amizade pessoal. Após esta definição, tanto professores quanto colegas indicados foram informados do objetivo da pesquisa e, de acordo com a disponibilidade de horários de cada um, foram realizadas as entrevistas, seguindo um roteiro (vide anexo), que não foi aplicado rigidamente. Questões consideradas relevantes pelos entrevistados poderiam ser acrescentadas.

### **Instrumentos e procedimentos de coleta de dados**

A coleta de dados com os 17 estudantes participantes do estudo foi realizada durante o primeiro semestre letivo de 2002, nos meses de abril e maio, de acordo com a disponibilidade dos participantes do estudo. As entrevistas complementares com colegas e professores foram realizadas nos meses de abril a julho de 2002, também de acordo com a disponibilidade de horários de cada participante.

Os instrumentos para coleta de dados foram, num primeiro momento, a análise documental (histórico escolar), para separar os grupos de alunos pelo aproveitamento acadêmico e fases em que se encontravam no curso. E, num segundo momento, a entrevista semi-estruturada, com a utilização de um gravador.

As entrevistas foram realizadas face-a-face, após o contato prévio com cada participante do estudo, para determinação do horário e local. As perguntas

foram abertas, pois não se pretendia obter o mesmo tipo de resposta. Do mesmo modo, foram usadas, em alguns momentos, várias formas de realizar as perguntas. Os estudantes foram estimulados, no final da entrevista, a falarem sobre assuntos que consideravam importantes para a sua formação e que não haviam sido contemplados no roteiro (Anexo III). As entrevistas partiram de temas geradores que buscaram permitir a interpretação e análise das seguintes questões:

***Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio*** (fatos, experiências significativas, relação professor/aluno, interesse pela atividade; avaliação subjetiva da experiência vivenciada, ...);

***Experiências com o esporte formal de rendimento*** (participação em escolinhas de modalidades, sessões de treinamento, participação em competições, resultados esportivos alcançados, relação treinador/atleta, nível de exigências estabelecidas, ...; avaliação subjetiva da experiência esportiva vivenciada, ...);

***Expectativas para a Formação Profissional Universitária*** (motivos atribuídos à escolha deste curso, ...; expectativas para o curso de graduação, ...);

***Biografia na Formação Inicial*** (sexo, estado civil, nº de filhos; como se mantém financeiramente; reside com os pais, sozinho, com amigos...; outra Formação Universitária);

***Transição de Entrada na Formação Profissional*** (primeiros contatos com a UFSC, com o curso, ...; recepção por parte dos professores e dos colegas, primeiras impressões; problemas enfrentados nesta fase);

***Progressão na Formação Inicial*** (escolha de disciplinas obrigatórias e optativas, hábitos de leitura, participação em projetos de pesquisa, extensão e participação em órgãos colegiados ou de representação; professores que se destacam em suas qualidades e atitudes, ...; nível de exigência estabelecido nos trabalhos acadêmicos, procedimentos adotados nos trabalhos em grupo, estratégias adotadas para a obtenção do êxito acadêmico; colegas que se destacam em suas qualidades e atitudes; problemas enfrentados nesta fase);

***Transição de Saída na Formação Inicial*** (expectativa de atuação futura na área; avaliação da formação profissional obtida, auto-percepção ou competência profissional).

Os temas geradores não foram aplicados rigidamente, permitindo a investigadora realizar as necessárias adaptações na ordem de abordagem dos temas. Após a realização das entrevistas, o conteúdo foi transcrito na íntegra e

devolvido aos participantes para confirmarem o conteúdo das entrevistas. Além das entrevistas com os estudantes participantes do estudo, foram realizadas outras entrevistas com os colegas e professores que exerceram alguma influência positiva na formação inicial, os quais foram citados por estes, para dar maior fiabilidade aos dados e permitir maior aprofundamento das questões abordadas. Os temas geradores das entrevistas com os professores (Anexo IV) e colegas (Anexo V) envolveram os seguintes questionamentos:

***Considerações dos professores a respeito da vida acadêmica do aluno em questão*** (aproveitamento do estudante na disciplina ministrada; participação em atividades realizadas junto ao professor; participação em atividades realizadas junto ao grupo de colegas; características pessoais do estudante (qualidades, atitudes,...));

***Considerações dos colegas a respeito do aluno em questão*** (aproveitamento do estudante no curso; participação em atividades realizadas junto a turma; participação em atividades realizadas junto ao grupo de colegas; características pessoais do estudante).

### **Análise dos dados**

Na análise dos dados foram utilizados os procedimentos de análise qualitativa de conteúdo descritos por Lüdke & André (1986), nomeadamente de categorização, classificação e organização dos achados. Para decompor o fenômeno nas suas partes essenciais de tal modo que as partes se organizem em uma recíproca dependência, no primeiro momento houve a preocupação com a construção de um conjunto de categorias descritivas, considerando a fase em que os estudantes se encontravam no curso, o IAA e o tipo de respostas às questões formuladas. Para compor estas categorias foi necessária a leitura sucessiva do conteúdo das entrevistas até que ele estivesse claro o suficiente e possibilitasse a divisão do material em seus elementos componentes, sem perder de vista a relação destes elementos com todos os outros componentes. Algumas respostas foram encontradas fora da seqüência do roteiro previamente estabelecido, ou “dentro” de outra questão. Nestes casos estas respostas foram recortadas e consideradas no momento de análise daquela questão específica.

No caso desta investigação, as categorias foram elaboradas a partir de cópias do material transcrito, leitura na íntegra e posterior recorte das partes referentes aos mesmos conceitos, consideradas mais relevantes e coerentes com o objetivo proposto. Feitos os recortes, foram colados em grandes folhas de papel, de forma que permitisse a leitura das respostas de vários estudantes, para facilitar a leitura.

Wittrock (1989) lembra que para se verificar a base de evidência de uma afirmação, o pesquisador efetua um exame sistemático de todos os dados colhidos (entrevistas e documentos) buscando provas a favor ou contra e tendo presente a necessidade de reenquadrar a afirmação na medida em que a análise avança.

A técnica da triangulação de dados foi utilizada para validação das informações obtidas ao logo deste processo investigativo. Houve a preocupação de estabelecer relação entre os dados dos históricos escolares, as entrevistas dos participantes e as entrevistas complementares.

A biografia dos participantes foi organizada, considerando o esquema apresentado no Quadro 1, levando em conta cada questionamento feito a fim de permitir aproximações entre o tipo de respostas e as categorias onde se encontravam. Os principais intervenientes percebidos pela pesquisadora no processo de socialização ocupacional dos participantes foram destacados neste momento.

Foram elaboradas categorias descritivas considerando as respostas (de acordo com o roteiro apresentado) dos estudantes que se encontravam na fase de entrada, progressão e saída. O mesmo processo se deu no sentido de verificar o tipo de respostas obtidas pelos estudantes com os mais elevados IAA, os que se encontravam na média e aqueles com os IAA mais baixos.

No momento seguinte houve a preocupação de classificação dos achados de acordo com as categorias descritivas construídas no momento anterior. E, na seqüência, foi realizada a organização de todo o material através de abstrações, considerando-se sempre o tipo de resposta e a classificação na qual o estudante se encontrava.

Na organização do material pretendeu-se estabelecer conexões e relações entre as partes, de modo que possibilitasse a formulação de proposições de novas explicações e interpretações. Para dar sentido aos dados qualitativos, foi necessário, conforme García (1995), reduzi-los até chegar a uma quantidade de unidades significativas e manejáveis. Significou também estruturar e representar estes conteúdos e, por último, extrair e chegar a conclusões mais compreensíveis.

### **Trajetória da Investigação**

Pretende-se, nesta parte, esclarecer melhor como ocorreram as escolhas durante todo o processo de realização desta pesquisa.

A realização, durante o 1º semestre do curso de mestrado, de um projeto piloto que analisou a socialização ocupacional de estudantes do curso de Educação Física da UFSC, com elevados IAAs, instigou a curiosidade em ampliar a abrangência desta investigação. Optou-se por incluir também alunos com IAAs medianos e baixos, na perspectiva de se obter uma amostra mais representativa dos estudantes deste curso.

A opção por realizar uma pesquisa com abordagem qualitativa constituiu-se numa decisão difícil. Não só pela responsabilidade que ela sugere, mas, sobretudo, pelas dificuldades para definir o método de análise, em interpretar e apresentar resultados de modo compreensível e fidedigno.

O tema, embora específico, exigiu uma revisão de literatura bastante ampla e nem sempre de fácil compreensão. Muitas dúvidas surgiram nesta fase da pesquisa.

A decisão pelos participantes do estudo se deu através do estabelecimento dos critérios de se investigar alguns estudantes com os mais altos IAAs, outros estudantes com os IAAs mais medianos e ainda, aqueles com os mais baixos IAAs, que freqüentavam regularmente o curso, representando as fases de entrada, progressão e saída da graduação. Decidiu-se por 18 estudantes, sendo 6 em cada categoria. A UFSC, como sendo a instituição que oferecia o curso de



Licenciatura em Educação Física e por estar sediada em Florianópolis, local sede do curso de mestrado, foi a escolhida para a investigação.

A primeira dificuldade encontrada foi a de manter o número de participantes da amostra. Dentre os estudantes com os índices mais baixos, respeitando-se o critério das fases de entrada, progressão e saída, houve a desistência de apenas um participante.

O primeiro passo, após estas decisões preliminares, foi o de buscar junto a Coordenação do Curso de Graduação os históricos escolares dos alunos, para que fossem identificados e contactados.

Um roteiro semi-estruturado de entrevistas foi elaborado (anexo), aproveitando-se o que já havia sido utilizado no projeto piloto, com pequenas modificações. Além da biografia, foram solicitadas indicações de colegas e professores que tivessem sido importantes na formação inicial dos entrevistados.

Os horários das entrevistas foram estabelecidos pelos entrevistados. Exceto no caso de uma entrevista que ocorreu no local de trabalho do participante, todas as demais foram realizadas no Centro de Desportos da UFSC. Neste momento da pesquisa a maior dificuldade encontrada foi em virtude das faltas às entrevistas por parte de alguns poucos participantes. Destaca-se, entretanto, que a maioria demonstrou grande interesse em participar, colaborando de maneira surpreendente. A disponibilidade, carinho e atenção demonstrados pelos participantes, bem como o conteúdo das entrevistas se constituíram nos momentos mais agradáveis deste processo. Estas entrevistas deveriam ter sido coletadas no final do 2º semestre de 2001. Contudo, a greve dos servidores, que ocorreu nesta época, adiou para 2002 o início desta etapa. De certa forma, o contato com alguns alunos foi dificultado, principalmente daqueles que viajaram durante este período. Estas entrevistas ocorreram nos meses de abril e maio de 2002.

As entrevistas com colegas e professores citados pelos participantes do estudo foram realizadas após o período de realização das entrevistas com os atores principais, nos meses de abril a julho de 2002, também procurando atender a disponibilidade dos mesmos. Nesta etapa da investigação contou-se com o apoio de uma aluna do curso de graduação, que acompanhou o projeto piloto e as

entrevistas com os participantes principais, auxiliando na realização das entrevistas com os colegas citados.

Logo após a realização das entrevistas, iniciou-se uma fase bastante desgastante, a das transcrições. Foi necessário ouvir várias vezes cada fala, para se ter certeza de que não se havia suprimido nenhuma palavra pronunciada.

Terminada a transcrição, o conteúdo foi submetido á apreciação dos entrevistados para confirmação do respectivo conteúdo. Na seqüência, foi necessária a leitura sucessiva das entrevistas para selecionar o conteúdo que, posteriormente, seria copiado e colado numa folha para facilitar a leitura das respostas de vários entrevistados sobre o mesmo tema gerador.

Nesta etapa do processo investigativo, começaram a surgir as dúvidas e inseguranças com relação ao método de análise. Será que vai ser possível responder às questões pretendidas? Assim, foram necessárias muitas idas à sala do orientador, até que tudo ficasse mais claro.

Decidiu-se pelo anonimato dos colegas e professores citados nas entrevistas dos participantes para garantir a privacidade às falas. Já no caso dos atores principais, decidiu-se pela adoção de nomes fictícios, de origem portuguesa, numa homenagem aos autores daquele país que pesquisam e escrevem sobre o tema desta investigação. Também decidiu-se pela apresentação dos principais fatos citados na biografia dos participantes do estudo, para uma melhor compreensão dos resultados apresentados.

## CAPÍTULO IV

### APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A elaboração das biografias dos estudantes constituiu-se num importante momento do processo investigativo. A partir delas foi possível estabelecer as relações e análises propostas no estudo.

A apresentação das biografias compreende, além dos dados pessoais, as experiências com as aulas de Educação Física na educação básica, as experiências com esporte de rendimento, as expectativas para a formação inicial universitária, as primeiras impressões da universidade, as escolhas e as estratégias adotadas na fase de progressão do curso, as expectativas de atuação futura e a avaliação subjetiva da formação recebida.

Inicialmente serão apresentadas as biografias de estudantes (1 a 6) que se encontravam entre os melhores IAA. Posteriormente, abordou-se as biografias de estudantes (7 a 12) com médio aproveitamento acadêmico. E, por último, serão apresentadas aquelas biografias que pertencem aos entrevistados (13 a 17) com baixo aproveitamento acadêmico no curso.

Para melhor visualização e compreensão, a seguir será apresentado quadro com todos os participantes desta pesquisa, distribuídos de acordo com o IAA e as fases nas quais se encontravam à época do estudo.

Quadro 2 – Distribuição dos participantes do estudo considerando a fase em que se encontravam no curso e o IAA.

<b>Fases no curso de graduação</b>			
	<b>Entrada (2ª e 3ª)</b>	<b>Progressão (4ª,5ª e 6ª)</b>	<b>Saída (7ª e 8ª)</b>
<b>IAA Superior</b> (acima de 9,0)	<b>Maria do Céu</b>	<b>Joaquim</b>	<b>João Luiz</b>
	<b>Vasco</b>	<b>Maria de Fátima</b>	<b>Manuel</b>
<b>IAA Médio</b> (entre 6,6 e 8,9)	<b>Maria João</b>	<b>Antônio</b>	<b>Miguel</b>
	<b>Maria Augusta</b>	<b>Bento</b>	<b>Maria José</b>
<b>IAA Inferior</b> (abaixo de 6,5)	<b>Henrique</b>	<b>Maria Carmem</b>	<b>João Maria</b>
	<b>Maria Antônia</b>		<b>Brás</b>

#### **4.1 – MARIA DO CÉU**

##### **Biografia**

Natural de Chapecó, Maria do Céu tem 18 anos, solteira e sem filhos, mora sozinha em Florianópolis. Embora tenha uma bolsa de iniciação científica, depende financeiramente de seus pais.

Sempre teve muita afinidade com as aulas de Educação Física, tanto que buscava alternativas de estar praticando alguma atividade física também fora da escola.

Iniciou sua vida esportiva ainda na infância. Aos 8 anos já treinava ginástica rítmica. Nem se lembra porque começou tão cedo, mas afirma que gostava muito do que fazia.

Sensível, humilde e responsável, de acordo com o professor entrevistado, Maria do Céu é uma aluna do tipo raro. Não é à toa que detém um invejável índice de aproveitamento acadêmico (acima de nove).

Apesar de se encontrar na fase de entrada na universidade, já se envolve em atividades científicas. A pedido de um professor já está escrevendo um texto para uma conhecida revista da área da Educação Física.

De acordo com a opinião de um professor, Maria do Céu:

*"(...) chama à atenção por essa curiosidade científica, essa vontade de escrever. (...) já está com um caminho interessante." (Professor A)*

Demonstra bastante interesse pela formação escolhida. Entretanto, mostra-se cautelosa nas respostas, pois diz que ainda tem muito o que aprender e gosta de experimentar, conhecer para depois fazer suas escolhas.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Durante todo o ensino fundamental, Maria do Céu teve o mesmo professor de Educação Física. O que, de um lado, pode parecer negativo pela falta de contato com a diversidade de metodologias de ensino, por outro lado, estreitou bastante os laços de amizade com o professor da disciplina.

Sempre gostou muito das aulas de Educação Física na escola, mas também procurava praticar esportes fora dela. Gostava de voleibol, handebol e ginástica rítmica. Contava com o apoio dos pais, que a incentivavam para a prática destas atividades.

No ensino médio, o professor teve que deixar as aulas de Educação Física. A escola solicitou que os alunos fizessem aulas em academias, em horário extra-classe, que valeria como nota em Educação Física. Maria do Céu ficou bastante chateada com a situação apresentada, mas, como gostava de esportes, acabou fazendo o que foi solicitado. Mesmo assim, avalia estas experiências como muito positivas pelo fato dos pais incentivarem tanto e pelo gosto que tinha pelas atividades.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Dos 8 aos 16 anos, treinou ginástica rítmica. Inicialmente treinava na sala de uma academia em sua cidade natal. Depois, os treinos eram realizados em um ginásio. Maria do Céu integrava a equipe de ginástica rítmica de Chapecó.

Era bastante exigente consigo própria nos treinos, assim como a sua técnica. Comenta que esta modalidade por si só já exige bastante em virtude dos detalhes, da expressão, da técnica necessária.

Contudo, o relacionamento com a técnica era de afetividade, pois, segundo ela, treinava todos os dias, viajavam juntas para competições. A convivência diária tornou a relação mais estreita, tanto no esporte quanto fora dele. São amigas até hoje.

A respeito da avaliação que faz desta época, Maria do céu revela:

*“ Eu aprendi muito, amadureci muito. (...) a convivência, assim, com os amigos. Muita amizade forte se criou ali dentro. E a minha professora até hoje me dá a maior força. É uma coisa que eu preciso. Está sempre presente.”*

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Atribui a escolha do curso à relação anterior com a ginástica rítmica e ao gosto pelos esportes de maneira geral. Segundo ela:

*“(...) foi pensando nela (ginástica rítmica). Porque a maior parte da minha vida, durante anos foi: escola-treino, escola-treino. Eu via a professora e quando eu era pequena...ah! um dia eu quero ser como ela. Mas aí eu fui crescendo e fui vendo que me identificava com a coisa. Que além da ginástica rítmica, eu praticava vôlei, handebol, até futsal. Então eu me identifico bastante.”*

Da mesma forma que muitos dos seus colegas da graduação, quando entrou na universidade, imaginou que neste curso teria basicamente esportes, treinamento. Mas, para sua surpresa (positiva), logo nas primeiras aulas descobriu que a formação que receberia era para muito além destas expectativas.

Procura ser dedicada e aprender o máximo que puder, para depois, com calma, decidir sobre o seu futuro profissional. Acredita que não, necessariamente, ficará restrita aos esportes. O curso oferece outras possibilidades, que poderão fazer parte de sua vida.

## Transição de Entrada na Formação Inicial

Para Maria do céu, assim como para vários outros estudantes na mesma situação), que veio de uma cidade do interior para estudar na capital, a fase de adaptação, num primeiro momento, chega a assustar. Entretanto, para quem tem os seus objetivos bem definidos, não chega a ser um grande problema, conforme ela mesma relatou:

*“Bom, no começo eu cheguei bastante tímida, assim, porque eu nem morava aqui, nada. Então foi uma mudança muito grande na minha vida. Mudar de cidade, deixar os amigos antigos. Com isso eu fiquei um pouco assustada, mas eu vi que muita gente aqui estava na mesma situação. Então, estava todo mundo entrando na universidade disposto a fazer amigos também, a conhecer outras pessoas. Então, foi bom porque o pessoal se enturmou rápido. Os professores, acho, foram fundamentais nesse processo de integrar todo mundo e... foi bom.”*

Inicialmente, envolveu-se em um projeto voltado para a 3ª idade. Dava aulas. Posteriormente, conseguiu uma bolsa, também para trabalhar com a 3ª idade, mas agora, com pesquisa. Este tipo de atividade parece ser uma das grandes paixões desta aluna, dentro da universidade.

Um dos seus professores, destaca:

*“ (...) tem um ..., o que a gente pode chamar de curiosidade científica, muito autônoma.”(Professor A)*

## 4.2 - JOAQUIM

### Biografia

O mundo das laudas, pautas e reportagens já não bastava para este paulista, formado em Jornalismo pela USP. E foi na Educação Física que Joaquim encontrou o que procurava, sem deixar de gostar de sua outra profissão. Já estava decidido pela graduação em Educação Física quando surgiu a oportunidade de morar em

Florianópolis. Uniria dois velhos sonhos, o de vir para esta cidade e o de envolver-se com este novo curso, já que sempre esteve envolvido com esportes coletivos.

Solteiro e sem filhos, Joaquim mora com um irmão em uma casa da família. Mantém-se financeiramente através do trabalho derivado da outra formação, faz “freelas” e traduções.

No momento da coleta de dados estava na 4ª fase (de um total de oito). Da mesma forma que seu colega Manuel, Joaquim mantém um índice de aproveitamento acadêmico bastante elevado (acima de 9,0), o que se pode comprovar através do seu histórico escolar. Quando prestou o concurso vestibular para Educação Física, classificou-se em 1º lugar no curso.

Demonstrando uma grande paixão pelo que faz procura, sempre colocar seu empenho na busca da maior qualidade possível. Carismático e muito comunicativo, lembra que sempre gostou das aulas de Educação Física. Ressalta que era a que mais gostava, embora não tivesse tendência alguma a se destacar em nenhum esporte. Lembra que mesmo no ensino superior (enquanto fazia Jornalismo) as aulas obrigatórias de Prática Desportiva eram feitas com muito prazer. Quando concluiu estas disciplinas, sentia falta dos esportes, especialmente os coletivos.

Gentil, esforçado, dedicado e participativo é lembrado pelos professores como alguém com maturidade fora do comum.

Um dos colegas destaca o seu poder de comunicação, a inteligência e a capacidade de relacionar-se bem com todos:

*“(...) ele é um relações públicas (...) sempre presente (...) é um amigão. O Joaquim é uma pessoa muito inteligente e tal, lê bastante... afetivo, é difícil quem não goste do Joaquim. Na minha visão ele é super querido no curso.”  
(Colega A)*

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Do ensino fundamental, Joaquim relembra que as aulas de Educação Física eram diversificadas. Não necessariamente esportes. Até a 4ª série desenvolviam-se



atividades lúdicas. A partir da série seguinte foram introduzidas as modalidades de futebol de campo, futebol de salão, handebol, basquetebol e voleibol. No ensino médio continuou tendo experiências com estas modalidades esportivas. Ele lembrou estes tempos:

*“(...) eu sempre estudei muito, mas eu não perdia a aula de Educação Física para estudar de jeito nenhum (...). Era um momento de relaxar, de certa forma (...) eu lembro que na 6ª série teve um campeonato de futebol de campo e aí eles adiaram o campeonato porque estava chovendo. As duas equipes que iriam jogar disseram: ah! Vamos jogar na chuva mesmo sem valer nada e aí eu peguei uma suspensão por jogar e ficar molhado, absolutamente encharcado.”*

Lembra, como curiosidade, que o colégio no qual estudava oferecia um prêmio ao melhor aluno de cada disciplina. Embora fosse bom aluno em todas as matérias, a única vez que recebeu esta honraria foi por seu aproveitamento em Educação Física, mesmo não se considerando o mais habilidoso do colégio:

*“Eu não era o destaque, de forma alguma, mas eu era esforçado, eu gostava da aula e eu me dedicava (...).”*

la para as aulas pré-disposto a gostar delas. Motivo ao qual credita o fato de ter tido sempre um excelente relacionamento com seus professores.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Joaquim não teve experiências pessoais com o esporte de rendimento, apenas como torcedor.

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

O interesse pela área esportiva era demonstrado em conversas com amigos que já haviam cursado ou estavam cursando Educação Física, leituras sobre

esportes, e programas esportivos que assistia. Além das experiências positivas que tivera no período escolar com esta disciplina. Joaquim acredita que sempre quis ter esta formação.

A escolha do novo curso foi atribuída a uma somatória de experiências e informações sobre Educação Física e Esportes. Antes de prestar o exame do vestibular, tomou conhecimento a respeito dos currículos, comparando o da UFSC e da UDESC. Embora considerando que no currículo da universidade estadual fossem contempladas algumas disciplinas interessantes, optou pela federal em virtude da formação de professor que receberia.

Joaquim acredita que mesmo num curso de licenciatura, após complementação extra-curriculares, possa se especializar, ser técnico em um outro determinado campo de atuação. Foi conhecer os dois Centros de Esportes e fez leituras específicas. Tentou absorver o máximo de informações acerca do assunto.

Deixou claro que não faria apenas mais um curso de graduação. Gostaria de fazê-lo bem feito, aproveitando as oportunidades de adquirir novos conhecimentos e fazer novas amizades.

Sobre as suas expectativas, após ter sido aprovado, comentou:

*“(...) na verdade quando eu entrei, a minha expectativa é que até o final do curso aparecesse alguma coisa que tivesse a ver comigo (...) é óbvio que você pode dar aulas em colégios, por exemplo, sem necessariamente ser um grande técnico daquele esporte. Mas eu preferia falar sobre uma coisa da qual eu soubesse fazer muito bem. Na terceira fase apareceu Organização de Competições Esportivas, aí acaba juntando tudo o que eu gosto com tudo o que eu sei fazer. E, aparentemente, caso não surja nada mais interessante, ainda é um bom caminho a ser seguido, porque é uma área que eu tenho facilidade, que eu tenho gosto e eu consigo dar o melhor de mim, produzir bem.”*

De acordo com Joaquim, suas expectativas iniciais foram superadas positivamente.

## Transição de Entrada na Formação Inicial

Como já havia, à época do vestibular, conhecido o Centro de Desportos da UFSC Joaquim não sentiu dificuldade em familiarizar-se com a instituição de ensino.

A respeito dos primeiros contatos com os colegas, sente-se “suspeito” para comentar, pois considera que entrou numa turma privilegiada. Comenta que a diversidade de áreas afins (dança, remo, natação, musculação, entre outros) e a procedência também diversa dos estudantes colaboraram muito para isto.

Além do fato de ter sido muito bem recebido pelos colegas ele destacou ainda que:

*“(...) a minha sala virou uma espécie de grande família, (...) o ambiente que se criou ali foi o melhor possível, e isso se reflete em todo o universo do CDS (...) que mesmo em jogos internos as pessoas conhecem a nossa fase. É um grupo que está sempre junto, ganhando ou perdendo. É um grupo que irradia alegria e prazer de estar junto.”*

Com relação aos professores, Joaquim reclama apenas sobre a metodologia adotada por alguns deles. Deixa claro que não diz respeito aos conteúdos, apenas a forma de desenvolvê-los em aula. Por outro lado, considera que também foi muito bem recebido por eles, mantendo um bom relacionamento.

Considera não ter enfrentado problemas nesta fase de entrada na universidade. O que lhe imprimiram bons conceitos quanto à instituição.

## Progressão na Formação Inicial

Nesta fase Joaquim começou a perceber algumas dificuldades burocráticas. Ele cita como exemplo a impossibilidade de antecipar disciplinas optativas a partir da 2ª fase. Entende que o curso não considera o empenho e aproveitamento de determinados alunos. Sugere que a grade curricular seja adaptada para que os alunos com bom índice de aproveitamento possam cumprir mais créditos (disciplinas). Desta forma desconsidera-se também, segundo ele, aqueles que já possuem uma outra formação e que podem avançar “puxando” disciplinas, sem

prejuízo da qualidade. Sugere ainda que a universidade premie aqueles alunos que se destacam e demonstram grande interesse, como segue:

*“(...) deveria premiar os alunos que tem um bom índice, além de eles poderem puxar optativas, eles deveriam ter o patamar de limite máximo de crédito elevado, porque se eles estão tendo um bom índice, quer dizer que eles estão estudando. Se eles querem estudar mais, acho que devem ter a permissão para estudar mais (...)”*

Joaquim faz críticas também a pouca flexibilidade que o curso tem em discutir estas questões com os alunos. Outro problema enfrentado nesta fase diz respeito a greve que se instalou no 2º semestre de 2001. Segundo o estudante, desestruturou completamente qualquer programação prevista, especialmente profissional.

Como é comum a todo bom jornalista, Joaquim desenvolveu um grande gosto pela leitura. Eclético, procura estar sempre buscando a informação, onde quer que ela se apresente. Como dispõe de pouco tempo, por trabalhar no período em que não estuda, vai formando uma biblioteca em casa. A consulta aos livros acontece na medida do necessário, e em momentos específicos, conforme ressalta :

*“(...) na verdade o que eu faço é formar uma biblioteca de assuntos relacionados com as matérias que estou cursando. Algumas eu consigo ler algo a mais, mas a grande parte são livros que eu acabo usando para consulta em determinados momentos (...) eu evito “xerox”, vou formando uma biblioteca que é essencial para qualquer profissional (...)”*

No momento da realização desta coleta, Joaquim não estava envolvido com projeto de pesquisa. Acredita que, nesta fase, tomaria muito o seu pouco tempo disponível, já que exerce atividades profissionais fora do curso.

Por suas características acabou convidado a integrar a chapa que comporia a diretoria do Centro Acadêmico. Mesmo nunca tendo participado de órgãos de representação estudantil, decidiu aceitar o convite por achar que poderia contribuir de alguma forma, e, sobretudo, por respeito e admiração às pessoas que o

convidaram. Por outro lado, Joaquim enfatiza que quando se quer contribuir com qualquer entidade você pode fazê-lo mesmo sem vínculos:

*“(...) eu acredito que a pessoa que quer mudar alguma coisa, ela consegue mudar sem estar dentro de órgão nenhum (...) mas pelo Centro Acadêmico (...) eu vi que é uma possibilidade de contribuir com o melhor possível para esta faculdade que eu estou gostando tanto (...).”*

Nos professores, Joaquim admira a capacidade que eles têm de ouvir, serem flexíveis, democráticos e, ainda assim, transmitir o conhecimento para a turma. Acrescenta que a sua classe notabilizou-se por estar sempre sugerindo alternativas para um melhor aproveitamento das aulas e por conseguir mostrar que isso é possível. Ele considera que no curso são muitos os bons professores.

Exigente, procura realizar seus trabalhos com o máximo de perfeição possível. Quando está em grupo, tenta transmitir a sua empolgação, sem interferir muito. Procura não centralizar as atividades buscando estar sempre com pessoas diferentes para ter a oportunidade de conhecer mais o melhor de cada colega.

Com relação às estratégias utilizadas para um melhor aproveitamento nas aulas, ele (que além de ter bons hábitos de leitura, gosta muito do curso) destaca que anota em um caderno a matéria, utilizando as palavras dos professores. Acredita que desta forma lembra do jeito que ele fala e, conseqüentemente, absorve melhor o conteúdo. Talvez uma herança do Jornalismo.

Para os professores entrevistados, não foi surpresa o seu excelente aproveitamento nas aulas, pois:

*“Joaquim já é uma pessoa com muita experiência, então eu me identifico muito com o jeito dele ser. Há sempre a opinião dele, mas sempre bem serena. Tem paciência (...) não se estressa com facilidade (...) expõe com muita propriedade (...) É uma pessoa com muita leitura, a gente logo percebe... Junto ao grupo de colegas, Joaquim, pela liderança logo toma a frente. Tanto que quando inicia trabalho com a turma, a turma já apresenta o Joaquim como sendo o líder deles (...) também tem uma autoridade importante (...) me agrado muito de pessoas*

*que ousam. Então é uma característica bem do Joaquim.”*  
(Professor A)

*“(...) o Joaquim consegue ter uma clareza e uma maturidade de estudante que a gente não vê no todo, assim, em todos os alunos (...) ele sabe com clareza ver a importância de ser assíduo, de fazer os trabalhos.”*  
(Professora B)

Esta professora ressalta que sempre foi procurada pelo aluno, no sentido de sanar dúvidas com relação ao conteúdo, justamente pela preocupação que existia dele melhor aproveitar a disciplina. Destaca que as discussões sempre foram baseadas no bom senso e que a sua maturidade era excepcional.

Um dos colegas de Joaquim lembra que ele tem muita facilidade com os conteúdos propostos, especialmente aqueles de cunho teórico, que exijam muita reflexão. Comenta da capacidade que ele possui em estabelecer relações entre as concepções teóricas da filosofia, sociologia e a Educação Física.

Tal qual o seu colega Manuel, Joaquim parece ser daqueles alunos raros. Com profundo interesse e dedicação pelo curso de formação, considera também que as relações humanas (boas relações) devam ser parte das preocupações da universidade.

### **4.3 – JOÃO LUIZ**

#### **Biografia**

Solteiro e sem filhos, João Luiz divide, em Florianópolis, uma casa com seu irmão e um colega. Natural de Tubarão/SC, onde nasceu há 25 anos, trabalha há algum tempo com bolsa de monitoria. O dinheiro que recebe desta fonte serve para contribuir com as despesas geradas por morar fora da cidade natal. Aos finais de semana trabalha com recreação, num projeto patrocinado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, através da Fundação Municipal de Esportes.

Educação Física não foi sua primeira opção como curso de formação. Estava decidido a prestar vestibular para Medicina. Foram três tentativas. Todas em vão.

Aconselhado por um professor de cursinho pré-vestibular, ingressou no curso de Física na busca de subsídios para se sair bem nas provas de matemática e física. Ainda não era o que ele queria. Fez mais uma tentativa para Medicina e outras duas para Fisioterapia.

A “febre” pela medicina, como ele mesmo chama, passou. Veio então a memória de um passado esportivo (nas aulas) muito positivo. Isso lhe deu ânimo para tentar Educação Física.

O histórico escolar de João Luiz apresenta um índice de aproveitamento acadêmico bastante elevado (acima de 9,0). Dentro da sua área de interesse deixa transparecer uma grande dedicação. Por outro lado, nota-se uma certa insegurança com relação ao futuro profissional, embora destaque que a área do treinamento desportivo o atraia e o deixa feliz.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio.**

Desde o ensino fundamental, as aulas de Educação Física eram aguardadas com ansiedade. Esta sempre foi a sua disciplina preferida, conforme ele mesmo descreveu:

*“(...) desde pequeno fui muito ligado aos esportes, (...) no colégio, desde o primário até o 2º grau, a aula de Educação Física era sempre a mais esperada.”*

Ressalta que o relacionamento com os professores desta disciplina sempre foi o melhor possível, embora não tivesse problemas com os demais. Recordando deste período, João Luiz destacou que:

*“As lembranças são as melhores possíveis porque era um momento de descontração, sempre para extravasar aquilo que a gente vivia em sala, muito tempo sentado. Como eu te falei, era a aula mais esperada da semana.”*

Ele fala com muito carinho deste tempo. A aula de Educação Física tinha um poder atrativo muito forte. Tanto que nos finais de semana, ao preparar os materiais

escolares, sempre dava “uma olhadinha” no calendário para confirmar os dias em que teria estas aulas, que eram tão ansiosamente aguardadas.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Até os seus quinze anos, João Luiz jogava futebol informalmente num campo próximo à sua casa. Com esta idade, aproximadamente, foi fazer um teste para jogar no clube Hercílio Luz, de Tubarão/SC. Passou por várias “peneiras” e foi chamado para a equipe. Entretanto, os horários de treino “chocavam-se” com os de aula. Foi impedido pelo pai. Paralelamente jogava voleibol. Foram por três anos, sem contudo, disputar competições de destaque estadual.

Ao ingressar no ensino médio, treinou basquetebol durante três anos. Neste período, disputou três edições dos Joguinhos Abertos de Santa Catarina, e outras três dos regionais de Jogos Abertos de Santa Catarina.

Para João Luiz, o nível de exigência do técnico depende exclusivamente de cada um. Com o de voleibol, mesmo sendo jogos de nível municipal, mantinha uma certa distância. “Ele era um pouco fechado”, comenta. Reconhece, porém, que sua aplicação e dedicação eram valorizadas. Já com o de basquetebol, mais extrovertido, sua relação era de afetividade. Contudo, lembra que se o técnico percebesse que o atleta poderia render um pouco mais em determinado aspecto, ele “puxava” mais. Por outro lado, fazia isso com todos, sem discriminação.

João Luiz avaliou este tempo de forma positiva:

*“(...) a gente se relacionava muito bem, até porque o convívio era intenso durante os treinamentos e as viagens (...). Até hoje não me arrependo em nenhum aspecto. Por causa desta participação conheci muitos lugares, pessoas. Se não tivesse participado seria um adolescente normal, sem as experiências que tenho hoje.”*



## Expectativas para a Formação Inicial

Atribui a escolha do curso, às boas lembranças dos tempos escolares e competições esportivas, embora tenha tentado por várias vezes o vestibular para medicina e fisioterapia, como destaca:

*“Daí a febre pela medicina passou um pouco, caí na real. E daí, olhando para trás, toda a minha vivência esportiva no colégio, disputando campeonato, meu relacionamento como atleta e com o treinador, eu resolvi optar por Educação Física. E hoje, praticamente terminando o curso, não me arrependo nem um pouco e costumo dizer para o pessoal que convive comigo que nunca serviu tão bem aquele ditado de que “há males que vem para bem”.“*

Ficou um pouco receoso, logo que entrou na graduação, por saber que se tratava de um curso de licenciatura e que o seu gosto maior era por esportes. Entretanto, não tardou a perceber que o curso não era tão restrito assim e que ele poderia aproveitar para além do ambiente escolar. De acordo com João Luiz:

*“(...) eu fui porque eu gostava muito de esporte, mas hoje dentro do curso eu vi que tem um leque de “n” oportunidades. Que tu podes trabalhar não é só com licenciatura e, numa destas ramificações, eu me encaixei e hoje estou muito feliz.”*

## Transição de Entrada na Formação Inicial

O primeiro contato com a UFSC ocorreu quando ingressou no curso de Física, em 1996. Desta forma, quando iniciou a graduação em Educação Física, já conhecia a estrutura da universidade. Isto fez com que ele não tivesse problemas de adaptação à instituição de ensino.

Já seu primeiro contato com professores e com colegas foi um pouco mais difícil. Segundo o próprio estudante:

*“(...) custou um pouco a engrenar a máquina, mas hoje estou muito feliz.”*

A impressão passada por ele, é que, parte destas dificuldades eram decorrentes das expectativas anteriormente frustradas com os seus primeiros vestibulares. Além disso, o receio por ser um curso de licenciatura ( já que sua vontade primeira não era trabalhar em escola) e, o fato de já ser um pouco mais velho que a maioria dos demais alunos ( e não “saborear” as expectativas da mesma forma). Contudo, como destaca, hoje ele já superou tudo isso e se sente feliz.

### **Progressão na Formação Inicial**

O estudante respeitou a oferta de disciplinas por fase, cursando todas. A única exceção foi feita quando estava na 3ª fase. Por considerar o professor de uma determinada matéria muito rígido pediu o trancamento da mesma. Ele conta que :

*“(...) o método dele era muito rígido, ele pensava que estava dando aula para o doutorado..”*

Concluiu esta disciplina na 4ª fase e fez as optativas necessárias, de acordo com o seu interesse.

Costuma ler o que é solicitado pelos professores e, sobretudo, assuntos que estejam relacionados à sua área de interesse.

Sentindo-se “pesado” por depender financeiramente de seu pai, João Luiz buscou um trabalho no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC. Atuou neste setor por dez meses, cuidando de crianças. A partir da 4ª fase conseguiu uma bolsa de estágio no Núcleo de Tênis da UFSC, onde está até a presente data. Lá desenvolve num projeto de extensão, dando aulas a iniciantes na modalidade. Também realiza este mesmo tipo de atividade no projeto Banco do Brasil. Neste último caso, as aulas são ministradas em escolas.

João Luiz admira nos professores a capacidade que os mesmos têm de prender a atenção do aluno. De fazer com que se interessem pelo conteúdo. Faz críticas àqueles que se utilizam muito de transparências para dar aulas, assim como dos que “sabem demais” e que não conseguem fazer com que o aluno assimile o conteúdo.

Com relação às estratégias que utiliza para ter um bom aproveitamento no curso, comenta que quando precisa realizar atividades em grupo, às vezes prefere fazer tudo sozinho do que correr o risco de deixar aos cuidados dos colegas e não ficar do jeito que gostaria. Prefere fazer tudo com o máximo de antecedência possível.

Considera-se bastante exigente consigo. Diz não conseguir atuar a 50%, quando faz algo é para ser 100%, na busca da nota máxima. Em sala, faz anotações sobre o assunto do momento. Procura prestar muita atenção às aulas. Estuda com o máximo de antecedência para realizar provas e, na realização de trabalhos busca uma variedade grande de livros, e informações via internet. Procurando a forma mais completa possível.

Preferiu não destacar colegas e professores para serem entrevistados.

### **Transição de Saída na Formação Inicial**

João Luiz já deixou claro que deve se encaminhar para a área do treinamento esportivo. Mais especificamente, para a modalidade de tênis de campo. Na busca de aperfeiçoamento pretende, posteriormente, cursar uma especialização e/ou mestrado. Acredita ter “se encontrado” nesta formação e tem propósitos de avançar, conforme comentou:

*“(...) eu defini como a preparação física do tênis, que é a parte que eu estou me identificando muito. (...) Eu acredito que eu tenho possibilidade de crescer dentro do campo profissional. Desenvolver bons trabalhos(...). Tenho esperança que eu vou até o fim naquilo que eu busco, que eu procuro, que eu persevero (...).”*

Com relação as disciplinas que não são da sua área de interesse, diz não se considerar frustrado por ter que assisti-las, pois as encarava como um ensinamento a mais para a sua vida. Contudo, vê a necessidade da universidade esclarecer melhor os futuros estudantes sobre o currículo de um curso de licenciatura para evitar frustrações posteriores àqueles que pretendem trabalhar somente fora da escola. Faz este comentário por entender que este profissional não sairá bem

preparado em virtude, justamente, daquilo que um curso de licenciatura tem a oferecer.

#### 4.4 – VASCO

##### Biografia

Natural de Jacutinga/RS, Vasco tem 23 anos, é solteiro e não possui filhos. Reside atualmente em Florianópolis, dividindo a moradia com um colega de turma. Ainda conta com a ajuda dos pais para se manter em uma cidade distante da sua terra de origem, apesar de ter uma bolsa do PET (pesquisa em treinamento).

Antes de fazer o vestibular para Educação Física, já havia passado para Informática. Nesta época foi convocado à servir o exército. Ficou um ano por lá e abandonou o curso. Queria mesmo era Fisioterapia. Fez dois anos de cursinho, passou no vestibular para este curso, numa universidade particular e também para Educação Física, na UFSC.

Como sempre teve uma boa relação com os esportes e com a Educação Física, preferiu esta opção (até por ser numa universidade pública é gratuita), demonstrando muita seriedade, responsabilidade e gosto por esta formação. Da mesma forma que os seus colegas citados anteriormente, Vasco possui um dos índices mais altos de aproveitamento no curso (acima de 9,0). É considerado por seu colega e professores entrevistados como uma pessoa muito dedicada e que se integra muito bem ao grupo, não importando o tipo de atividade a ser desenvolvida por eles. Sobretudo, a responsabilidade e maturidade deste aluno é destacada, conforme comentam:

*“(...) tem uma contribuição incrível (...) é uma pessoa muito participativa em todas as circunstâncias, tanto em aula, como na extensão. Ele está sempre contribuindo.(...) Responsabilidade. É uma pessoa que tem compromisso com as coisas que exerce (...) pontualidade, seriedade no trabalho, observação, participação.” (Professor A)*

*“(...) ele tem muita maturidade do ponto de vista de responsabilidade pessoal, de organização com o material dele, com os interesses dele, com o tempo dele.”*  
(Professor B)

*“(...) ele é um cara bem mais maduro que o resto da turma, (...) não perde o prazo de nenhum dos trabalhos, (...) ele ta sempre integrado no que a turma resolver, seja um churrasco, tudo. Ele não tem distinção por disciplina. Toda disciplina ele faz com dedicação, faz para aprender.”* (Colega A)

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Na séries iniciais, lembra-se de aulas recreativas. De 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries a Educação Física era a aula que mais gostava, onde o handebol e voleibol eram as modalidades preferidas. Nesta época, comentou que *“não via o momento de chegar o dia e a hora para estar lá jogando.”*

Teve sempre um bom relacionamento com os professores, destacando que até hoje eles são seus amigos.

Com relação à avaliação destas experiências com a Educação Física, destacou:

*“Foi uma experiência muito positiva. Eu era assim, meio individualista e por causa do esporte, acho, eu me tornei mais sociável, mais compreensivo.”*

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Ele lembra, também, com muito carinho da época em que treinou futsal e voleibol. Conta que não havia um técnico específico. Era o próprio professor de Educação Física quem realizava os treinamentos. Embora as competições das quais participava não fossem de nível estadual, levava os treinos a sério e era bastante exigente consigo próprio.

A relação com o técnico/professor sempre foi muito boa, de amizade. O treinador exigia o que os alunos podiam oferecer. Sabia o limite, até onde poderiam chegar. A avaliação que faz deste tempo é que foi, possivelmente, a melhor fase de sua vida.

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

A escolha pelo curso de Educação Física se deveu, basicamente, em virtude de haver passado para uma universidade pública. Já que para sua primeira opção, Fisioterapia, só obteve aprovação em uma universidade particular. Lembra ainda que as experiências positivas com os esportes e com as aulas ligadas a esta área nos tempos escolares contribuíram para sua escolha.

Como muitos dos seus colegas, a expectativa de Vasco, antes de entrar no curso, é que tivesse uma grande ênfase na parte prática. Depois de ler o currículo, se deu conta que haveria muita aula teórica, teria que refletir bastante. Destaca, entretanto, que está gostando da formação que vem recebendo e suas expectativas para o futuro são positivas.

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

O período de adaptação à capital catarinense trouxe um pouco de receio, já que sua procedência era de uma cidade do interior de outro estado. O fato de, inicialmente, mostrar-se um pouco tímido pode ter dificultado os primeiros contatos com os colegas. Algo superado em poucos dias.

Sobre as suas primeiras impressões, comentou:

*“Eu cheguei aqui um dia antes da aula. Eu não conhecia nada. Eu sou de Jacutinga, no Rio Grande do Sul. Eu cheguei com bastante desconfiança, apesar de não conhecer ninguém (...). Nos primeiros dias eu pensei em desistir, mas depois a minha relação com a turma foi melhorando. Eu gosto bastante da minha turma. E eu continuo tendo uma boa impressão dos professores.”*

Este aluno parece estar disposto a aproveitar bem as oportunidades de ganhar experiência neste período de formação inicial. Logo que entrou no curso já se envolveu em atividades voluntárias, as quais dedica muita atenção e cuidado. Os professores que coordenam tais projetos, revelaram:

*“(...) eu tenho um projeto de extensão que é com atividades corporais, vivenciando o corpo num ambiente líquido, com crianças de 3 a 6 anos no NDI, e trabalham neste projeto 6 voluntários que não recebem absolutamente nada em termos financeiros, só em termos de conhecimento. O Vasco foi uma pessoa muito interessada, me procurou para fazer parte deste programa.”* (Professor A)

*“O Vasco trabalha comigo até hoje de um trabalho que não tem nada a ver com a aprendizagem, que é na musculação, voluntariamente.”* (Professor B)

A responsabilidade, dedicação, carinho e maturidade deste aluno foram destacadas por seus professores e colegas entrevistados.

#### **4.5 – MARIA DE FÁTIMA**

##### **Biografia**

Bom humor, dedicação e amizade. Estas são algumas das características lembradas pelos colegas e professores entrevistados desta florianopolitana. Aos 19 anos, Maria de Fátima é solteira, morando com a mãe. Sobre a sua pouca idade, um dos professores comentou:

*“Maria de Fátima é a garotona da turma, mas consegue conciliar esta questão de idade, de pouca idade, de pouca experiência, com muita vontade e muita curiosidade. Coisa que eu acho fundamental para um bom aluno (...).”* (Professor C)

O senso de humor e de amizade dela foi destacado por um dos seus professores e por um colega entrevistados:

*“(...) tenho boa lembrança, (...) pelo senso de humor que ela tinha, o aspecto positivo do comportamento dela. Sempre ativa, sempre bem humorada e excelente aluna. (...) lembro bem do comportamento amigável, enturmado.”*  
(Professor A)

*“Como amiga, devem existir poucas pessoas iguais à ela, em termos de amizade real. É uma pessoa extremamente magnífica, para se viver, para trabalhar. Ela é um ponto de referência.”* (Colega A)

Está cursando a 4ª fase e, de acordo com o seu histórico escolar, apresenta um IAA bastante elevado (acima de 9,0). Destaca-se na sua turma por ser atleta, na modalidade de atletismo. Experiência que aplica, voluntariamente, em um importante projeto destinado a atender crianças carentes.

Para se manter financeiramente, além de contar com a ajuda dos pais, recebe uma bolsa-auxílio por ser atleta da Fundação Municipal de Esportes de Florianópolis. Eventualmente, trabalha com recreação infantil, em datas específicas.

Maria de Fátima parece “respirar” Educação Física e esportes. Aparentemente “desligada”, quando fala sobre este assunto seus olhos brilham. Dedicar-se totalmente ao que está realizando no momento, procurando fazer tudo da melhor maneira possível.

Embora saiba que sempre desejou fazer Educação Física (e conta com o apoio da família), deseja obter outra formação que complemente os seus conhecimentos nesta área (Fisioterapia ou Nutrição).

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Não lembra de ter atividades de cunho recreativo no ensino fundamental. Até onde lembra, os esportes estiveram presentes nas aulas de Educação Física desde o início de sua vida escolar.

Na 8ª série do ensino fundamental e primeira do ensino médio, foi dispensada destas aulas por fazer esportes em horário diferente. No 2º e 3º anos mudou de colégio, passando a participar das aulas de Educação Física, que também eram



sempre relacionadas às atividades desportivas. Das aulas desta disciplina recordou-se:

*"(...) sempre gostei. Sempre era o que eu queria. Mesmo que muitas vezes eu não era a escolhida do time. Mas, mesmo assim eu gostava, participava. Tentava participar de todos os jogos que tinha."*

Para ela, a experiência desta época foi muito boa, justamente por ter tido contato com esportes desde muito cedo.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Desde os seus 9 anos de idade, Maria de Fátima se dedica aos treinamentos. Atualmente integra a equipe de atletismo da Fundação Municipal de Esportes de Florianópolis, representando a cidade em competições estaduais.

Entre seus bons resultados está o 2º lugar nos Jogos Abertos de Santa Catarina, conquistado no ano de 2000. À época desta coleta de dados, centrava-se na busca de índice para participar do campeonato brasileiro de atletismo.

Sobre a sua relação com o técnico, considera que é tratada como filha por ele. Uma ligação boa, que sempre deu certo. Comenta que quando ele tem que exigir do atleta respeita os limites de cada um. Além disso, procurando ouvir o que eles têm a dizer, procura conversar bastante.

Da experiência destes tempos, Maria de Fátima revelou:

*"Da forma como aconteceu, com o técnico que foi, a experiência foi boa. O técnico sempre motivou a fazer o que os jovens devem fazer nesta idade, sair, festas. O círculo de amizades ficou mais restrito ao pessoal do atletismo, porém, as relações são boas. Fiz amizades em várias cidades."*

Embora seja uma atleta dedicada, demonstra ter maturidade para compreender a importância do jovem não deixar de fazer o que é próprio da idade. O bom relacionamento entre técnico e atletas também é considerado fundamental para ela.

## **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Mesmo não sabendo exatamente no que poderia atuar com a formação em Educação Física, revelou que este sempre foi o seu ideal de vida:

*“ Eu sempre quis fazer Educação Física, mas eu nunca disse para ninguém. Eu só disse no dia em que fui fazer a inscrição (para o concurso vestibular). (...)Eu sempre tentava pensar em outra coisa, só que eu sempre quis fazer Educação Física. Tive bastante apoio da minha família porque eles sabiam que era isso que eu queria. Que eu poderia dar certo.”*

As expectativas com relação ao curso são boas, embora reconheça que ao entrar na graduação ainda não havia definido em que área gostaria de atuar. Assim como destaca que somente com o que é oferecido não é possível sair com uma boa formação. Ela considera que há muito o que se aprender nos projetos desenvolvidos na universidade. Na sua avaliação, o curso vem conseguindo cumprir com as expectativas.

## **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Seu ingresso na UFSC se deu de maneira tranqüila, já que a mesma realizava seus treinos nesta instituição desde os doze anos. Conhecia bem o local e as pessoas que circulavam naquele espaço.

A primeira impressão dos colegas foi “meio estranha”. Eram pessoas muito diferentes umas das outras (Maria de Fátima é da mesma turma de Joaquim). Com o tempo foi se adaptando e hoje considera a sua turma como uma das mais unidas da universidade. Para ela, hoje são todos muito amigos.

Com relação aos professores, comenta que, como em qualquer outro curso, há os bons e os que deixam a desejar. Lembra que na 1ª fase havia um professor que faltava tanto que, para os alunos, é como se ele tivesse reprovado por freqüência.

## Progressão na Formação Inicial

Maria de Fátima segue a grade curricular normalmente, conforme o que é oferecido para cada fase. Contudo, já deixou de fazer uma disciplina num determinado semestre em virtude de querer ter uma melhor aula com um melhor professor (o titular, com o qual queria ter aula, estava afastado e seu substituto não lhe parecia tão competente).

Sobre os seus hábitos de leitura reconhece que lê o que é obrigatório, quando precisa dar aulas ou participar de algum projeto. Sua preferência é por aquilo que seja da sua área de interesse.

Voluntária em um projeto da própria universidade dá aulas de atletismo para um grupo de crianças carentes. Gosta tanto desta atividade que, se necessário for, deixa de cursar uma disciplina que impossibilite este trabalho. Também participa do Centro Acadêmico, mesmo não fazendo parte da diretoria. Atua como colaboradora, por achar importante envolver-se mais com este segmento.

Admira os professores que conseguem fazer o aluno participar das discussões, que sabem se comunicar. Critica aqueles que, mesmo com o título de doutor, não possuem a didática necessária para despertar o interesse do aluno.

Mesmo dispondo de pouco tempo para estudar (normalmente estuda para as provas perto delas acontecerem), Maria de Fátima é bastante exigente consigo mesma.

Sobre o seu aproveitamento no curso, professores e colega entrevistados foram unânimes:

*“Sem dúvida nenhuma ela teve um bom desempenho na disciplina. Ela ficou com uma das melhores notas e ao longo do semestre eu lembro bem da sua participação.”*  
(Professor A)

*“(...) é uma pessoa que praticamente não teve nenhuma falta. Sempre participou nas aulas. (...) ela procurava fazer de forma bem correta todas as atividades que fizeram parte da disciplina”*(Professor B)

*“(...) uma menina que despertou a atenção porque eu já sabia que ela participava de projetos no atletismo e, portanto, a gente já sabe que é uma pessoa que se interessa pelas questões além da sala de aula. (...) teve um aproveitamento nas duas disciplinas muito bom.” (Professor C)*

*“O aproveitamento do curso é bom. Ela é extremamente dedicada, extremamente estudiosa. (...) tenta fazer o melhor trabalho possível, valendo ou não valendo nota (...) quer tirar o melhor dela mesma. (...) O aproveitamento dela é 100%, não importa em qual sentido você queira avaliar.” (Colega A)*

Procura prestar muita atenção às aulas, buscando ler tudo o que é solicitado. Quando chega na sala gosta de saber um pouco sobre o que será tratado naquele dia. Um dos professores entrevistados lembrou:

*“(...) sempre muito interessada em levar os trabalhos dela no limite máximo que ela podia como aluna (...), em questionar as anotações que eu fazia. Em tirar todas as dúvidas, independente de pensar se tinha razão ou não, ter vergonha ou não das dúvidas dela.” (Professor C)*

Ao realizar atividades em grupo, procura dividir bem as tarefas e variar as pessoas com as quais trabalha. Faz isso para ter oportunidade de conhecer melhor os colegas e aprender mais com as diferenças. Solicitado a falar a respeito de Maria de Fátima, Joaquim e Vasco (próxima biografia), um dos professores entrevistados enfatizou:

*“Com relação às atividades com o grupo de colegas, os três mostraram sempre, em todas as aulas que eu pude prestar atenção nisso, participação. Os três são alunos que têm uma empatia do grupo. Os três mostraram participação com a turma em geral. Nunca os vi fazendo parte de uma panelinha ou de um grupo específico. (...) eu vejo muito o lado deles de estar aqui na universidade valorizando a oportunidade, o tempo que eles têm e as pessoas que eles encontram.” (Professor C)*

Seu colega entrevistado também destacou:

*“A participação dela em atividades junto a turma é 100%. (...) A participação em atividades junto aos colegas talvez seja o que melhor descreva a Maria de Fátima.” (Colega A)*

Maria de Fátima diz nunca ter “colado” na universidade por considerar que os conhecimentos que levar daqui são muito importantes para o seu futuro. É necessário aprender mesmo. Além disso, destaca aqueles colegas que elevam o nível das discussões em sala de aula e, especialmente os que são solidários no sentido de ajudar os que estão com dificuldade num determinado conteúdo.

De acordo com Maria de Fátima, a greve ocorrida em 2001 interferiu no processo de formação de maneira negativa. Percebeu-se pela sua fala que, embora goste muito do campo dos esportes, tem muita preocupação com as questões relacionadas ao ensino, Especialmente com as crianças, com quem está iniciando. Demonstra muito cuidado com a responsabilidade que envolve esta profissão e suas muitas possibilidades.

## **4.6 – MANUEL**

### **Biografia**

O silêncio da biblioteca setorial do Centro de Desportos da UFSC embala os pensamentos de Manuel. Ele lembra de sua filha de cinco anos. A menina mora com a mãe, em Concórdia, no meio-oeste catarinense, cidade onde ele nasceu. O nascimento da criança não significou o transpassar as portas do casamento. Atualmente ele divide com outros três amigos um apartamento em Florianópolis.

Logo na primeira conversa ele deixa transparecer o amor que tem pela profissão escolhida. E parece que ele sempre soube que gostaria de trabalhar com a Educação Física.

Seu contato com o esporte começou ainda na infância, na escola em Concórdia, onde o xadrez faz parte da grade curricular das unidades de ensino da rede municipal. Atleta de destaque, acabou sendo convidado para ser técnico da

modalidade. Ainda hoje mantém este vínculo, apesar de não mais residir naquela cidade, o que lhe rende parte do seu sustento na capital de Santa Catarina.

Além disso, ele é bolsista de iniciação científica e desenvolve projetos de pesquisa na Universidade Federal de Santa Catarina. Para complementar a renda, eventualmente trabalha com arbitragem. Cada atividade é realizada com total dedicação. Buscando seu aprimoramento profissional e pessoal, ele investe na leitura, participação em projetos, eventos científicos, publicações, entre outros.

Cursando a 7ª fase (corresponde a penúltima fase do curso), com 22 anos, ele mantém um índice de aproveitamento bastante elevado (acima de 9,0), que é comprovado pelo seu histórico escolar.

Respeitado e admirado por seus colegas e professores, que o consideram um profissional “pronto”, Manuel é lembrado pela sua generosidade, solidariedade, dedicação e iniciativa.

Manuel considera-se feliz por ter escolhido esta formação universitária.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, a aula de Educação Física era uma das suas preferidas. Embora, nos primeiros anos de escola, se sentisse discriminado por ser “gordinho” e por não ser dos mais “habilidosos” da turma, conforme comentou:

*“No futebol ia para o gol e dificilmente era escalado para a linha (...) vivi um paradoxo, ao mesmo tempo que gostava das aulas, sentia-me excluído”.*

No ensino médio as aulas de Educação Física, que eram mais recreativas, também o agradavam. Interessado por esportes, sua relação com os professores desta área sempre foi de afetividade, forte amizade.

Avalia este período como muito rico em termos de experiência, pois vivenciou o lado positivo e negativo das aulas de Educação Física. Pode perceber que muito do que se discute hoje na formação inicial (exclusão, aspectos pedagógicos,

rendimento,...) já faziam parte das aulas de seu tempo escolar. Lembra que na época em que dava aulas de xadrez e estava inserido nas discussões dos colegas já formados, percebia um certo distanciamento entre o discurso e a prática:

*“ eles tinham discurso, né, muito bem fundamentado em teorias críticas, digamos assim. A Educação Física podia ser diferente, que tinha opções, mas ao mesmo tempo, enquanto eu era aluno deles eu era o gordinho e ia para o gol. Então eu queria entender porque isso acontecia e achava, como ainda acho, que a raiz do problema ou, pelo menos, grande parte do problema está na formação, está na universidade.”*

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Um certo teste, na SADIA/Concórdia, não lhe sai da memória. Como não possuía tênis adequado ficou de fora, e não pode ingressar na equipe de futsal. O mesmo ocorreu com o judô, modalidade que praticou até o seu “quimono” deixar de servir. Entretanto, na escola jogava xadrez e como se saía bem nas aulas, treinava sistematicamente nos horários extra-classe.

Sua vida de atleta foi bem sucedida. Em 1992 (com 12 anos) foi convidado à participar dos Joguinhos Abertos de Santa Catarina. A equipe pela qual competiu sagrou-se campeã. Houve uma progressão na carreira esportiva. Em 1997 foi vice-campeão brasileiro na categoria até 18 anos. Nesta mesma época foi convocado à integrar a equipe que representaria o Brasil no Pan Americano.

Seu treinador costumava dar “sermões”, embora a relação entre os dois fosse de amizade e cordialidade. Mas, era ele mesmo quem mais lhe fazia cobranças. Manuel destaca esta experiência com o esporte de rendimento como tendo sido a principal de sua adolescência e que o motivou definitivamente a cursar uma universidade distante de sua terra natal. Atualmente, ainda mantém o vínculo com o xadrez, através da Fundação Municipal de Concórdia, sendo o técnico que representa esta cidade em competições.

## **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Considera como determinante para a escolha desta formação profissional a grande vontade de ser professor, além das experiências anteriormente vivenciadas nas aulas de Educação Física e como atleta e treinador.

Embora goste muito da carreira de atleta e técnico, desde cedo desenvolveu o gosto pelo ensino e está determinado a direcionar a sua formação para atuar em escolas.

Ao passar no exame do vestibular, criou uma série de expectativas. Como já convivia com outros colegas da área da Educação Física, por ser professor de xadrez, procurou inteirar-se da profissão:

*“(...) comecei a observar melhor os professores e questionar os problemas que viviam na prática. Procurei ler, me inteirar mais sobre a Educação Física e as tendências da época (escola, rendimento)”.*

Por tudo o que deixou transparecer na entrevista, conversas informais e pelo que os colegas e professores disseram a respeito de Manuel, este estudante já possuía um conhecimento anterior muito grande sobre a profissão. Determinado e dedicado desde o momento em que decidiu por esta formação, demonstrou um grande respeito pela profissão escolhida e um diferencial muito grande em relação aos demais estudantes, justamente por já ter trazido, além da experiência anterior, muita leitura e conhecimento acerca da formação pretendida.

## **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Um pouco “perdido”. Assim ele define seu primeiro contato com a UFSC. Apesar das muitas nomenclaturas, que parecem fazer parte de um código secreto, ele tentou se familiarizar logo com o seu futuro espaço de aprendizado. Sentiu a responsabilidade gerada pela nova situação (longe da família, um local desconhecido). Sabia que dali por diante a responsabilidade por seu desempenho era sua.



Quanto aos professores, ele observou que a maioria deles tentava estabelecer uma relação horizontal, de respeito e igualdade. Uns poucos, porém, delimitavam espaços. De qualquer modo, sempre soube lidar com estas questões e logo demonstrou boa vontade em ter um bom entendimento com os professores.

Já com os colegas de turma, os primeiros contatos basearam-se em "rótulos". Como já tinha alguma experiência na área, além de uma leitura anterior, costumava se posicionar diante das discussões apresentadas em sala o que, de certa forma, o fazia parecer "melhor que os outros". Entretanto, aos poucos ele fez amizade com os colegas. Manuel não considera que isto tenha sido um problema nesta transição de entrada à universidade.

Tanto professores quanto colegas salientam que, nesta fase, Manuel chamava muito a atenção por ser um aluno acima da média. Estudioso, já demonstrava grande afinidade com a pesquisa e possuía grande argumentação para debater os assuntos da área apresentados pelos professores.

### **Progressão na Formação Inicial**

Manuel seguiu normalmente a grade curricular obrigatória, escolhendo as disciplinas optativas de acordo com o seu interesse profissional. Embora não desconsiderasse o valor das demais disciplinas.

Quando o assunto é leitura ele procura ir além do que lhe é exigido no curso. Principalmente quando o tema é da sua área de interesse. Por conta do pouco tempo que dispõe, muitas vezes acaba lendo somente o que é necessário naquele determinado momento. Entretanto, preocupa-se em fazê-lo com qualidade, na busca de algo que lhe renda um conhecimento novo.

Manuel gosta de participar e se envolver em todos os segmentos onde o estudante possa ter representação:

*"Logo que entrei no curso tive contato e participei de projetos no PET. Logo percebi que queria ser pesquisador. Fiquei 22 meses lá. Atualmente estou com bolsa de estágio obrigatório, vinculado a um projeto do MEN. Faço parte do Centro Acadêmico e sou*

*representante discente no Conselho da Unidade. Em 1999 fez parte da Secretaria Estadual do CBCE.”*

Uma de suas colegas (estudante A) comentou a respeito do seu aproveitamento em relação a pesquisa:

*“(...) durante o curso, o Manuel tentou ao máximo aproveitar as oportunidades. Ele tem um potencial e facilidades muito grandes com relação à pesquisa.”*

Os professores também reconhecem as características que o fazem um estudante tão especial. Um deles fala da seriedade e compromisso que o aluno assume, ao buscar aliar a sua consciência política às competências que a formação deve oferecer em favor da educação. Lembra ainda da capacidade intelectual de Manuel, que por várias vezes teve seus trabalhos reconhecidos no estado e no Brasil:

*“Manuel é um aluno daqueles que não passa despercebido em um ambiente educacional (...) fez um excelente trabalho com as crianças ao coordenar, como professor de classe e de Educação Física, a operacionalização de um projeto de Educação Física pensado de forma multi e interdisciplinar no qual se propunha a resgatar as brincadeiras das crianças, dos pais e da comunidade dos assentados no lugar (projeto desenvolvido com pessoas do Movimento dos Sem Terra) e transformá-las em conteúdos das aulas de Educação Física.(...)construiu regras de utilização dos brinquedos não só para a classe com a qual estava trabalhando, mas também envolveu a escola toda no pensar e estabelecer as regras de utilização, socialização e manutenção dos brinquedos, através de uma estratégia pedagógica exemplar e inédita. (...) Ele ainda é notável por seu engajamento político.(...) desmistifica a idéia de incompatibilidade entre formação e militância política articuladas à competência técnica e acadêmica,(...)”(Professor “A”)*

*“... a possibilidade dele ser assim um profissional com relativo êxito, está exatamente por estas possibilidades, características investigativas, de não estar acomodado de*

*iniciativa, de não ter medo do desconhecido, do aparentemente desconhecido.” (Professor “B”)*

*“(...) ele era um diferencial na turma,(...) pelas contribuições teóricas, porque o grupo de pesquisa onde ele trabalha adota a teoria crítica da escola de Frankfurt, então ele qualificou o debate, que se aprofundou com a participação dele(...) trazia muitos exemplos(...) na auto avaliação sempre foi muito criterioso.” (Professor “C”)*

Manuel destacou como principal qualidade em seus professores a sintonia entre a teoria e a prática. Os debates que são possibilitados em aula, o planejamento conjunto e até as conversas nos corredores são lembradas como significativas na sua formação. Para ele, um destes foi o professor “A”:

*“(...) sem dúvida nenhuma mostrou na prática que a teoria é possível, que é possível uma articulação forte entre discurso e prática, e a disciplina que eu tive com ele foi fundamental pra eu poder pensar a possibilidade de uma Ed. Física diferente, principalmente voltada pra escola, se você for ver eu sempre saliento isso, que a minha formação foi sempre voltada pra ed. Física escolar, por conta dessa minha ligação com esse campo”.*

Lembrou também da contribuição de outro professor, “D”, que:

*“foi uma figura importante da Educação Física escolar brasileira (...) tem uma humildade muito grande e dialoga com a gente de igual por igual (...). É um diálogo na horizontal...ao mesmo tempo, ele não abre mão da autoridade pedagógica que é própria do professor”.*

A respeito dos colegas, lembra daqueles que contribuíram particularmente com os debates e diálogos com argumentos sólidos, capazes de promover reflexão a respeito do assunto tratado naquele momento.

Manuel mostrou-se bastante exigente em tudo o que se envolve:

*“O meu nível de exigência é muito alto. Sou muito crítico. Posso sempre melhorar (...). Em trabalhos em grupo, acumulo funções e termino por centralizar, por achar que os colegas poderão não dar conta”.*

A colega "A" lembrou do esforço e dedicação de Manuel e de que o seu êxito não é "por acaso":

*"(...) eu admiro muito nele é realmente o empenho dele em pesquisar, estudar...É uma pessoa extrovertida, tem uma liderança muito grande. Na turma ele puxa as discussões, o desenvolvimento da aula com o professor. Quando ele apresenta os trabalhos, faz belas argumentações. Ele tem facilidade de elaborar, de apresentar as coisas e passar para os outros, socializar(...). Com certeza, esse conhecimento que ele tem, essa qualidade que ele apresenta é porque ele busca bastante, não é do nada. Ele busca, participa de palestras, vai em eventos, ele trabalha bastante junto com os professores, ele é bastante esforçado, dedicado."*

Sobre este assunto seus professores destacaram:

*"A participação dele (na disciplina) era intensa e efetiva (...) auxilia muito na dinâmica da aula."( Professor C)*

*"Associar as potencialidades que a turma em si tinha, individuais, com a produtividade em favor do grupo, acho que essa era uma das qualidades forte do acadêmico." (Professor B)*

*"Possui muita disciplina e rigorosidade acadêmica (...). É solidário e generoso com os colegas (...). Possui uma grande afinidade com o bom diálogo (...) apresentava seus trabalhos sempre em dia e com uma qualidade acima da média dos seus colegas (...) uma pessoa que há bastante tempo já percebi não ser somente um aluno, mas, muito mais do que isso, um colega profissional talentoso tanto por suas idéias e competência quanto pelos princípios éticos que norteiam sua vida, com os quais tenho muito aprendido." ( Professor A)*

Manuel procura deixar a sua marca pessoal nas atividades que desenvolve. Busca realizar estas atividades com o máximo de qualidade, embora admita já ter feito trabalho "ao gosto do professor", mesmo sentindo-se constrangido por isso. De modo geral, suas estratégias de estudo o auxiliam na obtenção do seu êxito acadêmico e profissional. O respeito profissional, carinho e admiração ao seu

empenho e aproveitamento no curso ficaram demonstrados em todas as entrevistas complementares que foram realizadas a seu respeito.

### **Transição de Saída na Formação Inicial**

Prestes a concluir a graduação, Manuel tem posicionamentos bem definidos a respeito de sua formação e dos problemas detectados durante a sua socialização ocupacional:

*“Acredito ter traçado o meu caminho quando entrei no curso. Minhas expectativas são de poder dar continuidade aos estudos e tornar-me um pesquisador (...). Preocupo-me com a formação científica, principalmente com a área pedagógica.*

*Tenho ideal de retornar à universidade para trabalhar com formação de professores. Tenho uma auto-percepção de formação diferenciada, em alguns aspectos estou bastante avançado. Creio ter uma boa qualificação. Além do que é oferecido no curso também busco a minha formação, que é um processo contínuo e que sempre há muito o que aprender”.*

Além de sentir o desgaste referente à dinâmica do semestre, no qual a prática de ensino (estágio obrigatório) é oferecida em horário oposto ao das aulas (o que dificulta aqueles que já têm uma profissão encaminhada), Manuel destaca que é nesta oportunidade que realmente vai ter contato com o ensino. Ali ele vai deixar de ser apenas aluno para ser aluno/professor. É quando ocorre o contato efetivo com a escola, com o campo de atuação. É o momento em que vai socializar os seus conhecimentos acumulados durante o curso, nas diversas disciplinas. Manuel comentou a este respeito:

*“(...) a gente vai ter resposta pras velhas perguntas que norteiam a Educação Física. Que a gente vai conseguir ir lá pra escola, aplicar uma metodologia inovadora, fazer com que os alunos saiam de lá contentes, que tenham uma Educação Física diferente, supostamente revolucionária, capaz de dar conta dos problemas da sociedade. E, na verdade, a gente chega no estágio com*

*muito mais dúvidas do que respostas , com muito mais angústias do que certezas e a sensação é que aqueles três anos que se passaram não serviram pra muita coisa não.”*

Ele apresenta duas possíveis causas para este tipo de problema, enfrentado especialmente por aqueles alunos que nunca tiveram experiências anteriores com o ensino, além de reforçar que quando a formação inicial é deficiente as experiências anteriores como alunos acabam se sobrepondo a formação recebida.

O primeiro problema apontado foi:

*“(...) a falta de identidade que existe dentro do nosso curso, no sentido de se ter um eixo comum em que se consiga articular as disciplinas (...) cada professor é o rei aqui dentro da universidade e toda disciplina é o centro do mundo. É um problema. Todas as disciplinas são importantes, sem dúvida nenhuma. Agora, é preciso que estejam articuladas, do contrário, a gente passa por todas as disciplinas e na hora de chegar lá na prática de ensino acaba reproduzindo aquilo que vivenciou durante 10, 12 anos como alunos (...) a vivência enquanto alunos da Educação Física escolar é muito mais forte, tem mais força na atuação do professor de Educação Física do que o próprio processo de formação pelo qual ele passou.”*

O segundo diz respeito a um problema bastante antigo dentro da Educação Física. Mas, que vem se agravando em virtude do pouco valor que se dá à disciplina de Educação Física dentro da escola e do salário pouco digno destinado aos professores, especialmente pelo poder público. Além deste fato, os outros campos de atuação oferecidos a este profissional fora da escola, em geral, são mais vantajosos e possuem um “status” com um significado social mais relevante diante da sociedade atual.

*“ a desvalorização do professor de Educação Física da escola e da escola pública sobretudo (...) é muito mais fácil dele se identificar como personal trainer, até porque é muito mais vantajoso do ponto de vista financeiro. Por aí a gente tem uma idéia de como é a nossa formação.”*

Manuel comenta que não é apenas o professor de sala de aula que sai despreparado da universidade. De modo geral, a formação oferecida para qualquer campo em que o profissional da Educação Física possa atuar é muito superficial. Ele deve buscar uma complementação fora da universidade, com leituras e com experiências. A falta de discussão séria, onde todos os segmentos representativos possam participar, dialogando desde as questões mais simples até os pontos mais “nevrálgicos” de cada curso é o maior problema dentro da universidade que Manuel observa. Para ele, somente quando a universidade, os departamentos, as salas dos professores abrirem as portas para dialogar, discutir abertamente sobre os problemas da formação inicial é que poderá haver alguma mudança substancial no quadro que hoje se apresenta.

#### **4.7 – MARIA JOÃO**

##### **Biografia**

Nascida em Florianópolis há 21 anos, solteira e sem filhos, Maria João reside com sua mãe nesta cidade. Somente agora iniciou a trabalhar com projetos na própria UFSC, em virtude disso, ainda é sustentada pela família.

Os esportes sempre fizeram parte de sua vida e foram determinantes para que ela decidisse por esta formação. Contudo, sua primeira opção era pelo curso de Psicologia. Mas, como ela mesma relata, na hora de inscrever-se, enganou-se e acabou passando para Educação Física. Sua intenção é, quando terminar esta faculdade, retornar e fazer Psicologia ou Nutrição. Qualquer um deles, para aliar com a área esportiva na futura vida profissional.

Um de seus colegas ouvidos conta que, embora no início fosse desinteressada pelo curso, hoje participa e está integrada. Para ele, Maria João é muito inteligente e tem personalidade forte” Um “gênio ruim”, como ela mesmo descreve. Acredita que por essa característica tenha superado a fase de desinteresse pelo curso. cursando a 3ª fase, tem um índice de aproveitamento

acadêmico dentro da média (em torno de 7,3). Tão logo começou a interessar-se pelo curso, buscou participar das possibilidades que a vida universitária oferece.

Atua em dois projetos. O primeiro deles de atletismo para crianças carentes e o outro de ginástica para servidores da UFSC. Além disto, é Secretária do Centro Acadêmico.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Na época de escola eram das aulas de Educação Física que ela mais gostava. Sempre se destacou na maioria dos esportes praticados. Sendo o Voleibol sua modalidade preferida.

Lembra que, em algumas situações, ela própria preparava as aulas. E, quando o professor precisava sair, também as ministrava.

Atribui ao gosto que tinha pelas atividades o bom relacionamento que mantinha com os professores desta disciplina. Diz ainda que foi nesta época que começou a ter maior interesse por esportes, através da participação nos joguinhos metropolitanos, representando a escola. Segundo ela:

*“Gostei muito e foi o que me levou a começar a procurar um treinamento mais sério para a atividade que desenvolvi depois.”*

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Ainda criança começou a participar da escolinha de voleibol da ASTEL, em Florianópolis. Com 12 anos foi convidada por um técnico do Clube 12 de Agosto, também da capital, para treinar. A experiência nova lhe agradou muito. Em pouco tempo já fazia parte da equipe e disputava Jogos Escolares, Joguinhos Abertos de Santa Catarina e Jogos Abertos de Santa Catarina. Foi campeã pelos Joguinhos Abertos. Treinar todos os dias e fazer musculação, esta foi, durante 4 ou 5 anos, a sua rotina.

A respeito do nível de exigência do técnico, ela comentou:



*“(...) ele buscava alcançar as metas dele, entendeu? Mas era do tipo bem paizão. (...) então a questão da exigência física a gente nem notava muito porque ele sabia como levar.”*

Sobre o seu próprio nível de exigência nos treinos, destaca:

*“Eu me exigia o suficiente para estar sempre entre as que estavam jogando, mas nunca pra ser a melhor de todas.”*

Avalia este tempo de maneira positiva, destacou:

*“Foi uma experiência maravilhosa. Acho que foi uma das maiores influências que eu tive pra fazer o curso, (...). Conheci bastante gente, conheci várias cidades que eu nem imaginava que existissem, (...).”*

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Atribui a escolha por esta formação (embora, não tenha sido sua primeira opção) ao fato de se identificar com os esportes e a vontade de querer trabalhar na área de rendimento. Acrescenta que gostaria de complementar este curso com outro (Psicologia; Nutrição) que possa lhe dar mais subsídios para trabalhar com atividades esportivas.

A exemplo da maioria de seus colegas, esperava, ao ingressar na Educação Física um currículo com muitas aulas práticas e muitos jogos. Também como seus pares, logo percebeu que o curso de licenciatura busca oferecer uma formação mais voltada para o ensino. Sobre este assunto destacou:

*“Olha, sinceramente, eu tinha a idéia básica que todo mundo tem. Que é muita aula, muito jogo e pouco estudo. E eu estou vendo que não é bem por aí, assim. É bem diferente do que eu pensava.”*

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Por ser natural de Florianópolis, Maria João não passou pelos problemas de adaptação à cidade. Por outro lado, como este não era o curso em 1ª opção, sentiu-se bastante distante. Segundo ela mesma, quase não freqüentava as aulas. Apenas

no último mês decidiu dedicar-se um pouco mais para não ser reprovada. Neste sentido, seu professor entrevistado destacou:

*“A turma na qual Maria João participou, ou está participando, era uma turma muito heterogênea, era um grupo que parecia não ter muito compromisso com a sua própria formação.(...) A Maria João também fazia parte deste grupo. (...) Então, eu conversei com o grupo e disse :”olha, vocês estão perdendo na qualidade”. Não era só comigo, outros professores tinham comentado que estavam insatisfeitos com eles. (...) Então a gente percebia que ela estava quase no meio do grupo. Depois, ela começou a participar e se inteirar mais, deixando mais de lado àquelas pessoas que atrapalhavam. Acho que ela tem espírito de liderança e é uma menina que tem muito a crescer e a progredir no curso.” (Professor A)*

Aos poucos foi se integrando, e, de acordo com ela, a afinidade com a maioria dos professores foi muito importante nesse processo. O colega entrevistado também confirmou o crescimento desta aluna após a sua decisão de dedicar-se um pouco mais ao curso:

*“O aproveitamento dela no curso acho que vem melhorando, agora vem crescendo. (...) Quando ela decidiu se dedicar, na 2ª fase, ela melhorou bastante. (...) No parâmetro de comparação entre a 1ª e a 3ª fase, ela deu um “salto”. Na 1ª fase era desinteressada. Já na 3ª fase é tudo ao contrário. Só melhoras.” (Colega A)*

O processo de integração com seus colegas se deu da mesma maneira, aos poucos. Excetuando-se o fato de ter iniciado tardiamente o curso, Maria João não destaca nenhum outro problema nesta fase de transição.

É válido destacar nesta entrevista que por falta de incentivo, um bom potencial pode se perder no meio do caminho. Ou nos primeiros passos, como foi o caso. Entretanto, o apoio e amizade de professores e colegas, assim como alguns “puxões de orelha” a fizeram acordar e demonstrar toda a sua capacidade de recuperação.

Maria João deixa transparecer claramente, que ainda passava por uma fase de conflito em sua vida (a decisão por uma profissão ocorre ainda no meio deste

quadro) e que a habilidade dos professores que encontrou nas fases iniciais foram determinantes para a melhora no seu aproveitamento no curso.

## 4.8 – ANTÔNIO

### Biografia

A Educação Física é a primeira faculdade cursada por Antônio. É no seu trabalho com musculação, iniciado nas primeiras fases do curso, que ele completa o auxílio que recebe de seus pais. O dinheiro serve para pagar o aluguel da casa que divide com um amigo, e para outras despesas. Solteiro, sem filhos, tem 22 anos e é natural de Uruguaiana/RS.

Seu índice acadêmico acumulado oscila dentro da média (7,6), destacando-se um pouco mais naquelas matérias da área de atuação do seu interesse (musculação).

O professor entrevistado para falar a seu respeito, lembra do aluno como uma pessoa sensata, educada, com atitudes comedidas. Ele o considera uma pessoa centrada nos seus objetivos profissionais, não se envolvendo muito com o grupo.

Para o colega destacado por este aluno, Antônio participa daquilo que lhe interessa. Embora tenha melhorado suas atitudes acadêmicas no decorrer do curso, foi um aluno que não se destacou muito.

### Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio

Antônio não é de falar muito. Do ensino fundamental recorda-se que suas aulas de Educação Física eram sobre esportes. A cada bimestre, uma modalidade diferente era apresentada. Este processo se repetia a cada ano. Ele conta que esta disciplina era ministrada em turno oposto às demais, e aos sábados. Mesmo assim, gostava de estar presente, descrevendo como sendo este o seu momento de socialização com a turma. No ensino médio, esta matéria era optativa e Antônio preferiu não participar, até por já estar envolvido com o trabalho em uma academia.

A relação que teve com os professores desta disciplina era de amizade. Não lembrando de ter tido problemas com qualquer um deles. O aluno faz uma avaliação positiva desta época e considera que foi o que o motivou a buscar a formação que recebe hoje.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Nenhuma experiência com o esporte formal de rendimento foi registrada por ele.

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Na sua opinião, as experiências anteriores com os esportes foram determinantes para a escolha do curso de Educação Física. Neste sentido, comentou que:

*“Principalmente porque nesta época me despertou coisas de saber como o organismo reagia, como me interessava muito a anatomia, a fisiologia, a Educação Física (...) gostava de esporte sim.”*

Antônio esperava encontrar no curso os conhecimentos que precisava para atender aos seus interesses profissionais. Acreditava que teria muito mais aulas de anatomia, fisiologia do exercício, entre outras, dentro desta perspectiva. Confessa que ficou um pouco decepcionado ao constatar que o curso direciona-se para a licenciatura.

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Sua adaptação à UFSC foi bastante tranquila. Recordar-se que a recepção por parte dos professores foi cordial, assim como ocorreu com os colegas. Não encontrou dificuldades nesta etapa de transição do ensino médio ao superior.

### **Progressão na Formação Inicial**

Antônio procurou seguir a grade curricular conforme já vinha estabelecida pela instituição de ensino. Lembra, entretanto, que a partir da 6ª fase começou a ter problemas de choque de horários, entre o seu trabalho na academia e a disciplina de prática de ensino. Não restando outra alternativa, viu-se obrigado a cancelar outra

disciplina, ajustando o calendário de forma a conseguir cumprir com as exigências do curso. Em virtude destas questões, acredita que não conseguirá se formar no prazo normal.

Do tipo que seleciona a leitura, diz ter vários livros sobre musculação e fisiologia. Garante que lê todos. No mais, procura ler um pouco de tudo o que lhe é solicitado, sem se aprofundar muito.

Não participa de projetos na universidade e nem se envolve em questões relativas a representação estudantil em qualquer instância. Quando o assunto lhe interessa, Antônio é exigente consigo próprio e procura fazer bem feito o que é solicitado.

Confessa preferir fazer sozinho os trabalhos em grupo. Mesmo reconhecendo que isso pode trazer problemas de relacionamento com os colegas. Comentando sobre Antônio, seu colega entrevistado destacou:

*“(...) ele não é muito retraído, sem participação. Mas também não é aquela pessoa que participa de todas as atividades realizadas junto a turma (...). O que fica frisado é que de algumas atividades ele participa e de outras não.” (Colega “A”)*

O professor entrevistado, também comentou sobre este assunto:

*“Nas atividades realizadas junto com os demais colegas (...) a impressão que ele me passou no curso é que ele é um pouco isolado dos demais. Um aluno mais introspectivo, não se envolve muito com todo o grupo. Me parece que, do mesmo modo que ele gosta de uma atividade individualizada, que é o fisiculturismo, ele também tem um comportamento individualizado (...). (Professor “A”)*

A respeito de suas estratégias de estudo, Antônio lembra que nas primeiras fases do curso sempre havia muito “xerox” para levar às aulas. À medida em que o tempo foi passando, o “bolo de fotocópias” foi diminuindo. Hoje, confessa que vai às aulas sem qualquer material. Não anota e não copia nada. Quando tem prova, estuda um pouco antes de realiza-la. Das matérias que mais lhe interessam, ressaltou:

*“Das aulas mais importantes eu fico prestando atenção (...), anotando uma coisinha aqui e ali, peço uma folhinha emprestada. Mas assim eu consigo levar (...), não me exige. Os trabalhos eu gosto de fazer.”*

Faz referência aos professores que contribuíram na sua formação, dentro do seu interesse profissional. Tanto o colega quanto o professor entrevistados, confirmaram a característica de Antônio em centrar seus esforços na área de seu interesse pessoal/profissional, a musculação:

*“As disciplinas mais aplicadas, musculação, academia, ele dá bastante importância. Já as humanas e sociais, ele deixa a desejar.”* (Colega “A”)

*“Ele me pareceu um aluno que estaria apto para trabalhar com um curso de bacharelado, não com a licenciatura. Para um trabalho mais específico, como personal, musculação, e não com um trabalho em escola.”* (Professor “A”)

### **Transição de Saída na Formação Inicial**

Antônio pretende continuar a atuar neste campo ao qual tem se dedicado, embora, recentemente, tenha prestado concurso para um órgão público. Se tivesse obtido aprovação, teria dúvidas se deixaria de assumir uma função burocrática em detrimento da instabilidade da profissão atual.

Acredita que é preciso buscar sempre os conhecimentos que sejam necessários para ser um bom profissional. Considera que a universidade seja responsável por suprir apenas 30 ou 40% destas necessidades. O resto busca-se com leituras e experiências fora dela, enfatiza.

Por outro lado, considera estar bem preparado para atuar em academia, mesmo tendo recebido a sua formação inicial em um curso de licenciatura. Antônio sugere que o currículo seja reformulado. Tanto no sentido de adequar as disciplinas em horários que permitam que o estudante trabalhe fora da universidade, quanto no sentido de atender as demandas atuais exigidas por esta profissão.

## 4.9 – MIGUEL

### Biografia

Divorciado, e com uma filha de 7 anos, Miguel tem 28 anos. Este paulista, atualmente mora com a namorada em Florianópolis. Em São Paulo iniciou o curso de Propaganda e Marketing, porém, decidiu abandoná-lo. Encontra-se terminando a graduação em Educação Física (8ª fase), onde teve o índice de aproveitamento acadêmico acumulado oscilando em torno de 7,5.

Bolsista na Universidade Federal de Santa Catarina, trabalha com natação. Desta função provém parte dos seus rendimentos. Para se manter conta ainda com a ajuda dos pais e faz alguns trabalhos esporádicos.

Ele é caracterizado, por um colega entrevistado, como sendo uma pessoa amigável, compreensiva e atenciosa. “Ele consegue se relacionar bem com os demais de alunos e demonstra estar satisfeito com o caminho escolhido.”, completa o outro.

Seu professor destacado também comenta sobre o interesse deste aluno, principalmente com as questões pedagógicas. Tem muito cuidado no trato com as crianças.

Aparentemente desligado, demonstra interesse e responsabilidade na sua área de atuação (escola) e parece estar feliz com a formação recebida

### Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio

Para ele, as aulas de Educação Física eram sinônimo da melhor hora do dia. O momento de interação com os demais colegas. Lembra-se de brincadeiras e de jogos e da vontade de estar sempre participando destas atividades. Apaixonado por esportes, já experimentou muitas modalidades, fora do contexto escolar. Contudo, ressalta que a experiência com esta disciplina foi boa, assim como o relacionamento com os professores desta matéria.

## **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Desde muito cedo, cinco ou seis anos, dedica-se com avidez à prática de esportes. Passou pelo judô, pela natação, pelo voleibol e, muito brevemente, pelo surf.

Sobre sua relação com os técnicos lembra que não eram das mais cordiais, já que havia exigência excessiva pelo resultado. Contudo, comentou:

*“um dos meus exemplos de vida foi um técnico de voleibol. Ele era um carrasco na aula, mas fora da aula ele explicava tudo e sempre falava. (...) Carrasco porque ele sempre queria que a gente tivesse um degrau acima, apesar de exigir bastante.”*

Ele próprio se considerava exigente, no sentido de alcançar os resultados pretendidos. Avalia que nesta época pode ter se prejudicado em termos de notas na escola por ter priorizado o treinamento. Entretanto, destacou a importância desta etapa para sua vida pessoal e profissional:

*“(...) vejo que várias qualidades que eu tenho hoje, eu devo a isso, como perseverança. Infelizmente a nossa sociedade é competitiva, e isso às vezes o próprio treinamento insere na nossa vida.”*

## **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

A respeito dos motivos que o levaram a escolher a Educação Física como curso de formação, enfatizou de forma segura:

*“Acho que as duas (...) palavras chaves são esporte e educação. Eu sempre gostei muito de educação. Sempre que eu vejo uma criança fazendo alguma coisa eu vou lá falar. O esporte em si eu acho que é saúde, entretenimento, lazer. É uma forma de educação também.”*

Imaginava encontrar um curso onde a ênfase maior fosse dada à parte prática da Educação Física, aí incluídos os treinamentos. Contudo, reconhece a importância



de que o esporte neste curso deva ser voltado a ensinar o futuro profissional a ensinar o esporte.

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Ele lembra de que se sentiu um pouco perdido em seu primeiro contato com a UFSC. Notava falta de assistência, geralmente oferecida quando se estuda nos níveis de ensino anteriores. Relata que se o aluno não ficar muito “ligado” deixa de cumprir prazos, oportunidades passam, porque não tem alguém que esteja lembrando. Tudo é muito solto. Cada um por si.

A relação com o corpo discente e docente foi lembrada de forma positiva. Ressalta que sempre soube perceber o lado bom das pessoas e tirar proveito do que havia de bom naquela aula. Tanto dos professores quanto dos colegas, mesmo que em alguns momentos discordasse de algumas linhas de pensamento diferentes das suas.

### **Progressão na Formação Inicial**

Logo no primeiro ano do curso Miguel conseguiu uma bolsa de monitoria adaptando seus horários de trabalho aos de aula. Não adiantou nenhuma disciplina e fez as optativas de acordo com as possibilidades de tempo que dispunha.

Destaca que não gosta de ler o que acha que não vai ter utilidade para ele. Neste sentido, considera o que lhe é indicado como sendo uma boa leitura. Embora considere que é possível aprender em quase tudo que se lê.

Apaixonado pela natação, participa de um projeto de extensão nesta modalidade, tendo um grande gosto pelo ensino da mesma. Jamais se interessou por participar de órgãos de representa o estudantil.

Segundo a sua colega entrevistada, ele era bastante desligado e tinha os seus objetivos bem definidos, não querendo se envolver em coisas que o tirassem deste caminho

*“O Miguel   super discreto. Nunca se envolveu em negócio de Centro Acadêmico (...), foi super na dele,*

*faculdade-casa, casa-faculdade. Sem nenhum relacionamento com algum tipo de política na universidade. Nunca teve e deixou bem claro que nunca quis se meter nestas coisas.” ( Colega A)*

Para ele, seu objetivo era se formar e se envolver com “estas coisas” geraria confusão.

Destaca aqueles professores que além do conteúdo, sabem passar questões relacionadas a essência do ser humano. Os que, embora tenham a sua opinião formada, sabem discutir com a turma e elevar o nível de conhecimento dela.

A respeito do seu nível de exigência nas atividades desenvolvidas, ele admite que o curso permite uma certa flexibilidade. Você pode dedicar-se mais ou menos, que vai passar do mesmo jeito. Para ele, o seu nível de exigência está diretamente relacionado aos seus interesses. O que acredita ser importante para a sua formação, empenha-se em pesquisar, ler, informar-se. Por outro lado, se percebe que não lhe interessa e puder colar, ou realizar sem refletir muito, também o faz.

O professor entrevistado ressaltou, similar a fala do próprio aluno, que Miguel é muito interessado naquilo que lhe é importante:

*“Eu acredito que numa universidade se aprende muito mais nos bastidores do que nas aulas, (...). O Miguel, eu vi que ele era um bom professor na ESINDE (projeto). Que as crianças adoravam ele e até mesmo as aulas que eu observei foram muito bem preparadas, muito bem desenvolvidas.” (Professor A)*

Este professor informou que este aluno já tinha uma preparação anterior, que não é obtida no curso. Uma formação que pode ter vindo dos níveis anteriores de ensino ou da família.

Sobre as estratégias que utiliza como acadêmico, enfatiza que é necessário gostar do que se faz. Sempre cumpriu as tarefas, mesmo admitindo se empenhar mais naquelas que lhe agradavam mais e que eram de maior interesse profissional.

Prefere realizar individualmente as suas atividades, embora destaque que nunca tenha tido problemas com a turma.

## Transição de Saída na Formação Inicial

Miguel pretende especializar-se na área em que atua. Acredita que a saída está na formação continuada. Sem ela, o profissional não tem muito futuro.

Por outro lado, não se percebe totalmente “preso” a Educação Física. Se surgir a oportunidade de prestar um concurso público que lhe dê um bom retorno financeiro, o fará com tranquilidade, mesmo deixando a sua área de formação inicial.

Acredita estar bem preparado para dar aulas, especialmente onde procurou aprofundar mais os seus conhecimentos. Entretanto, se necessitasse trabalhar com preparação física, sente-se despreparado. Comenta que o aluno fica solto para buscar, em experiências, leituras, se especializar naquela atividade que mais lhe convier.

Miguel destaca que hoje é necessário estar se discutindo o currículo de maneira séria, sem que a área pedagógica ou do esporte, puxem mais para um lado ou para outro. Segundo Miguel:

*“A Educação Física é educação e é esporte. Não adianta nada você querer colocar 50 alunos dentro de uma sala e na hora da Educação Física ficar querendo explicar pedagogia, maneiras e essas coisas todas. Tem que ter a mescla do bom professor, sabendo educar e sabendo ensinar o esporte também.”*

## 4.10 – MARIA AUGUSTA

### Biografia

Aos 21 anos, Maria Augusta é solteira e não tem filhos. Nascida em Florianópolis, ainda mora com os pais, que a mantém financeiramente. Até o final do ano de 2000, cursou a graduação em Física, abandonando na 4ª fase.

Decidiu prestar vestibular para Educação Física como uma das últimas alternativas, para não ficar sem fazer uma universidade. Navegando no *site* da UFSC, verificou os currículos dos cursos oferecidos e, segundo ela, este foi o que mais chamou a sua atenção.

É uma aluna que, de acordo com o seu histórico escolar, encontra-se com o aproveitamento acadêmico dentro da média (em torno de 7,6). Este índice, segundo seu colega entrevistado, poderia ser bem superior, se ela fosse assídua às aulas:

*“ela poderia aproveitar mais, se empenhar mais no curso porque ela é muito inteligente, (...) ela tem um pouco de preguiça, (...) eu imagino o quanto ela poderia melhorar se ela participasse efetivamente das aulas, (...)” (Colega A)*

O professor “A” também comenta a esse respeito:

*“(...) a Maria Augusta me impressionou bem porque ela reconhecia um problema seu de auto-disciplina e que acabava arrastando com ele outros problemas, né. E acabavam respingando no aproveitamento. (...) e na medida em que a gente fez um contato a respeito dessa dificuldade, ela se confrontou com ela (dificuldade) e passou a uma reação muito interessante. Ela começou a intervir nomeadamente nos debates, e começou a mostrar que ela tinha uma competência, (...)”*

Para ela este aproveitamento “dentro da média”, pode ser apenas temporário. Pelo aproveitamento que vem apresentando nestas fases iniciais, deverá crescer ainda mais, na medida em que vem se interessando pelo curso e participando das atividades desenvolvidas na universidade.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Maria Augusta conta que foi a partir da 5ª série do ensino fundamental que realmente começou a participar das aulas de Educação Física. E, embora considere que a professora (a mesma de 5ª à 8ª séries) seja o único motivo para que ela tivesse más lembranças deste tempo, enfatiza que o horário desta aula era o mais aguardado. Sempre gostou de participar de tudo o que era proposto. Hoje, com a experiência adquirida no curso, considera que sua professora não tinha as habilidades e competências necessárias para “levar uma turma de Educação Física”. Contudo, destacou:

*“(...) apesar disso, eu sempre adorei as aulas de Educação Física. Sempre participei. Não perdia nenhuma prática. Minha hora preferida no colégio era a das aulas de Educação Física.”*

No ensino médio, também teve a mesma professora do 1º ao 3º ano. Porém, desta vez, as experiências com a maneira de ministrar aulas foram positivas. Uma relação descrita por ela como de afetividade, tanto que ambas, até hoje, mantêm contato.

De modo geral, Maria Augusta avalia as experiências com as aulas de Educação Física de forma positiva.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Já o esporte de rendimento não lhe deixou boas lembranças. Treinava voleibol pelo colégio. Tanto ela quanto o técnico eram bastante exigentes com o treinamento. As vésperas de um campeonato estadual, Maria Augusta teve problemas e não pode participar. Segundo ela, o treinador não compreendeu muito bem, conforme comentou:

*“(...) eu tive uma decepção muito grande com o meu treinador no colégio. Eu tive uns problemas e eu não pude participar de um estadual, e foi de última hora, sabe? Ele não aceitou as minhas razões e me expulsou do time (...). Isso mexeu muito comigo. Nunca mais voltei a treinar por causa disso. Eu nunca mais tive o ânimo que eu tinha para encarar o treinamento.”*

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Decidiu prestar o vestibular para Educação Física, depois que abandonou o curso de Física. “Aí eu não queria ficar sem estudar”, comenta, relatando que na época estava meio “perdida”.

Não criou expectativas com relação ao curso. Acredita mesmo que fez o vestibular para “arriscar”, somente depois é que pensaria no curso. “Francamente eu não pensava em ter esta formação profissional”, relata.

## Transição de Entrada na Formação Inicial

A estrutura da universidade já era bem conhecida para Maria Augusta. Tanto pelo curso de Física que iniciou nesta instituição quanto pelos jogos que eram sempre realizados em seu campus. Por conta disto, não teve nenhum problema de adaptação à esta fase.

A relação com professores e colegas é boa e, de acordo com ela, foi uma das coisas que a fizeram continuar no curso mesmo na época em que esteve desanimada. Destaca que a sua turma é muito unida. E, pelo que se desprende do depoimento de seu colega, Maria Augusta goza de ótimo conceito junto aos seus companheiros de sala de aula :

*“Ela é uma pessoa que não tem problema de relacionamento com a turma, sabe? É bem cautelosa, não faz intrigas na sala. Sabe ouvir a opinião dos outros, (...).”*  
(Colega A)

### 4.11 – BENTO

#### Biografia

Solteiro e sem filhos, Bento tem 32 anos e mora com os pais. Como seu salário não é suficiente para as despesas, ainda conta com o apoio financeiro dos pais. Destaca que nunca teve problemas financeiros, justamente por fazer parte de uma família que ele mesmo define como de “classe alta”.

Esta situação possibilitou a ele estudar em um dos colégios particulares de maior tradição em Florianópolis. Sua história com a Educação Física está muito ligada a esta escola. Foi lá que teve os primeiros contatos com as aulas desta disciplina, com o esporte de rendimento e sua primeira experiência profissional. Até hoje está ligado a ele como profissional.

Antes de prestar vestibular para Educação Física, Bento já havia cursado 2 anos de Computação. Na ocasião suas expectativas não foram atendidas. Hoje,

afirma estar no “*caminho certo*”. Não se arrependeu da troca, embora se sinta desmotivado dentro dele. Ele mesmo admite que buscou esta formação mais por uma questão de necessidade legal da profissão que exerce do que por identificar-se com ela. Há 10 anos ele vem trabalhando com treinamento

Na graduação em Educação Física se mantém entre os alunos medianos. Seu índice de aproveitamento acadêmico gira em torno de 7,6.

Segundo o colega entrevistado, Bento não se destaca mais por falta de tempo. Ele o considera bastante firme na defesa de suas convicções políticas e profissionais e, às vezes, tem “*pavio curto*”. Contudo, o vê como alguém “*extremamente esforçado*”.

Para o professor entrevistado, Bento ainda precisa descobrir o seu potencial, a sua capacidade. É o tipo de aluno que precisa ser instigado à participar.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Ele lembra que gostava tanto das aulas de Educação Física que fazia as de sua turma e também das demais turmas. Segundo ele isto foi possível por que esta matéria era ministrada em turno não coincidente com as demais. Acredita que, por demonstrar essa vontade em participar das atividades, a sua relação com os professores sempre tenha sido de amizade. De acordo com o aluno:

*“foram importantes na minha formação e hoje são meus amigos.”*

A avaliação que faz desta época é muito positiva. Destacando que só tem a agradecer a este colégio que incentiva a Educação Física e os Esportes.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

O fato de ter rompido por duas vezes os ligamentos do pé direito (e uma do esquerdo) aos 15 anos não foram suficientes para tirar sua paixão pelo esporte. Para ele “a experiência como atleta de basquetebol é que estabeleceu esta relação que tenho até hoje com a profissão”. Como atleta desta modalidade participou de campeonatos nacionais.

Como sempre demonstrava muito interesse por este esporte acabou, depois da lesão, sendo convidado a ser assistente técnico do time do Colegial (Associação Desportiva do Colégio Catarinense). Nesta época, o treinador teve que se mudar para outra cidade e Bento acabou assumindo a equipe, trabalhando nela de 1990 a 1994. Saiu para dedicar-se ao curso de Computação e a empresa que havia montado. Para ele, o esporte era apenas um “hobbie”. Entretanto, decepcionou-se com aquela formação (computação), Ao ser convidado, no início de 1999, a assumir a equipe feminina de futsal do Colegial, aceitou. Até hoje responde por esta função.

Considera-se exigente como técnico, assim como foi consigo próprio quando atleta. De acordo com Bento:

*“Sou altamente exigente. Sou exatamente o oposto do que a gente aprende aqui na federal (UFSC). Sou ditatorial, autoritário. E a experiência me traz, eu trabalho praticamente há dez anos, e só me diz que eu estou no caminho certo.”*

O aluno destaca que treina atletas de classe “A” (definição dele próprio), cujas famílias são muito exigentes. Até hoje, conta “não houve qualquer incidente que tenha me feito pensar que estivesse agindo de forma inadequada em relação ao treinamento físico”. Ao contrário, recebe o estímulo e incentivo destes pais.

Faz uma avaliação “*altamente positiva*” deste tempo.

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Atribui a sua entrada no curso de Educação Física às suas experiências como atleta e treinador de basquetebol. Já possuía a “bagagem prática”, faltava a formação acadêmica.

Tinha a expectativa que o curso lhe suprisse às necessidades que procurava. Por enquanto, está decepcionado.

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

A universidade já era “velha conhecida” de Bento em virtude de ter iniciado um outro curso. O primeiro contato com professores, segundo ele, *foi decepcionante na*



*parte acadêmica.*” Embora considere que os professores sejam altamente qualificados, vê neles uma enorme dificuldade em repassar aos alunos os seus conhecimentos. Acha lamentável o fato dos professores ensinarem aos alunos a serem críticos quando eles próprios não aceitam opiniões diferentes das suas. O aluno já havia se deparado com problemas desta natureza dentro do outro curso, conforme comentou:

*“(...) tinha muito problema político dentro do CTC (Centro Tecnológico), justamente porque, como toda universidade, tem aquela “ala esquerda”, vamos definir assim, e a “ala direita”. Eu sou da “ala direita”. Então eu tive problema sério.(...) eu vim pro CDS (Centro de Desportos) já sabendo que ia ter problemas, e realmente eu tive esses problemas.(...) eles ensinam a gente a ser críticos, só que eles não aceitam críticas.”*

Segundo ele mesmo contou, o motivo que o faz acordar cedo e ir para a universidade é a relação de grande afetividade e companheirismo que mantém com a turma de colegas. De acordo com Bento:

*“(...) eu peguei uma turma excelente. Todas as pessoas excelentes, sabe?(...) na minha turma todo mundo se ajuda, todo mundo convive dentro da aula e fora . Faz tudo junto. Então a gente está criando um vínculo excelente pra vida. (...) esse é o ponto positivo.”*

### **Progressão na Formação Inicial**

Bento procura seguir normalmente a oferta de disciplinas do curso. Entretanto, por trabalhar no período vespertino, as matérias oferecidas neste turno, são temporariamente deixadas de lado.

Considera-se um leitor assíduo, tendo um gosto bastante variado. Inicialmente, buscou fazer parte de algum projeto dentro do próprio curso. Descobriu, posteriormente, que o seu índice de aproveitamento não o permitiria participar. Ele atribui isto ao fato de seu trabalho o impedir de se dedicar mais às aulas.

Conciliar os seus interesses nem sempre foi tarefa fácil para este estudante. Destaca aqueles professores que conseguem não ficar restritos ao conteúdo

específico de sua disciplina, que trocam experiências úteis para a vida. E que além da relação professor/aluno, deixe estabelecer um laço maior de amizade, para além dos bancos escolares.

Comentou que na 1ª fase possuía um nível de exigência muito alto, mas decepcionou-se com o curso e hoje só quer o diploma. Ele mesmo admite que faz apenas o que é necessário para passar de fase.

De acordo com Bento:

*“(...) o curso de Educação Física é um que eu chamo de um curso “light”. Você não precisa estudar, você pode estudar na véspera da prova. (...) eu não sou ligado ao índice de aproveitamento acadêmico (...) eu me preocupo em passar na disciplina.”*

Sobre seu aproveitamento, o professor entrevistado destacou:

*“O Bento precisa ser instigado. Ele participa, mas se deixar, ele passa sem ser muito notado.”* (Professor A)

Destaca que nesta fase teve apenas problemas políticos com alguns professores, no mais, tudo ocorreu de forma tranqüila.

O aluno demonstra em sua fala, que sua grande decepção com o curso está relacionada com a possível deficiência de conteúdos na sua área de atuação, o treinamento desportivo, por estar num curso de licenciatura. Já o seu colega entrevistado identificou outros problemas:

*“(...) tem uma série de problemas no curso que incomodam o Bento, muito mais do que o fato de ser licenciatura. A grade de horários, (...) os professores que chegam e ficam fazendo politicagem em sala de aula (...) fugindo do conteúdo.”* (Colega A)

#### 4.12 - MARIA JOSÉ

##### Biografia

Morando com o noivo há apenas um dia, Maria José tem 24 anos. Não tem filhos. É natural da capital catarinense. Trabalha em uma escola particular durante a

semana, como professora de Educação Física e, aos finais de semana, desenvolve atividades de recreação. Embora já tenha um trabalho fixo, relata que o que ganha não é suficiente para mantê-la. Sua mãe é quem a auxilia financeiramente.

Além do curso de Educação Física, freqüenta a graduação em Pedagogia, na UDESC. O gosto pela matemática a fez acreditar que seria Engenheira Civil. Entretanto, na época em que terminou o ensino médio, a família passou por dificuldades financeiras e ela não pode freqüentar um pré-vestibular que a auxiliasse a garantir a sua vaga neste curso. Como não queria perder a oportunidade de entrar na universidade, resolveu prestar vestibular para Educação Física, sendo aprovada. As referências que possuía eram das aulas desta disciplina e da escolinha de voleibol que participou na adolescência.

No curso é uma aluna que mantém o aproveitamento dentro da média (em torno de 7,5) Segundo o professor entrevistado, ela é bastante falante, sempre manifesta a sua opinião e é muito crítica. Um ponto destacado por ele é que Maria José não admite "panelinhas". Gosta de trabalhar em grupo.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio.**

Das séries iniciais, as lembranças são de ter aulas de Educação Física sem muitas brincadeiras. Nesta época estudava em uma escola particular. Fazia muita ginástica, polichinelo e alongamentos. Não era exatamente o que mais gostava de fazer. De 5ª a 8ª séries, foi estudar em uma escola pública, bem maior. Lá começou a ter esportes nas aulas de Educação Física. Identificava-se com o voleibol, esporte praticado também fora da escola. Já no ensino médio, recorda-se de realizar trabalhos interessantes, como, por exemplo, verificar os batimentos cardíacos.

A relação que possuía com os professores, independentemente do nível de ensino em que se encontrava, sempre foi boa. Exceto nas séries iniciais, pois não gostava das aulas de ginástica. Faz uma avaliação positiva deste período, embora com pequenas ressalvas.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

As experiências que ela teve com o esporte de rendimento restringiram-se aos tempos em que treinou voleibol na ASTEL. Com 12 anos já era federada, apesar de nunca ter participado de competições de destaque. Segundo conta, os treinamentos eram bem leves e, no final, sempre havia a parte lúdica. Para ela não havia muita exigência técnica e foi uma experiência prazerosa.

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Ela atribui o fato de ter prestado vestibular para Educação Física ao medo de não passar para outro curso. “Não foi por amor a esta profissão”, declara. As expectativas que nutria diziam respeito às experiências com os treinamentos de voleibol. Acreditava que seria professora desta modalidade, mesmo que já tivesse ouvido muita gente (incluindo a família) falar mal de escola. Na verdade, não sabia direito o que viria a fazer no futuro.

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Maria José passou em segunda chamada. Ela iniciou o curso um mês depois do restante de sua turma. Para ela foi difícil, conforme comenta:

*“(...) eu fui a última a entrar, eu fiquei em 99º e tinha 90 vagas. Eu fui a última das últimas. Eu comecei um mês depois que já tinha começado. Foi bem difícil, (...) eu fiquei totalmente perdida, imagina? (...) as minhas notas foram baixas, não reprovei em nenhuma, mas foi bem difícil.”*

O apoio dos professores e colegas relata, foi fundamental neste processo de integração à instituição e ao curso. Ela confirma que todos a incentivaram nas horas de dificuldade.

### **Progressão na Formação Inicial**

Seguiu a grade curricular normalmente até a 5ª fase, onde, como alguns de seus colegas que trabalhavam, encontrou algumas dificuldades de conciliar os

horários de aula com o da atividade profissional, por conta do estágio obrigatório (prática de ensino). Optou por cumprir esta exigência em um ano.

De acordo com Maria José, já havia amor pelo seu trabalho e abriria mão de cursar a disciplina no tempo certo para se dedicar a ele.

Segundo ela, *"não é muito assídua na leitura"*, porém procura estar atualizada para desenvolver suas aulas. Evidenciou ainda:

*"Eu dou mais importância à minha área (...), durante o curso eu só lia o que eles pediam. Eu vou ser bem sincera, quando eu me interessava por aquele texto eu pegava o livro e lia, mas eu quase nunca terminava, porque não dava tempo. Agora eu fiz a minha monografia, eu li bastante. Então, eu adquiri o hábito, uma coisa saudável. Eu tinha prazer. Não era aquela coisa forçada."*

Sobre a participação em projetos da universidade e em órgão de representação estudantil, segundo a aluna fez uma tentativa em cada um deles e não deu certo. Desistiu.

Destaca aqueles professores que compreendem que o aluno também é um ser humano, sem arrogâncias. Aqueles que motivam e sabem respeitar as individualidades.

Com relação ao seu nível de exigência no curso, comenta que na área pedagógica, com a qual se identifico, exigia mais de si mesma. Por outro lado, na área biológica tinha dificuldades. Não conseguiu ir além do necessário.

A respeito das estratégias utilizadas durante o curso para garantir a aprovação, confessou:

*"(...) a gente fazia uns intercâmbios, mas nas provas eu tentava estudar. Mas como eu não tinha tempo, eu dava uma lida rápida. Então, eu observava as aulas. Eu gosto muito de participar nas aulas. Eu acho que é mais importante do que eu ficar anotando tudo e depois tu ler e não entender nada."*

## Transição de Saída na Formação Inicial

Embora Educação Física não fosse a primeira opção de curso profissional para Maria José, no decorrer das fases foi se identificando com a formação recebida. Trabalhar em escola já não parece mais tão difícil, conforme destacou:

*“não pretendo mudar a minha área de atuação porque é o que eu sei, o que eu gosto, o que eu me identifico e o que eu sei fazer melhor.”*

Pretende tentar um curso de especialização, para aprimorar-se neste campo de atuação. Considera que o curso de formação inicial lhe deu uma boa base para trabalhar em escolas. Sente-se bem preparada. Entretanto, como alguns de seus colegas, comentou que muitos deles se enganam por desconhecimento do currículo de um curso de licenciatura:

*“A formação recebida foi muito boa, não só para a vida profissional, mas para a vida mesmo. (...) na área que eu atuo o curso é muito bom, no entanto tem pessoas que não são felizes com a escola e gostam de outras áreas. (...) o que acontece é que muitas pessoas vão no sonho de fazer bacharelado e, na verdade, não tem onde atuar e vão para a escola. E não estão bem preparados para aquilo, entendeu?”*

Considera ainda que, apesar de muitos de seus colegas se iludirem no início do curso e se frustrarem posteriormente, a escola ainda é uma boa opção, já que o mercado de trabalho está saturado (academias, por exemplo). Acredita que quando eles chegarem na situação de estágio obrigatório irão gostar de dar aulas. Mesmo admitindo que a realidade de um colégio público estadual seja bem diferente da Escola de Aplicação da UFSC.

#### 4.13 – HENRIQUE

##### Biografia

Sem outra formação universitária, Henrique ainda não trabalha. Desta forma, depende financeiramente de seus pais. Atualmente, com 22 anos, divide seu espaço com a namorada, embora não seja casado oficialmente.

Tendo a timidez como uma das suas principais características, motivado a buscar apenas o que diz respeito a sua área de interesse, Henrique é definido por sua colega, como *“meio preguiçoso” e revoltado*. Já o professor entrevistado a seu respeito, lembra que este aluno aparecia nas aulas esporadicamente, e quando o fazia estava sempre *“aéreo”*. Hoje, considera que ele está mais presente. Até expressa suas opiniões *“com um certo ânimo”*.

Ele sempre teve uma boa relação com as atividades físicas, sobretudo com as artes marciais. É praticante de Kung Fú até os dias de hoje. É neste campo de atuação que pretende dar seguimento a sua vida profissional, embora demonstre um certo desinteresse pela formação de maneira geral. Relata que, se surgir a oportunidade de prestar um concurso público, provavelmente mudará suas perspectivas profissionais.

No curso de Educação Física, Henrique encontra-se entre os alunos que possuem um baixo índice de aproveitamento acadêmico (em torno de 4,2).

##### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

As lembranças de Henrique dão conta de que suas aulas de Educação Física no ensino fundamental enfatizavam apenas o futebol, modalidade esta que ele não se identificava muito. Por outro lado, destaca que o professor não era um mau profissional. Antes da parte principal da aula, trabalhava alongamentos, corridas, exercícios de uma forma geral. Contudo, Henrique considerava que o aspecto individual dos alunos não era respeitado. A decisão coletiva sempre prevalecia às necessidades individuais, conforme comentou:

*“(...) ele não diferenciava a necessidade individual de cada aluno e sacrificava um em prol do coletivo. Eu achava um defeito, até, da Educação Física.”*

Mesmo fazendo estas críticas, Henrique ressalta que sempre gostou muito de participar das aulas e que foi nesta época que desenvolveu o gosto pelo basquetebol. Aprendeu os seus fundamentos, a base que utiliza até hoje, inclusive para o seu lazer, seu “hobbie”.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Apaixonado por artes marciais, desde muito cedo Henrique esteve envolvido em competições de Kung Fu e Taekwondo. Nesta modalidade, participou de oito competições de nível estadual e nacional. Nela, a figura do técnico era representada por um instrutor (um mestre) e, conforme contou Henrique, os treinamentos não eram muito sistematizados:

*“(...) eu treinava por minha conta. Ele passava o exercício e eu ia lá e fazia o meu treinamento. Podia fazer quantas aulas eu quisesse. Mas quem cuidava do meu treinamento, quem achava que podia desenvolver mais certa parte do treinamento era eu.”*

A respeito do seu nível de exigência e do seu treinador, ele demonstra não ter muito controle sobre as suas vontades e necessidades. Treinava de acordo com a sua “*inspiração*”, porém reconhece que hoje a situação é diferente, conforme descreveu:

*“Ah! Quando eu tava inspirado assim, tudo, eu treinava 5 horas por dia, normalmente. Mas, hoje eu tenho bastante disciplina. Eu acordo cedo para ir treinar. O meu instrutor era exigente, mas o de agora é mais.”*

Ao fazer uma avaliação deste tempo, enfatiza que hoje o esporte de rendimento não é mais tão importante em sua vida. Houve uma época em que significava muito. Contudo, pretende continuar praticando algum tipo de arte marcial no decorrer de sua vida, mas como uma forma de prevenção à saúde e não como competição.



## Expectativas para a Formação Inicial Universitária

Percebe-se que as experiências anteriores com as artes marciais influenciaram este aluno quando da sua escolha por uma graduação de nível superior. Perguntado sobre os motivos que o levaram a optar por Educação Física como curso de formação inicial, respondeu:

*“Ah! A possibilidade de eu vir a ser um professor, um mestre (...)”*

Por outro lado, demonstrou ter uma visão que é de senso comum, de que o curso de Educação Física não exige muita leitura e reflexão:

*“(...) e também é um curso que eu gosto de fazer. Não tenho interesse de fazer um curso muito letrado.”*

Somente depois de iniciar o curso de graduação é que percebeu que não teria tantas aulas práticas (esportes) quanto imaginava. Se deu conta de que se tratava de uma licenciatura, onde os aspectos pedagógicos ganham mais importância.

## Transição de Entrada na Formação Inicial

Henrique já conhecia a instituição de ensino, onde jogava basquetebol, portanto, não houve problema de adaptação ao lugar.

Já com os colegas, ele destaca que sempre foi meio reservado, meio arreadio. Então, os primeiros contatos ocorreram normalmente, sem grandes impactos.

A colega, que foi destacada para falar sobre ele, reforçou esta sua característica de timidez:

*“(...) eu acho que ele é tímido, pelo jeito que ele expõe as idéias dele. A maior parte do tempo ele não fala. Tem que ser direto: “Henrique, fala.” Ou se é alguma coisa que é contra o sistema ele fala, ele gosta de opinar contra, ou se é a luta que ele gosta. Mas geralmente ele só faz comentário para o colega do lado.” (Colega A)*

Dos professores tem a lembrança de que foi bem recebido. Lembra que eles estavam dispostos a receber e a trocar novas idéias sobre a Educação Física.

O professor entrevistado, recorda-se de um Henrique bastante diferente no semestre anterior, ao comentar sobre as atitudes deste aluno que vêm se modificando para melhor:

*“(...) a impressão que eu tinha do Henrique nessa fase, antes deste semestre corrente, é que ele não se importava muito. E agora, nesta fase, ele tem uma atitude significativamente diferente. Ele está mais presente.(...), antes ele estava ausente, agora ele está presente. Antes ele vinha quando queria, agora ele procura vir e estar. Antes ele chegava lá pelas tantas, agora ele é pontual.”*  
(Professor A)

Contudo, este professor reconhece que Henrique não é do tipo de aluno que se possa chamar de disciplinado.

#### **4.14 - MARIA CARMEM**

##### **Biografia**

Às vésperas de completar 22 anos, Maria Carmem é solteira, mora sozinha e não tem filhos. É natural de Florianópolis. Este é o seu primeiro curso superior. Professora de ginástica, ainda não ganha o suficiente para se manter sozinha, sendo auxiliada por seus pais.

A característica destacada por sua colega, *“meio preguiçosa”* ficou bem marcada em seu relato de participação em competições. Enquanto eram apenas jogos, sem grandes cobranças de horários e de preparação física, foi tudo bem. Quando o nível de exigência ficou maior, Maria Carmem desistiu de praticar o seu esporte preferido.

A mesma colega a vê como alguém engraçada, divertida, inteligente e *“viajona”*. Maria Carmem é do tipo que não deixa de falar o que pensa, porém procura não ofender as pessoas. Demora para se interessar por algo, mas depois, procura fazer bem feito o que tem para fazer.

No curso de Educação Física, o seu histórico escolar mostra que ela se encontra entre os alunos que possuem um aproveitamento acadêmico abaixo da média (em torno de 5,5).

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

Para ela, as aulas de Educação Física no ensino fundamental apenas repassavam as modalidades tradicionalmente apresentadas nos colégios (vôleibol, handebol, futebol e basquetebol). Como gostava apenas de basquetebol, participava das demais atividades considerando que fosse apenas uma reprodução de movimentos. Ressalta que sempre se identificou muito com esportes.

A relação com professores sempre foi boa. Relata que quando não sabia realizar os movimentos de determinadas modalidades, enrolava.

A partir da 5ª série, sempre jogou basquetebol. Como se destacava, sua professora a encaminhou para os treinamentos extra-classe.

Com o conhecimento adquirido no curso de graduação e descobrindo as várias possibilidades que a Educação Física apresenta, avalia que naquele tempo tudo era repassado de uma forma superficial.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Ela conta que aqueles alunos que se destacavam nas aulas de Educação Física eram convidados a participar dos treinamentos. Os melhores eram encaminhados para a C.M.E. (Comissão Municipal de Esportes). Quando chegou a sua vez, descobriu que a exigência era muito maior, tanto por parte da técnica quanto dela própria.

Apesar da relação ter sido positiva, Maria Carmem considerou que não dispunha do tempo necessário para enfrentar a rotina a qual são submetidas as atletas de ponta. Preferiu desistir.

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Acredita que o gosto pelos esportes e pela área da saúde a fez escolher Educação Física como curso de formação inicial, conforme comenta:

*“(...) eu sempre gostei de Educação Física. Eu gostava da área da saúde, na verdade, que trabalhasse com o corpo ou nutrição. Eu tentei nutrição também, mas eu passei para Educação Física, daí eu...ah! vamos ver no que é que dá, né?”*

Não tinha expectativas definidas para este curso, já que sua idéia inicial era cursar Nutrição. Diz que iniciou o curso de graduação em Educação Física apenas para não ficar sem fazer uma universidade.

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Não teve problemas nos seus primeiros contatos com a instituição. Comenta apenas que não havia um interesse muito grande em virtude de não possuir grandes expectativas para o curso.

Quanto aos primeiros momentos com seus colegas ela classifica como tranquilos.

Já com relação aos professores, Maria Carmem apontou algumas críticas:

*“(...) eu acho que faltou um pouco de orientação. Quais são as possibilidades da gente aqui dentro, ou, sei lá, do que o Centro poderia oferecer. Tudo isso faltou bastante.”*

### **Progressão na Formação Inicial**

Maria Carmem procura organizar os seus horários de aula em função de suas atividades profissionais (ginástica). Enfatiza que se atuasse em apenas em um lugar não ganharia o suficiente para o que necessita. Trabalha em duas academias e pretende conseguir uma terceira. Para tanto, às vezes, necessita trancar alguma disciplina. Houve um semestre em que deixou de fazer quatro matérias, estava desestimulada. Mas agora, diz que se identificou com a Prática de Ensino, sabe que quer dar aulas. Talvez, por falta de tempo, tranque a matrícula nesta disciplina para fazer depois, com maior dedicação.

Confessa que não é uma boa leitora. Lê o que é obrigatório, mas interessa-se mais pelo que é da sua área de atuação. Aliás, ela mesma comenta que não se pode dizer que seja bem uma leitura o que faz, encaixa-se melhor como pesquisa. Ela

gosta, também, de navegar pela internet na busca de alguns exercícios novos, coisas que possa contribuir no seu trabalho.

Seus trabalhos de aula são feitos com certa tranquilidade. Ela busca sempre a companhia de pessoas que possam dispor dos mesmos horários que ela. Confessa que faz somente o necessário para passar.

Escreve pouco, somente quando necessário. Dependendo da exigência da disciplina, ela se empenha mais. Anota o que o professor passa apenas se necessário. Se for preciso ler, ela lê. O seu nível de exigência depende do que é exigido. Entretanto, afirma que não há necessidade de “colar”.

A aluna não destacou professores para serem entrevistados e comentarem sobre o seu desempenho no curso.

#### **4.15- JOÃO MARIA**

##### **Biografia**

Separado e sem filhos, João Maria tem 30 anos e mora sozinho em Florianópolis, sua cidade natal. Embora não tenha outra formação universitária, trabalha ministrando aulas de Inglês, de onde provém o seu sustento.

Ao contrário da maioria dos seus colegas, não teve uma boa experiência com a Educação Física nos tempos escolares. Ele era obeso e, em virtude disto, tinha dificuldade de realizar determinados exercícios. Mesmo assim, tornou-se atleta e não se desligou das atividades físicas. Talvez pela consciência da necessidade delas para prevenir possíveis doenças geradas pelo sobrepeso.

Pensou em prestar o seu primeiro vestibular para Letras/Inglês, já que trabalhava com isso. Entretanto, foi desencorajado por seu professor, pois a profissão já estava com o mercado saturado. Como desenvolveu um certo gosto pelas atividades físicas, resolveu que a sua segunda opção seria pela Educação Física.

João Maria se encontra entre aqueles alunos que estão com o aproveitamento acadêmico abaixo da média (em torno de 6,3). Ele iniciou o curso em 1994, trancou em 1997 e foi para a Inglaterra aperfeiçoar o idioma inglês. Após estes dois anos, retomou o curso e atua como professor de Inglês.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

As palavras usadas por João Maria descrevem bem o que sentiu em relação às aulas de Educação Física nos seus tempos de escola:

*“É, as minhas experiências com a Educação Física no meu tempo de garoto, na escola, não foram muito positivas. Porque naquela época eu era obeso e o professor de Educação Física exigia muito de mim, de toda a turma, mas principalmente de mim. Eu sentia mais exigência devido ao meu excesso de peso. Eu não podia fazer o que os meus coleguinhas mais magros podiam fazer e ele colocava as mesmas coisas pra eu fazer.”*

Ele apontou, com conhecimento de causa, uma questão que poucos professores de Educação Física admitem, mas que ocorre freqüentemente nas aulas: a exclusão de alunos por fatores que diminuam a “performance” da equipe, teste físico e outros. Os aspectos lúdicos são esquecidos em favor da exigência física. Neste sentido, o aluno afirmou:

*“Eu não gostava das atividades porque não tinha muitas brincadeiras, não tinha jogos, eram mais os testes físicos, etc...”*

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Durante 4 ou 5 anos treinou atletismo pela UFSC. Chegou a participar de corridas rústicas. Lembra, ainda, que também fez judô, porém nada muito técnico.

Do seu técnico de atletismo recorda-se que, apesar de ser formado em Educação Física, era muito “empírico”. O mesmo treinamento era oferecido a todos os seus atletas. De acordo com João Maria, ele não respeitava o princípio da individualidade biológica:

*“então, isto, de certa forma, estragou alguns atletas e eu fui um deles. Poderia ter rendido muito mais se tivesse uma individualização nos treinamentos.”*

Confessa que ele era muito exigente consigo próprio, mas que não vê isto como algo negativo.

Avalia suas experiências de duas formas. A primeira é positiva, pois revela que fez muitas amizades através dos esportes. A segunda é negativa, pela questão dos treinamentos inadequados.

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Além da afinidade que tinha pelas atividades físicas, João Maria era atleta na época em que iria prestar vestibular. Acha que este fato foi um dos motivos mais fortes que determinaram sua opção por este curso de formação, já que havia desistido de prestar para Letras/Inglês.

Das expectativas que nutria sobre o curso, João Maria apresentou duras críticas:

*“As expectativas eram que eu ia aprender muita coisa de treinamento. Isso era o que eu queria aprender bastante, mas a minha maior decepção foi saber que..., o que eu aprendi a respeito disso aí foi porque eu li, foi por interesse meu. Eu acho que o curso está muito fraco em relação aos professores e eu acho que eles estão deixando muito a desejar. Certos professores doutores, mestrandos, estão deixando muito a desejar.(...) eu acho que o professor vai pra sala de aula pra ensinar. Você tem que terminar uma cadeira sabendo alguma coisa, não entrar tábula rasa e sair tábula rasa. Acho que os professores não tem didática (...) parece que vão pra aula só pra cumprir o currículo e acabou-se. É uma vergonha um curso de Educação Física como o nosso, da UFSC, considerado um dos melhores cursos do Brasil. Acho que depois que eles fizerem provão (prova realizada pelo Ministério da Educação e Cultura), eles vão ver que não é, que ficaram lá pra trás. É emburrecedor você vir pra um curso universitário, chegar aqui e não aprender nada,*

*sabe? Não evoluir enquanto ser humano, enquanto detentor de conhecimento, a gente não tá absorvendo nada.”*

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Ele demonstrou que os primeiros dias na universidade foram de grande expectativa com o futuro diferente que se apresentava. Chegou de coração aberto, conforme se percebe em sua entrevista:

*“Os primeiros contatos foram de um mundo novo, várias esperanças, vários anseios, vários sonhos assim. Tudo diferente, foi um mundo diferente que eu vi.”*

Considera que não enfrentou problemas nesta fase e que as primeiras impressões de colegas e professores foram normais.

### **Progressão na Formação Inicial**

Na fase de progressão no curso, João Maria procurou “puxar” as disciplinas que mais lhe interessavam, como Treinamento Desportivo e Fisiologia do Exercício.

Considera-se um leitor mediano, mas tem gosto por leitura variada. Acredita até, que da área de Educação Física lê pouco. Embora, se perceba durante a entrevista, que possui um conhecimento geral, acima da média de seus colegas especialmente naqueles assuntos que lhe interessam.

Atualmente não participa de projetos, mas lembra-se que em 1996, antes de viajar, estava envolvido em um, cujo nome não lembra. Também não se envolveu com órgãos de representação estudantil.

Ele cita como seus melhores professores aqueles que contribuíram no aprendizado de conhecimentos da sua área de interesse: fisiologia e treinamento. Demonstra grande paixão por conhecer mais sobre determinados assuntos. Talvez isto se dê em virtude de lhe interessar particularmente, por motivos pessoais, como deixou transparecer durante esta conversa.

Um dos professores citados por ele, revelou:



*“(...) me recordo que ele era um aluno bastante interessado. Todas as vezes que a gente terminava a aula, ele sempre me procurava para conversar um pouco a mais, para ter mais informações. (...), na época ele era atleta, fazia atletismo, gostava de fazer corrida, mas ele tinha uma dificuldade no desempenho dele, em função da quantidade de gordura corporal. Ele tem um a tendência genética à acumular mais do que as outras pessoas. E isso o deixava muito preocupado. Ele fazia treinamento e, freqüentemente, vinha fazer uma avaliação conosco, (...)”*

Quando tem que realizar trabalhos em grupo, confessa ser um pouco individualista. Prefere fazer o trabalho sozinho, mas se tiver que fazê-lo em grupo, as tarefas de cada um têm que estar bem definidas.

Nunca colou. Procura ler bastante e dominar o assunto para fazer uma boa apresentação oral, quando é o caso. Entretanto, quando percebe que o professor se satisfaz com um trabalho qualquer, copia do livro.

Este aluno deixa claro que possui um certo nível de exigência, embora direcione apenas para o que acha que tem um significado importante para a sua vida.

Como problemas enfrentados nesta fase, cita o atendimento por parte de alguns funcionários, que acabam dificultando o andamento natural dentro da universidade. Revela que encontrou problemas:

*“(...) principalmente na parte administrativa. Eu percebo que algumas pessoas, poucas, procuram facilitar o seu andamento aqui dentro. Têm outras, bastante, que dificultam o teu desenvolvimento aqui dentro, certo? Pessoas que colocam medo em você, ficam ameaçando você e eu acho que isso não é legal. Qualquer ser humano acha que isso não é legal. E isso tem que ser visto porque não convêm este tipo de pessoa trabalhar em uma universidade, e nem trabalhar com pessoas.”*

### **Transição de Saída na Formação Inicial**

Pretende solicitar retorno para freqüentar outro curso nesta universidade. Hoje avalia que ter apenas afinidade com as atividades físicas, a razão que o levou a

optar por esta formação, não foi a melhor maneira de escolher um caminho tão sério. Por enquanto, não consegue se ver como um professor de Educação Física.

Com relação às competências mínimas para o exercício da profissão, revela que isto depende do esforço pessoal de cada um e não do curso. Afirma que o que aprendeu durante a sua formação inicial foi superficial e que necessita de aprofundamento através de leituras por sua conta.

Destaca como problemas enfrentados nesta fase o descaso de alguns professores que não dominam o assunto e se arriscam ministrando aulas. Critica duramente esta situação. Também reclama de professores que são extremamente teóricos, que só sabem para eles próprios, que não conseguem transmitir o seu conhecimento.

É importante destacar que este tipo de problema tem sido lembrado por vários dos estudantes entrevistados.

#### **4.16 - MARIA ANTÔNIA**

##### **Biografia**

Apesar de trabalhar nos finais de semana, Maria Antônia ainda depende financeiramente de seus pais, com quem reside em Florianópolis. Natural de Santa Maria/RS, ela tem 27 anos, é solteira e, além da Educação Física, também frequenta o curso de Turismo, no período matutino.

Em seu cotidiano na sala de aula ela é bastante quieta, compensando esta característica com a qualidade de seu texto escrito. De acordo com um dos seus professores, a sua competência de comunicação oral só foi descoberta por ele após a apresentação de um seminário, no qual ela demonstrou clareza e coerência. É o tipo de aluna que se mostra competente nas avaliações, porém no dia-a-dia, procura não se manifestar. Talvez este seja um dos motivos pelos quais ela se encontra entre os índices de aproveitamento acadêmicos mais baixos (em torno de 4,8).

Ela destaca que sempre gostou de esportes, embora reconheça que o curso é voltado à licenciatura. Para o futuro, ela planeja dar aulas e buscar uma especialização nesta área. Salaria que está gostando muito da Educação Física e da UFSC. Maria Antônia veio transferida de outra instituição e diz não ter se arrependido da troca que fez.

### **Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio**

As lembranças das aulas Educação Física no ensino fundamental são boas, embora as classifique como do tipo comum. Ela sempre deu preferência para a prática de esportes, ainda que não deixasse de cumprir o que fosse sugerido pela professora. A partir da 5ª série preferiu optar pelo voleibol ao invés do que era ministrado tradicionalmente. Lembra que gostava muito de participar das aulas fazendo uma avaliação positiva deste tempo.

Embora tenha maiores recordações da figura do técnico do que do professor de Educação Física guarda boas lembranças deste.

No ensino médio, continuou a praticar voleibol.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Suas primeiras competições aconteceram quando ainda morava em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Lá participou de diversos campeonatos citadinos, representando o seu colégio, na modalidade de voleibol. Em Florianópolis, competiu pela equipe desta modalidade da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, também em nível municipal.

Maria Antônia recorda que o técnico cobrava muito nos treinos, assim como era bastante rigoroso quanto a pontualidade e assiduidade das atletas. Apesar disto, considerava a relação tranqüila. Ao fazer uma avaliação daquele tempo, acredita que ela própria se exigia muito em termos de resultado.

Para ela, esta foi uma época bastante positiva em sua vida.

## Expectativas para a Formação Inicial Universitária

Acredita que escolheu Educação Física como um dos cursos de formação inicial, pelo fato de gostar de esportes e desejar conhecer um pouco mais deste universo. Diz não ter sido influenciada pela família ou amigos.

Quanto às expectativas em relação ao curso, ela já esperava que a formação fosse voltada para o ensino.

## Transição de Entrada na Formação Inicial

Antes mesmo de ter solicitado sua transferência para a UFSC ela já conhecia o campus desta universidade. Por conta disso, sua adaptação à esta instituição de ensino ocorreu de forma tranquila. Como veio de outra escola, a comparação foi inevitável, preferindo a que se encontra hoje.

Outro fator que contribuiu para isto foi a receptividade dos professores e colegas. Relata que não enfrentou problemas nesta fase de entrada na universidade.

Embora não tenha sentido nenhuma dificuldade nesta fase de ingresso, o professor entrevistado a seu respeito, considerou:

*“(...) ela é extremamente quieta em sala de aula. Não é uma pessoa que se manifesta oralmente com frequência, (...) A participação dela era quase passiva, tanto foi a minha surpresa no final da disciplina, porque ela não se destacou. Ela não foi uma aluna que chamasse a atenção. Ela se mantinha com uma certa distância (...) essa fase de aproximação de um curso superior, e principalmente, nesta 1ª fase não teve grandes participações verbais, comentários (...)” ( Professor A)*

Esta aluna preferiu não destacar colegas para comentarem sobre o seu convívio no curso de Educação Física.

## 4.17 - BRÁS

### Biografia

Extrovertido e comunicativo, Brás tem facilidade de se relacionar bem com as pessoas. Embora, de vez em quando, deixe escapar uma pontinha de rebeldia natural em seu temperamento. Demonstra uma certa liderança, sem a preocupação de ser "certinho". Com muita facilidade diz o que pensa.

Aos 26 anos é solteiro e não tem filhos. Consegue se manter financeiramente desde os 16 anos, época em que começou a ter o seu primeiro salário. Ainda mora com os pais embora, eventualmente, saia de casa por uns tempos. Depois volta para o convívio familiar.

Esteve sempre envolvido com os esportes, não possuindo outro diploma de curso superior. Atleta dedicado, participou de diversas competições importantes, representando a cidade de Florianópolis no basquetebol. Tem muita preocupação com as questões técnicas e, embora tenha entrado num curso de licenciatura, sempre buscou uma formação relacionada a este aspecto.

Encontra-se entre aqueles alunos que têm o seu índice de aproveitamento acadêmico oscilando na faixa dos 5,3. Isto reflete que, mesmo tendo se dedicado aos conteúdos que lhe interessavam, deixou de aproveitar melhor os aspectos relacionados aos conhecimentos teóricos e pedagógicos, puxando a sua média acumulada para baixo.

### Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio

Seu pai era atleta do exército e sempre quis acompanhar tudo de perto. O gosto pelos esportes foi despertado logo na infância. Revela que não gostava muito das aulas de Educação Física, o que lhe interessava mesmo eram os esportes. Passou pelo atletismo, natação, judô e basquetebol.

De qualquer forma, a relação com seus professores sempre foi boa, até porque ele buscava a parte técnica da aula e a direcionava para os seus interesses.

Faz uma avaliação positiva dos tempos de escola, justamente por não se importar com o que ele define como sendo o “*professor desanimado*”.

### **Experiências com o esporte formal de rendimento**

Por volta dos 12 anos definiu que queria ser atleta de basquetebol. Começou nesta modalidade nas escolinhas de esporte, indo com muita rapidez da categoria mirim para a adulta. Em seu currículo registram-se participações em campeonatos Brasileiros e Sul - Americano.

Exigente para consigo mesmo, procurava ser o melhor na atividade desenvolvida. Por conta disso, acredita, foi por cinco anos o capitão da equipe.

O técnico também era bastante rigoroso. Foi um tempo duro, revela, não sabendo se hoje faria tudo novamente.

Deixa transparecer um certo ressentimento em virtude do pouco reconhecimento ao esforço dos atletas e dos técnicos, de maneira geral, pela sociedade. Afirma que fez tudo isso porque gostava muito.

### **Expectativas para a Formação Inicial Universitária**

Atribui a escolha pelo curso ao fato de estar tão ligado aos esportes. Pensou que também poderia tentar Jornalismo (que direcionaria à área esportiva), entretanto acreditou que na Educação Física se realizaria mais.

Com relação às expectativas para o curso de formação, imaginava que as aulas direcionadas ao esporte seriam em maior volume. Surpreendeu-se com tanta teoria. Pretende se formar logo, pois já possui experiência profissional e o diploma é o que realmente interessa neste momento.

### **Transição de Entrada na Formação Inicial**

Os primeiros contatos foram positivos, era tudo novo, na área que queria. Mas confessa que “*não foi aquela aaahhh!*”.

## Progressão na Formação Inicial

Quando entrou no curso, procurou seguir a grade curricular normalmente. Depois, teve que trancar por dois anos para servir ao exército. No retorno tentou recuperar o tempo que esteve fora. Foram muitos créditos cursados em um só semestre.

Assumindo que deixa muito a desejar na área pedagógica, confessa que seus hábitos de leitura são bastante direcionados ao treinamento desportivo.

Apesar do pouco tempo disponível, atuou como Conselheiro no Centro Acadêmico.

Os professores que destacou como importantes na sua formação são aqueles que trabalham na sua área de interesse.

Sobre o aproveitamento do aluno nestas disciplinas, seus professores entrevistados declararam:

*“(...) a disciplina que ele fez comigo foi o basquete, uma atividade que ele já se destacava nesta época, então, no conjunto da disciplina eu considero (o aproveitamento do aluno) como médio superior.(...) Ele é uma pessoa que quando motivada, desenvolve. Tem um espírito individual interessante de desempenho individual e ao mesmo tempo coletivo. Porque ele já tinha um conhecimento, uma bagagem, uma experiência de vida com relação à disciplina. Ele colaborava com a aprendizagem dos demais colegas.” (Professor A)*

*“(...) eu poderia considerar como uma participação muito importante e efetiva na medida em que, durante esta época em que eu ministrava esta disciplina, nós enfatizamos a participação em eventos fora da UFSC, em competições.(...), é um aluno que tem personalidade muito forte. Ele tem liderança. Ele é muito querido no grupo. As pessoas procuram muito o João Maria porque ele tem algo de bom nele. Ele busca esse processo de socialização.” (Professor B)*

O aluno confessou que seu nível de exigência dependia muito da disciplina. Naquelas em que se identificava, procurava fazer suas atividades bem feitas. Nas demais, apenas o necessário para ser aprovado.

Com relação aos trabalhos em equipe, declara ser meio individualista, preferindo realizar as atividades sozinho.

Suas estratégias de estudo seguem a mesma linha. Quando a disciplina exigia estudo, ele estudava, quando não era necessário se empenhar muito, não o fazia.

### **Transição de Saída na Formação Inicial**

Suas expectativas de atuação futura situam-se dentro do campo do treinamento desportivo. Que trabalhar com esporte de rendimento. Embora demonstre um pouco de insegurança ao afirmar que: *“será que é isso que eu quero?”*.

Quando fala da formação que recebeu, considera ser impossível afirmar que não aprendeu nada durante o curso. Ressalta, contudo, que há sempre a necessidade do profissional estar buscando alternativas de se atualizar em termos de conhecimento. Aprende-se muito mais fora da universidade, sobretudo na área de atuação pretendida, enfatiza.

Como sugestão acredita que rever as questões curriculares e de ética profissional contribuiriam muito para uma formação mais proveitosa.



## CAPÍTULO V

### DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste momento, a discussão dos resultados foi apresentada considerando a fase em que os estudantes participantes do estudo se encontravam ou que já haviam passado no curso. Sobre a **fase de entrada** (2ª e 3ª fases), todos os estudantes responderam, pois estavam ou já haviam passado por estas fases iniciais. Já quanto a **fase de progressão** (4ª, 5ª e 6ª fases), apenas os estudantes que se encontravam a partir da 4ª fase responderam aos questionamentos. E, sobre a fase de saída (7ª e 8ª fases), somente os alunos que se encontravam no término do curso fizeram parte deste grupo. Esta divisão em fases ou etapas da formação inicial foi realizada para verificar as semelhanças ou diferenças nas transições de entrada e saída, assim como se o conhecimento recebido durante a formação inicial modificou as percepções (comportamentos, estratégias, atitudes) dos estudantes em relação a futura profissão, ou ainda se teve, de algum modo, influência sobre o aproveitamento acadêmico demonstrado durante o curso de graduação.

#### O início de tudo?

As lembranças que são guardadas da infância, com a família, com os amigos, com a escola, sempre deixam marcas para toda a vida. Não é diferente quando, por meio destas experiências, consideradas boas ou más, seja projetado o futuro profissional.

Autores como Carreiro da Costa (1996); Carvalho (1996) e Crum (1993), que já realizaram pesquisas nesta perspectiva de discussão, reconhecem que a longa exposição às idéias pedagógicas, modelos de ensino e padrões de comportamento podem influenciar na escolha da futura profissão. O estudo realizado por Chiaradia, Castro & Nascimento (2002), no qual discutiu-se a

respeito das estratégias de estudantes com elevado aproveitamento acadêmico para a adaptação à formação inicial em Educação Física, demonstrou que as experiências positivas com as aulas desta disciplina durante o tempo escolar foram determinantes na escolha do curso de graduação, bem como na manutenção do interesse pela formação durante o curso.

Vasco, Maria do Céu, Maria João, Maria Augusta, Henrique e Maria Antônia encontravam-se na **fase de entrada** do curso de formação inicial em Educação Física. Para todos eles, as recordações das aulas de Educação Física durante a vida escolar anterior ao curso de graduação, foram muito positivas. Para a maioria deles, o gosto pela atividade e a relação de afetividade que mantinham com os professores são as melhores lembranças. Para outros, o fato de terem percebido que estas aulas poderiam ter sido diferentes, embora gostassem delas na época, também é relevante no sentido de avaliarem e tecerem críticas à metodologia utilizada naquelas aulas.

Neste grupo de alunos, embora com modelos de aula bastante diferenciados (aulas somente de prática de modalidades esportivas, recreativas ou sem o devido respeito às individualidades pessoais) percebeu-se que a maior dificuldade foi sentida por Henrique, que não se adaptava ao tipo de aula excludente que era ministrada naquele momento de sua vida. Nos demais casos, as experiências vivenciadas por eles ocorreram de forma bastante similar, conforme avaliação retrospectiva efetuada pelos estudantes investigados.

As aulas de Educação Física apresentavam algumas características interessantes. Elas podiam ter um poder atrativo muito grande, pelo fato de serem aulas diferentes das demais (não raro, era a aula mais aguardada pelos alunos), ou podia gerar um certo tipo de aversão, motivada por exclusões, aulas de um só tipo de modalidade (aquela com a qual o professor melhor se identificava), falta de diversificação nas atividades, entre outras. Estes pequenos detalhes marcaram significativamente a vida do estudante. Ao responderem as perguntas realizadas durante a entrevista, a demonstração de grande emoção por parte dos estudantes foi evidente, tanto no sentido nostálgico, da recordação de boas lembranças, quanto na tristeza por saberem que tudo poderia ter sido melhor, se o profissional que estivesse à frente das aulas fosse melhor qualificado.

Na **fase de progressão** encontravam-se os estudantes Maria de Fátima, Joaquim, Antônio, Bento e Maria Carmem. Para eles, da mesma forma que para os seus colegas da fase de entrada na formação inicial, as lembranças das aulas de Educação Física foram muito positivas. Sempre mantiveram um bom relacionamento com os seus professores e tinham muito interesse pelas atividades desenvolvidas. Todos recordaram-se de bons momentos, muitas amizades e aulas que propiciavam um melhor relacionamento com colegas. A crítica foi feita ao tipo de aula considerada "muito superficial", conforme destacou Maria Carmem. Neste caso, esta aluna confessou que conseguia fazer esta crítica por já ter adquirido alguns conhecimentos sobre as metodologias de ensino, logo no início do curso de formação inicial.

O grupo de alunos que se encontrava na **fase de saída** da formação inicial, Manuel, João Luiz, Miguel, Maria José, João Maria e Brás, também tiveram boas lembranças do tempo de Educação Física na escola. Exceto João Maria e Manuel que, embora gostando de realizar as atividades propostas, se sentiam excluídos pelo mesmo motivo: eram considerados "gordinhos". Neste caso, sempre acabavam sendo excluídos de determinadas atividades para não causar prejuízos à performance almejada naquele tipo de aula. Também consideraram que um profissional que já havia recebido os conhecimentos iniciais de um curso de graduação, não deveria agir da forma que seus professores agiam.

O gosto pela atividade, o bom relacionamento com os professores, as boas lembranças das aulas de Educação Física, assim como as críticas foram bastante similares para os três grupos. Um fato a ser destacado é o de que três, dos quatro alunos que tiveram experiências negativas, encontravam-se entre aqueles estudantes com o menor índice de aproveitamento acadêmico no curso de graduação. A exceção foi o caso de Manuel, que mesmo tendo enfrentado uma certa discriminação na infância, hoje detinha um dos melhores índices de aproveitamento no curso de graduação em Educação Física. O curso de formação inicial parece ter despertado a consciência do que seria uma boa aula de Educação Física para a maioria destes estudantes. Com o conhecimento adquirido, eles conseguem estabelecer críticas e pontuar as questões mais significativas no desenvolvimento das aulas que receberam. A falta de ludicidade nas aulas ministradas nas séries iniciais, as discriminações por falta de melhor

nível de habilidade física, as exclusões, o excesso de aulas de uma determinada modalidade esportiva em detrimento das demais, compreendem os principais problemas enfrentados nas aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio, independentemente da fase em que os estudantes se encontram no curso.

**Aulas de caráter pouco lúdico, nas as séries iniciais do ensino fundamental:**

Embora as propostas oficiais sobre o ensino da Educação Física, conforme análise de literatura realizada por Martins Júnior (2002), deveria privilegiar aulas que permitissem o desenvolvimento dos aspectos recreativos, a consolidação dos hábitos de higiene, o desenvolvimento corporal e mental harmônicos para a formação integral da personalidade do aluno, o que se percebeu é que, na prática, as aulas foram realizadas sem critérios definidos. As aulas são ministradas muito mais de acordo com os conhecimentos e afinidades do professor com determinados conteúdos, do que com uma prática planejada pelo coletivo de professores da escola ou proposta pedagógica do governo.

**Pouca diversificação de atividades nas aulas.** A pouca diversificação dos conteúdos das aulas de Educação Física tem sido motivo de preocupação tanto para os investigadores que discutem a Educação Física Escolar, quanto para o corpo docente e administrativo das escolas. Nota-se que, na maioria das vezes, as aulas de Educação Física têm conteúdo repetitivo e de acordo com a preferência pessoal do professor. Normalmente, uma modalidade esportiva (especialmente de 5ª a 8ª Séries de ensino fundamental) é oferecida por vários meses consecutivos, o que torna a aula desgastante e pouco atrativa para aqueles que não se identificam com este tipo de aula. Além disso, a pouca importância deste tipo de aula vem sendo cada vez mais discutida e combatida pela comunidade escolar nos momentos de elaboração do planejamento de ensino da escola. O descrédito do profissional que atua desta forma fica evidenciado.

Carreiro da Costa (1996) faz uma análise sobre os modelos de formação de professores, na qual destaca que o ensino da Educação Física é marcado pela complexidade e incerteza, e por situações que podem ser previstas anteriormente. Desta forma, exige-se do professor a capacidade de resolver problemas, refletir sobre os fins, os objetivos e o resultado de seu trabalho.

Considera que os cursos de formação inicial em Educação Física devam criar ambientes favoráveis à promoção e desenvolvimento de uma capacidade reflexiva, orientando o ensino por meio da racionalidade técnica, prática e crítica. Ainda sobre este assunto, este autor destaca que:

*“Defendo que necessitamos de formar professores com capacidade de distinguir uma boa prática educativa e uma prática inaceitável. Necessitamos de professores altamente motivados e empenhados em enfrentar a sua actividade profissional com curiosidade, que assumam as tarefas profissionais de uma forma não rotineira, enfim professores reflexivos que entendam o processo de aprendizagem e de formação como fazendo parte da própria função docente, que creiam e assumam o processo de melhoria do seu próprio ensino como um empreendimento colectivo.” (p.27)*

**Exclusão dos alunos com menos “vigor físico” ou “pouco habilidosos”.** Esta é uma outra questão que há muito vem sendo discutida no âmbito da Educação Física Escolar. Além de se constituir numa prática preconceituosa e excludente, não cabe mais no atual contexto escolar. Este tipo de prática, em geral, é atribuída aqueles profissionais que desconsideram a evolução do pensamento pedagógico, dos currículos e da própria humanidade.

Sobre a exclusão, Carvalho (1996) concorda que, infelizmente esta é uma prática freqüente. Lembra que a educação exige um código moral para o ensino, sobretudo, exige que a escola deve proporcionar acesso igual e tratamento de igual qualidade educativa a todos os alunos. Nesta publicação, o autor cita outras duas investigações desenvolvidas por Carreiro da Costa (1988) e Carreiro da Costa & Pieron (1990), as quais contribuem nesta discussão ao defenderem que:

*“A qualidade do ensino é também uma forma de justiça social. Com efeito, a investigação demonstra que os alunos menos aptos no plano motor podem acender a níveis mais elevados de aprendizagem desde que se beneficiem de oportunidades e condições educativas apropriadas”. (p.28)*

**Aulas com conteúdos aplicados de forma muito superficial.** Neste tipo de aula, os alunos costumam ser “largados” em quadra esportiva, sem saber exatamente o porquê das aulas que estão recebendo. Martins Júnior (2002)

comenta que raros são os professores que se preocupam em ministrar conteúdos teóricos sobre os assuntos relativos às suas aulas.

Molina Neto (1998) elaborou um modelo de prática docente, no qual vários dos itens destacados pelos estudantes citados neste estudo se enquadram. Este autor discutiu de maneira bastante aprofundada, a relação teoria e prática docente (a prática de conteúdo, a criativa, a disciplinadora e a reflexiva). Entretanto, a fim de ilustrar as similaridades com as dificuldades percebidas pelos estudantes que fizeram parte desta pesquisa, procurou-se apresentar, de forma muito resumida, Algumas destas questões. Na **prática de conteúdo**, destacam-se as aulas onde a preferência pessoal do professor é predominante, com pouco envolvimento da disciplina no projeto pedagógico da escola. Normalmente, o professor está mais preocupado em fazer o aluno aprender o que, de forma possível, está programado, com o material que se dispõe na escola. A **prática criativa** procura dar conta de suprir as necessidades dos alunos e da escola, diante de tantos desafios que são impostos pelo sistema educacional. O professor demonstra grande compromisso com os alunos e com o desenvolvimento de suas atividades, sem, no entanto, questionar as dificuldades impostas pelo sistema educacional. A **prática disciplinadora** traduz-se num forte compromisso com a instituição de ensino e no controle dos alunos, buscando adaptá-los de forma que aceitem as normas institucionais. Ela pretende educar atitudes, valores e comportamento dos alunos por meio da disciplina corporal. Já a **prática reflexiva** privilegia o questionamento do professor em relação ao seu papel e o da sua disciplina dentro do contexto escolar. Ao procurar integrar a sua disciplina às demais práticas educativas da escola, é questionadora, causando por vezes, incômodos à administração da escola e ao próprio sistema educativo. Ela demonstra grande compromisso e integração com os alunos e, sobretudo, caracteriza-se pela reflexão da sua ação prática.

Os depoimentos dos alunos, de modo geral, demonstraram que as aulas as quais tiveram acesso, mantiveram um grande distanciamento da prática reflexiva. Entretanto não se pode desconsiderar, o gosto pela atividade física que os alunos apresentavam, sobretudo antes de adquirirem o conhecimento pedagógico na formação inicial.

Do ponto de vista do aproveitamento acadêmico, percebeu-se que, tanto o grupo com melhor quanto o com médio aproveitamento acadêmico na formação inicial, tiveram mais experiências positivas com as aulas de Educação Física, independentemente da qualidade destas aulas. Apenas um estudante de cada grupo sentiu algum tipo de dificuldade. Já no grupo de alunos que detinham os índices de aproveitamento acadêmico mais inferiores, as lembranças de dificuldades nas aulas foram destacadas por quatro dos seis estudantes entrevistados.

De modo geral, pode-se perceber que as experiências com as aulas de Educação Física foram importantes, porém parece que não foram determinantes para a escolha da formação profissional na área. Por outro lado, não se pode negar que para todos os alunos entrevistados, embora alguns tecessem algumas críticas, as aulas de Educação Física eram aquelas mais esperadas e que eles mais gostavam.

### O vínculo com o esporte

Não há como negar o grande poder de atração que o esporte exerce sobre as pessoas, seja como praticantes de alguma modalidade, como torcedor ou simplesmente como admirador. Até mesmo as pessoas responsáveis pelas políticas públicas, embora nem sempre da melhor maneira, reconhecem o valor do esporte no sentido de contribuir socialmente com uma melhor expectativa e perspectiva de vida para a população. A prática de esportes, a partir das experiências com as aulas de Educação Física ministradas nas escolas ou mesmo em escolinhas de esporte, parece ser um vínculo bastante importante na vida de quase todos os estudantes entrevistados neste estudo.

Com exceção de dois entrevistados, todos os demais estudantes que se encontrava na **fase de entrada, progressão e saída** da formação inicial dedicaram algum tempo de suas vidas à prática de esportes. De todos os estudantes, apenas um deles teve lembranças negativas desta época (M<sup>a</sup> Augusta). Para a maioria, mesmo com um alto nível de exigência técnica (que era entendida por todos como algo necessário para a obtenção dos resultados

almejados), o relacionamento freqüente com o treinador foi de afetividade. Embora, no mundo esportivo as dificuldades sejam freqüentes, todas as outras possibilidades oferecidas pela prática do esporte foram consideradas suficientes para auxiliar na superação dos problemas enfrentados. O fato de viajarem, conhecerem outros lugares, fazerem novas amizades, de se tornarem menos individualistas foram fatores positivos citados pelos estudantes.

A formação recebida atualmente, fez com que os estudantes percebessem que nem sempre as sessões de treinamento foram implementadas da forma mais adequada. O desgaste psicológico e emocional acarretado pelas exigências da melhor performance e o desrespeito ao princípio da individualidade biológica foram questionados.

Dentre as maiores dificuldades enfrentadas por estes estudantes destacaram-se:

**Falta de compreensão do treinador em relação aos problemas específicos, momentâneos enfrentados pelo atleta.** Neste caso específico, esta referência foi apontada aos treinadores que não consideravam os problemas pessoais passageiros que ocorrem no cotidiano do atleta. Em virtude destes problemas, muitas vezes o atleta é excluído de participar de futuras competições.

**Pouco conhecimento, por parte dos treinadores, dos princípios da individualidade biológica.** Esta é uma questão que tem sido amplamente abordada por autores e treinadores que discutem o treinamento físico. O treinamento de forma individualizada, do ponto de vista biológico, respeitando as especificidades individuais, é elementar para garantir tanto um resultado satisfatório quanto para assegurar a saúde física e psicológica do atleta.

**Excesso de cobrança dos treinadores por resultados:** Esta é uma situação típica do esporte de rendimento. O atleta, mesmo nas categorias de base, está exposto a situações de aumento do nível de treinamento, que não são desconhecidas quando se faz a opção por este tipo de esporte. Embora o atleta reconheça que, muitas vezes, é preciso superar os seus limites pessoais, ele se submete a estas cobranças em virtude dos resultados esperados, mesmo que, posteriormente, venha a reclamar desta situação.



**Lesões.** As lesões em atletas decorrem, em parte, justamente pela condução inadequada do treinamento físico. Vários exemplos de jovens atletas que abreviam a sua carreira em virtude das lesões têm sido mostrados pela mídia.

Relativamente às questões anteriormente citadas acerca das dificuldades e problemas enfrentados pelos atletas, constatou-se que foram bastante comuns e, em geral, estão relacionadas a treinamentos inadequados. A cobrança excessiva por resultados imediatos, a iniciação precoce na vida esportiva, a falta de condicionamento físico, entre outros, tem sido alvo de muitos estudos neste campo de discussão.

As lesões ocorrem, segundo Guillet *et al* (1983), em virtude de diversos fatores que influenciam na performance do atleta, como a falta de aquecimento e alongamento antes dos treinos e competições, além do contato físico entre os atletas. Ainda sobre este assunto, Helfenstein (1997) comenta que uma equipe bem treinada, com um bom desenvolvimento da habilidade motora e uma forte motivação apresenta poucas lesões. Entretanto, alerta o autor, quando elas ocorrem geralmente são casos mais sérios do que o normal. Um dos motivos que levam ao crescimento do número de lesões (que hoje tem sido destaque na mídia) é o fato dos treinamentos e competições terem se fortalecido muito com a tendência ao profissionalismo. Com isso, as cargas se intensificaram, o tempo e a frequência dedicados aos treinos se prolongaram.

De qualquer maneira, este vínculo estabelecido com a prática de esportes parece ter sido mais significativo para a maioria destes estudantes, do que as experiências anteriores com as aulas de Educação Física, no sentido de buscarem uma formação profissional que suprisse a necessidade pessoal de continuar em contato com os esportes.

No caso desta questão, as dificuldades foram apresentadas pelos estudantes de modo muito semelhante, independentemente do índice de aproveitamento acadêmico durante o curso de graduação. A paixão pelo esporte e o esforço pessoal para alcançarem os resultados desejados, eram superiores aos problemas que percebiam em virtude desta prática.

Os dados analisados até o momento revelaram que aqueles estudantes que tiveram melhor experiência com as aulas de Educação Física também tiveram melhores experiências com o esporte, embora a prática esportiva tenha

apresenta maior significado para as suas vidas. De fato, isto contribuiu bastante na escolha do curso de graduação em Educação Física como primeira opção no concurso vestibular. Além disso, demonstrou também que já havia uma predisposição a gostarem mais formação inicial, obtendo melhores notas e mantendo-as durante o curso de formação. Isto revelou que uma série de relações foram desencadeadas, em virtude dos acontecimentos vivenciados anteriormente, que por sua vez, foram se somando, confirmando ou não as expectativas dos estudantes.

### O que eu vou ser “quando crescer” ?

O momento de decidir por uma profissão tem um significado muito importante, especialmente para quem ainda está numa idade em que as definições ainda não são muito claras em suas mentes. A necessidade de optar por um curso de formação superior, para aqueles que ainda se encontram no final da adolescência ou início da vida adulta, parece fazer parte de mais um dos vários conflitos internos vividos nesta fase da vida. Não é pouco freqüente que alguns estudantes iniciam um curso de graduação e, logo depois desistem dele por perceberem que não era o que desejavam ter como profissão. Quando mais amadurecidos, buscam fazer a escolha correta, tentando conciliar o gosto pela atividade, a expectativa de ter um bom rendimento financeiro, a pressão familiar, a influência dos amigos, entre tantas outras angústias. O sonho de realização pessoal, as conveniências, as vontades e necessidades pessoais/profissionais são confirmadas ou não, durante o percurso de formação inicial, dependendo do nível de expectativas elaboradas, principalmente nesta fase.

Os motivos para a escolha do curso de graduação em Educação Física assim como as expectativas em relação a nova formação, foram bastante similares para os três grupos (**entrada, progressão e saída**), independentemente dos índices de aproveitamento acadêmico.

**O gosto e experiências anteriores com esportes.** Como já foi demonstrado pelas respostas dos estudantes deste e de outros estudos (Carreiro da Costa, Carvalho, Diniz e Pestana, 1996), a escolha do curso se baseia na possibilidade

de prolongar a prática de atividades físicas e esportes. O gosto pelos esportes e as experiências anteriores vivenciadas pelos estudantes foram os principais motivos atribuídos à escolha do curso de Educação Física. Fazem parte deste universo, no qual o esporte é o grande atrativo, desde aqueles estudantes que já haviam definido anteriormente que este curso era o seu ideal de vida, os que não passaram no vestibular em sua primeira opção, até os estudantes que resolveram “arriscar” para não deixar de cursar uma universidade. As vivências anteriores incluem, além do gosto pela atividade, a imagem do professor/treinador como amigo e possuidor de conhecimentos científicos e as relações afetivas estabelecidas com colegas durante o convívio nas aulas e treinos.

**Este curso era a segunda opção.** Os estudantes que escolheram o curso de Educação Física como segunda opção de formação universitária, mantiveram algum envolvimento com o esporte, identificando-se com ele, o que contribuiu significativamente para a escolha. A idéia de que a formação, dada a representação obtida ao longo dos anos, iria desenvolver o conteúdo técnico dos esportes, esteve freqüentemente presente no imaginário destes estudantes. Além disso, a possibilidade de aproveitar posteriormente os conteúdos das matérias ministradas no curso de graduação em Educação física, num segundo curso de sua preferência (nutrição, medicina ou fisioterapia) tem atraído muitos estudantes.

**Necessidade de formação acadêmica.** A partir das reformas educacionais aprovadas nos últimos anos (Lei n. 9.394/96; Resolução CNE 01/99; Decretos n. 3.276/99 e n. 3.554/00; Parecer CNE/CP 009/01), a formação de professores tem sofrido algumas modificações para atender a nova demanda do “mundo globalizado”. Em virtude destas reformas, os profissionais da Educação Física também precisam atender as adequações necessárias ao exercício legal da profissão (Lei nº 9,696/98). Este é um dos motivos que tem feito profissionais desta área, com experiência prática, buscarem a formação acadêmica.

Entretanto, embora não se tenha a pretensão de discutir a legislação atual de formação de professores, cabe lembrar que esta é uma questão bastante polêmica. Alguns autores tecem duras críticas as estratégias utilizadas para discussão e aprovação destas reformas educacionais. Para Scheibe & Bazzo (2001), *“a estratégia adotada foi útil para quebrar resistências, atropelar discussões historicamente estabelecidas entre os educadores, surpreender e*

*prejudicar seu movimento*” (p.11). Já Frigoto (2001) lembra que o professor se apresenta como o agente de mudança, responsável pela realização do ideário educacional do século XXI, necessitando adequar-se ao mundo tecnologicamente globalizado.

Com relação às expectativas geradas para esta formação, os estudantes destacam que gostariam que o curso oferecesse:

**Aulas mais práticas do que teóricas (mais esportes).** O fato da maioria dos estudantes ter construído uma expectativa não letiva, deve-se em parte, a longa exposição, durante os anos escolares (ensino fundamental e médio) a modelos de ensino voltados somente à prática esportiva. Os procedimentos adotados por alguns de seus professores, desconsiderando os demais aspectos pedagógicos que devem fazer parte da aula, levaram o aluno a imaginar que o ensino da Educação Física prioriza o esporte muito além do que é estabelecido pelo currículo da disciplina.

Além disso, conforme destaca Molina Neto (1997), a deficiência na formação inicial deve-se, em parte, ao fato dela estar fundamentada nos currículos que preparam os futuros professores para atuarem em ambientes não escolares, em detrimento do ensino voltado à escola pública. O modismo, a especialização do trabalho e as mudanças dos hábitos de vida das comunidades urbanas acabam prevalecendo na construção de um currículo, o que traz prejuízo para a intervenção futura no ensino público.

Nesta perspectiva, é muito comum que o aluno do curso de Educação Física (licenciatura ou bacharelado), imagine que um currículo abrangente, que atenda as demandas sociais mais emergentes, possa proporcionar melhor formação profissional. No caso específico do curso de licenciatura, acabam esquecendo que o seu principal objetivo é o ensino. O ensino tem o seu valor minimizado, sobretudo diante de tantas outras possibilidades de intervenção que se apresentam nos cursos de licenciatura ampliada ou pseudo-licenciatura em Educação Física.

Contudo, discutir e reformular o currículo, embora por vezes pareça simples, é tarefa bastante complexa e exige muito conhecimento do contexto educacional e do momento em que se está vivendo. Da mesma forma há a necessidade de se possuir ampla capacidade de prever as conseqüências

futuras, no sentido de atender as necessidades específicas da profissão, em virtude da velocidade com que as mudanças se apresentam nesta “era do conhecimento e da comunicação”. Sacristán (1995) dedica uma de suas importantes obras para refletir sobre o currículo e sua prática. Ele destaca que o currículo não é um objeto estático, mas é, sobretudo, uma práxis. E, como tal, considera entre outros fatores que intervêm na sua construção, a instituição de ensino, os professores, os alunos, e os valores sociais. Sobre o assunto, Sacristán (1995) comenta:

*“És una práctica em la que se establece um diálogo , por decirlo a sí, entre agentes sociales, elementos técnicos, alumnos que reaccionam ante él, profesores que lo modelam, etc. Desarrollar esta acepción del curriculum como âmbito práctico tiene al atractivo de poder ordenar en torno a este discurso las funciones que cumple y el modo como las realiza, estudiándolo procesualmente.(...) Es contexto de la practica al tiempo que contextualizado por ella.” (p.16)*

**Um curso de licenciatura como está estruturado atualmente:** Para os estudantes que já detinham conhecimentos anteriores, por meio de leituras e conversas com amigos e professores, as expectativas geradas não apresentaram surpresas, considerando que os estudantes já haviam se inteirado sobre o currículo e o tipo de formação que os aguardaria. Estes estudantes são aqueles que pretendiam aliar o gosto pelo esporte com a vontade de ser professor. Em geral, já possuíam representação clara sobre o ensino nas aulas de Educação Física, onde a figura do professor era lembrada como aquele que possuía tanto conhecimentos quanto preocupações pedagógicas.

**Aulas voltadas para o treinamento físico:** Grande parte dos alunos que não detinham conhecimento prévio sobre a estrutura curricular de um curso de licenciatura em Educação Física, entram na universidade esperando que este curso pudesse atender a demanda do mercado de trabalho extra-escolar, principalmente no que diz respeito àquelas competências relacionadas ao treinamento físico. Tal situação parece revelar que a universidade esteja deixando de cumprir um dos seus importantes papéis diante da sociedade, que é o de esclarecer, especialmente aos estudantes do ensino médio, acerca dos conteúdos curriculares da formação pretendida.

Sobre as possibilidades de intervenção do profissional da Educação Física fora do ambiente escolar, Nascimento (2002), Silveira (2002) e Tubino (2002) vêm discutindo no sentido de situar os profissionais da área acerca das dificuldades enfrentadas pelos cursos de formação inicial em atender de maneira eficaz as novas demandas profissionais, visto que os hábitos das pessoas se modificaram com o passar dos anos, aumentando a necessidade de se preencher espaços antes não desenvolvidos por outros profissionais.

**Não criaram expectativas sobre a formação inicial.** Os estudantes que optaram por este tipo de resposta, revelam a curiosidade de saber como o curso se apresentaria somente no decorrer da sua realização. A expectativa maior era apenas de entrar para um curso universitário, mais pela cobrança social e familiar do que propriamente para o exercício futuro de uma profissão.

Os motivos que levaram os estudantes a escolherem o curso de Educação Física, além da influência da socialização antecipatória, por Bain (1990) e Carreiro da Costa (1996), confirmam que o professor constrói o seu lastro de certezas ao longo de vários processos de socialização. Em estudo sobre o tempo e saberes profissionais, Tardif & Raymond (2000) destacam que ele não é apenas um “sujeito epistêmico”,

*“(...) ele é uma pessoa comprometida em e por sua própria história – pessoal, familiar, escolar, social – que lhe proporciona um lastro de certezas e a partir das quais ele compreende e interpreta as novas situações que o afetam e constrói, por meio de suas próprias ações, a continuação de sua história.”*

Nesta perspectiva, a formação inicial embora se considerem todas as influências anteriores a ela, é apenas parte de um longo processo de formação, no qual a pessoa vai agregando outras experiências e, de acordo com a sua compreensão, necessidade ou vontade, vai construindo novos saberes, modificando ou não a sua prática profissional.

Ao estabelecer relação entre as respostas apresentadas pelos três grupos entrevistados, percebeu-se que o gosto pela prática esportiva esteve presente em todas as respostas, independentemente da fase em que o estudante se encontrava no curso ou índice de aproveitamento acadêmico. Isso reforçou a idéia de que as experiências com os esportes têm um significado mais importante

para o aluno ou atleta do que as experiências (positivas ou negativas) com as aulas de Educação Física. As emoções geradas ao participar de eventos ou competições esportivas, assim como o vínculo afetivo com o professor/técnico e as amizades feitas ao longo do convívio com colegas parecem esclarecer, em parte, esta idéia.

### **As primeiras impressões da universidade. E aí calouro?**

A timidez, que é própria de quem chega de uma outra cidade para uma capital, fez com que dois dos seis estudantes que ainda se encontravam na **fase de entrada** do curso, se sentissem um pouco assustados inicialmente. Entretanto, Maria do Céu e Vasco tinham propósitos bem definidos e o fato de terem sido muito bem recebidos por colegas e professores foi determinante para uma boa adaptação a nova instituição de ensino. Os outros quatro estudantes já conheciam o campus da universidade e não tiveram maiores dificuldades na transição de entrada. O fato de professores e colegas receberem bem os demais colegas foi fundamental para que Maria João não desistisse do curso no momento de maior distanciamento da família e desânimo. Mesmo para os colegas que residiam na cidade, o fato de entrar na universidade já traz, por si só, uma certa angústia. Todos traziam consigo algumas expectativas com relação ao curso, que se confirmaram ou não.

O impacto maior, na transição de entrada, ocorreu com aqueles alunos que não escolheram o curso de Educação Física como primeira opção no concurso vestibular. A dúvida pairou durante algum tempo em suas cabeças antes que decidissem continuar. A motivação em iniciar o curso para estes alunos, que haviam optado por outra profissão e não conseguiram confirmar a sua escolha, era diferente daqueles que já haviam se decidido pela Educação Física. A frustração e insegurança marcaram estes estudantes nesta fase. Para quem veio de outra cidade, os maiores problemas enfrentados foram o distanciamento da família e amigos e a mudança brusca nos hábitos cotidianos.

A entrada na universidade, de acordo com Nascimento (1998), constitui um momento muito significativo na vida do estudante, considerando que as

exigências acadêmicas e os hábitos de trabalho são muito diferentes daqueles demonstrados nos níveis de ensino anteriores.

Para os estudantes que já se encontravam na **fase de progressão**, as primeiras impressões da universidade, também foram boas, embora quatro deles, tenham feito algumas observações dirigidas aos professores nesta fase inicial. Bento teve problemas políticos, e questionou a competência dos professores no processo de ensinar o que sabem. Maria Carmem sentiu-se distante por acreditar que suas expectativas não seriam confirmadas e por sentir falta de orientação, por parte dos professores, com relação a todas as possibilidades de trabalho oferecidas por esta formação, Maria de Fátima e Joaquim teceram algumas críticas relacionadas às metodologias utilizadas por alguns professores.

Apesar de admitirem que não enfrenta problemas nesta fase de entrada na universidade, percebeu-se pelas falas que tanto Bento quanto Maria Carmem enfrentaram alguma dificuldade na época. O primeiro estudante possui médio aproveitamento acadêmico e a segunda está entre os aproveitamentos mais baixos.

Três dos seis estudantes encontram-se na **fase de saída** reconhecem que sentiram-se “perdidos” nos primeiros contatos com a instituição. O excesso de nomenclaturas, assim como a falta de assistência ao estudante ingressante (que, frequentemente, deixa de cumprir prazos por ser “desligado”) foram citados. Entretanto, o problema maior parece ter sido enfrentado por João Luiz, que, mesmo já conhecendo a universidade, ficou frustrado e inseguro em relação ao curso (era sua segunda opção no vestibular), já que sua expectativa era estar cursando outro curso de graduação. Manuel sentiu algumas dificuldades em relação aos rótulos que os colegas, num primeiro momento, lhe imprimiram. Os demais alunos só destacaram lembranças positivas de colegas e professores.

Diferentemente dos outros grupos, neste caso, os problemas maiores na fase de entrada na universidade foram enfrentados por aqueles alunos que, durante o curso, se mantiveram entre os mais altos índices de aproveitamento acadêmico.

De modo geral, os problemas mais frequentes enfrentados nesta fase inicial ao curso de Educação Física pelos diferentes grupos de alunos foram:



**Assustados/perdidos na nova instituição de ensino.** A entrada na universidade, especialmente num campus tão amplo, configura-se num momento assustador, onde tudo é novidade. E ao mesmo tempo em que ocorre o deslumbramento, há também a insegurança e o sentimento de falta de proteção. Isto ocorre, especialmente, com aqueles estudantes que vieram de outras cidades.

**Distanciamento da família e dos amigos.** Mesmo quando o motivo para sair de casa é tão nobre, o distanciamento familiar tem um impacto significativo na vida de estudantes que precisam deixar a sua cidade para estudar em um centro maior. A falta de proximidade dos amigos também constitui um importante fator de dificuldade inicial neste processo de adaptação.

**Mudança brusca nos hábitos cotidianos.** Estas mudanças são percebidas, sobretudo, por aqueles estudantes que vieram de outras cidades e que precisam aprender a “se virar sozinhos”. A falta da comida pronta, da roupa lavada, a necessidade de estudar nas horas vagas, de ter que cumprir calendários escolares, entre outros, imprimiram uma certa dificuldade neste momento de suas vidas. Embora estas mudanças de hábitos também tenham ocorrido para aqueles que ainda moram com a família, estas se apresentaram de forma mais amenizada.

**Questionamentos relacionados à metodologia de ensino dos professores.** Os questionamentos surgiram por parte daqueles alunos que já possuíam uma representação de ensino, algumas expectativas em relação às atitudes dos professores e de suas metodologias de ensino. Os alunos com um aproveitamento muito bom durante o curso criticam basicamente a forma de “transmissão” dos conteúdos e não a falta de domínio de conhecimento dos professores.

**Falta de orientação sobre as possibilidades de intervenção na área.** Embora esta questão já tenha sido discutida anteriormente, ressalta-se neste item a falha da universidade em esclarecer para os candidato ao concurso vestibular, assim como aos que já estão na universidade, acerca do universo de possibilidades de intervenção de sua formação acadêmica. Muitas vezes o aluno entra na universidade “por engano” e sai dela com muitas dúvidas.

**Falta de orientação e assistência ao aluno ingressante.** O aluno novo “calouro, percebe uma grande diferença no tratamento que é dado a ele em relação aos níveis anteriores de ensino. Na universidade”, ele precisa se organizar de forma a não perder prazos, buscar saber o que ela oferece aos seus alunos e, ao mesmo tempo, “correr atrás” das informações necessárias. Enquanto para alguns isso foi considerado normal, para outros, implicou numa série de dificuldades, já que era acostumado a receber muitas orientações e assistência por parte dos servidores técnico-administrativos.

**Rótulos recebidos por parte dos colegas.** Este caso ocorre, particularmente, quando o aluno apresenta alguma característica diferenciada da maioria dos colegas “calouros”. Tais características podem constituir o fato de ser muito estudioso e já possuir um conhecimento anterior dos conteúdos, o modo de falar e se expressar ou a procedência de origem. Todos estes aspectos são fatores que podem suscitar rótulos, que poderão ser superados no decorrer do curso, desde que o estudante tenha disposição para conquistar os demais colegas.

**Insegurança e frustração com o curso (Educação Física era segunda opção no vestibular).** Esta é uma das dificuldades que se configuram num grande problema para os alunos que possuíam outra perspectiva de formação inicial. Para alguns deles, a frustração por não estarem cursando a graduação que desejavam como primeira opção no concurso vestibular, foi motivo de “quase desistência” desta graduação. Novamente, a acolhida por parte dos professores e o compartilhar de dificuldades com os demais colegas, foram fundamentais para auxiliar neste processo de adaptação.

Apesar da fase de entrada na universidade ter sido experimentada de forma bastante particular para cada estudante, onde cada um trazia consigo uma história de vida e expectativas diversas, foi possível constatar que os problemas enfrentados nesta fase foram semelhantes para aqueles que possuíam expectativas também semelhantes. Embora a maioria dos estudantes tenha relatado não ter percebido problemas nesta fase de adaptação à universidade, muitos se sentiram assustados ou perdidos na nova instituição de ensino, mesmo aqueles que já a conheciam. Para aqueles que não escolheram a Educação Física como primeira opção de formação inicial também houve um tempo maior

até a sua adaptação e decisão por continuar neste curso. Os estudantes mais tímidos também levaram um tempo maior para se adaptar aos colegas.

Ao discutir estas questões, Nascimento (1998) considera que esta é uma fase particular na vida dos estudantes, visto que estão saindo de um nível de ensino no qual se sentiam mais amparados e ingressando num curso superior onde há a necessidade de tomada de inúmeras decisões. Anteriormente contavam com o apoio familiar e a proximidade e dos amigos. No momento, necessitam do apoio institucional para minimizar os problemas enfrentados e solucionar o conflito interno da passagem da vida de adolescente à adulta.

### **As Escolhas e estratégias de formação. Que caminho seguir?**

A fase de progressão no curso foi caracterizada pelas escolhas e estratégias de formação que os estudantes se utilizavam para dar prosseguimento ao seu processo formativo. Ela constituiu um momento em que as influências, crenças, princípios e valores se destacavam. Dependendo do profissional que se pretendia ser futuramente, o aluno poderia optar por seguir caminhos mais fáceis, no sentido de obter unicamente o título da formação universitária, ou de aproveitar todas as oportunidades proporcionadas pela universidade, na perspectiva de obter mais experiências para o mercado de trabalho, mais conhecimentos para a sua própria vida e para dar continuidade ao seu processo de formação profissional.

Nesta fase de progressão no curso, as diferenças e semelhanças entre os alunos com alto, médio e baixo índice acadêmico, ficaram mais evidentes.

Na análise das estratégias adotadas pelos estudantes participantes desta investigação, a maior diferença entre os grupos foi percebida entre aqueles que mantinham um alto índice de aproveitamento acadêmico e os demais grupos. Enquanto que os primeiros demonstraram ser mais dedicados e possuírem hábitos de leitura participação efetiva nas atividades proporcionadas, os demais estudantes com médio e baixo aproveitamento acadêmico, que revelaram que procuraram cumprir as atividades acadêmicas dentro da exigência mínima estabelecida para obter aprovação no curso.

De modo geral, a comparação entre as estratégias adotadas na fase de progressão na formação inicial demonstra que elas foram diferentes, conforme o aproveitamento acadêmico no curso, quanto aos hábitos de leitura, realização de tarefas acadêmicas em grupo, nível de exigência nas atividades, atenção às aulas e participação em projetos de pesquisa ou extensão.

**Hábitos de leitura.** Além de lerem o que foi solicitado pelos professores e o que consideram interessante para a sua área de atuação futura, os estudantes com elevado aproveitamento acadêmico, procuravam sempre realizar leituras complementares, que vão muito além do que é exigido pelo curso.

Por outro lado, os demais estudantes apenas procuravam ler o que é exigido pelo curso ou aquilo que atende a sua área de interesse.

**Realização das tarefas acadêmicas em grupo.** Na realização de atividades em grupo, os estudantes com elevado aproveitamento acadêmico, normalmente demonstravam facilidade de dividir responsabilidades e procuravam diversificar a formação do grupo para terem oportunidade de trabalhar com mais colegas. Apenas um dos estudantes deste grupo admitiu ser um pouco individualista e preferir realizar as atividades sozinho. Nos demais grupos de estudantes, a situação é inversa, onde apenas um dos estudantes revelou desenvolver bem as atividades em equipe. Os demais entrevistados se consideravam individualistas no momento de realização das tarefas em grupo, demonstrando ter algumas dificuldades em trabalhar em equipe.

**Nível de exigência estabelecido na realização de tarefas.** Os estudantes com elevado aproveitamento acadêmico demonstraram ser bastante exigentes consigo próprios, procurando obter o máximo de qualidade em todas as suas atividades acadêmicas, independentemente do nível de exigência estabelecido pela disciplina ou pelo professor. Já o nível de exigência dos demais estudantes é proporcional ao estabelecido pela disciplina ou pelo professor, bem como pelo significado que a atividade possa ter para o seu interesse pessoal.

**Atenção às aulas e anotações.** Além dos bons hábitos de leitura, estes alunos com elevado aproveitamento acadêmico prestavam atenção ao conteúdo ministrado em sala, esclareciam suas dúvidas com o professor (em sala ou fora dela) e, normalmente, faziam anotações da matéria que estava sendo desenvolvida. Quanto aos estudantes com aproveitamento acadêmico inferiores,

poucos declararam prestar atenção, realizar anotações ou procurar auxílio do professor para esclarecer dúvidas. A maioria revelou fazer apenas o que acreditava ser necessário para obter êxito na disciplina.

**Participação em projetos de pesquisa ou extensão.** Exceto um dos alunos, que já possuía outra formação universitária e trabalhava fora da universidade, todos os demais integrantes deste grupo com elevado aproveitamento acadêmico participaram de projetos na universidade, procurando aproveitar as experiências adquiridas para o futuro profissional na área.

Apenas um dos estudantes pertencente aos grupos de médio e baixo aproveitamento acadêmico relatou participar de projeto, ao contrário do primeiro grupo, onde a ordem foi inversa. Tal situação revelou a baixa importância atribuída à participação em projetos de pesquisa ou extensão para auxiliar numa melhor qualidade na formação inicial, por estes estudantes.

**Participação em órgãos de representação estudantil.** A participação em todos os segmentos onde é possível a representação estudantil é bastante defendida pelos alunos com elevado aproveitamento acadêmico. Com exceção de um deles, os demais passaram por esta experiência, considerando-a importante para a sua formação. A representação estudantil também não foi procurada pelos alunos dos grupos de médio e baixo aproveitamento acadêmico.

Graber (1989) realizou um estudo no qual mobilizou o conceito de "*studentship*", que se traduz na utilização, por parte dos alunos, de estratégias que possam garantir um maior controle sobre a formação. Os estudantes fazem isto tanto para garantir a aquisição daquilo que consideram importante quanto para ignorar aquilo que acreditam ser irrelevante ou não funcional para a formação inicial, de forma que possam obter êxito no que lhes interessa e permitir uma progressão mais bem sucedida com o menor esforço despendido. As estratégias mais freqüentemente utilizadas pelos estudantes, segundo a investigação realizada por Graber (1989) foram:

**pesquisa seletiva** (estratégias que permitam controlar as exigências do curso – o que estudar para uma prova; participar de um projeto);

**projeção de uma imagem** (ações que criem uma imagem favorável dos estudantes para com os professores – manifestar interesse, fazer anotações, participar ativamente das aulas); e,

**copiar ou seguir o caminho mais fácil** (ações que visam a economia de esforços – copiar em exames ou trabalho de colegas, modo como fazem as anotações em sala de aula,...).

Os estudantes do curso de Educação Física, que apresentam índices de aproveitamento acadêmico mais elevados demonstraram que utilizavam com mais frequência as estratégias de pesquisa seletiva e da projeção de imagem entre os formadores. Já as respostas daqueles estudantes com médio e baixo desempenho acadêmico no curso indicam a utilização das estratégias de pesquisa seletiva (buscam saber o que é necessário para passar de ano) e copiar ou seguir o caminho mais fácil.

Um aspecto interessante evidenciado nas respostas dos estudantes foi que, independentemente das experiências anteriores, as escolhas feitas nesta fase são de ordem subjetiva. Os interesses pessoais e profissionais de cada estudante constituem os determinantes da adoção de um ou outro tipo de estratégia.

As semelhanças encontradas entre os três grupos de estudantes, indistintamente, concentram-se em seguir a periodização de disciplinas sugeridas pelo curso, caracterização de bom professor e colegas que contribuiu para a formação.

No que diz respeito a **seguir a oferta de disciplinas oferecidas conforme a grade curricular estabelecida pelo curso**, embora com algumas críticas à organização curricular, a maioria dos estudantes procurou seguir normalmente a periodização do curso, conforme a oferta de disciplinas previamente estabelecidas. Alguns alunos precisaram adequar o seu horário de trabalho ao das aulas. A maior crítica foi apresentada por aqueles alunos que já trabalham e precisam realizar os estágios de prática de ensino, em horário oposto ao das demais disciplinas. A pouca flexibilidade do currículo e falta de oportunidades para discussão em torno desta questão foram lembradas por diversos estudantes.

Quanto a caracterização do **“bom” professor**, os estudantes apontaram que além de ter domínio suficiente do conteúdo de sua matéria, para contribuir na uma formação mais ampla do ser humano; o professor deve conseguir prender a atenção do aluno, mostrando que gosta do que faz. Além disso, demonstrar sintonia entre a teoria e a prática, saber se comunicar e sabe ouvir o estudante, compartilhando o processo de ensinar e aprender, primando sempre pelo bom relacionamento pessoal e profissional.

Com relação a caracterização do **colega que contribuiu na formação**, os estudantes valorizaram aqueles colegas que conseguem elevar o nível das discussões, com o seu conhecimento teórico e prático, aqueles que procuram manter um bom relacionamento pessoal com os demais colegas e aqueles que são participativos e estimulam a turma a participar das atividades realizadas na formação inicial.

De modo geral, os estudantes demonstraram a vontade de participar mais do seu processo de formação. Nesta perspectiva, Molina Neto & Molina (2002) contribuem na discussão de formação de professores de Educação Física, quanto a necessidade de fomento a capacidade de escuta. Os autores criticam o modelo atual de formação inicial Educação Física brasileira, por pouco contribuir na formação de professores mais reflexivos.

*“(...) Como podemos ser reflexivos se não escutamos o que o outro tem para nos dizer? Como agir como professores reflexivos se queremos prescrever?” (p.60).*

Como resposta a estas questões, os autores sugerem o incentivo à capacidade de escuta nas atividades de formação inicial que

*“pode gerar efeitos importantes no desenvolvimento da área de conhecimento e na qualificação dos professores de Educação Física. Possibilitará ao coletivo docente descortinar múltiplas percepções sobre os problemas educacionais, e construir modelos de ação educativa mais adequados aos tempos atuais, através de juízos autônomos e decisões didaticamente qualificadas sobre situações semelhantes em diferentes contextos sociais. (p.60)*

A capacidade de escuta está sendo compreendida, neste momento, como sendo necessária tanto aos formadores de professores, quanto aos professores

em seu contexto de trabalho escolar. Além dos estudantes candidatos a professor poderem se sentir mais comprometidos e sujeitos de sua própria formação, também em seu campo de trabalho, poderão desenvolver esta capacidade, estimulando o diálogo e a possibilidade de construção coletiva de um projeto de trabalho.

### **Estou me formando, a hora da verdade!**

O momento de saída da universidade para o início de uma carreira profissional configura-se num tempo de incertezas, inseguranças e angústias para muitos estudantes. A formação recebida nem sempre dá conta de suprir a aquisição de competências mínimas para enfrentar a realidade do mercado de trabalho atual. Para outros, este momento representa um alívio, pois já estão atuando e necessitavam apenas do certificado de conclusão do curso. Por outro lado, há aqueles que se sentem satisfeitos com a formação recebida e pretendem continuar nesta área de atuação profissional.

De acordo com Pacheco e Flores (1999), o impacto na transição de aluno a professor (choque da realidade), reflete o confronto entre dois mundos distintos: o de aluno (candidato a professor) e o de professor, representando, respectivamente, a teoria e a prática. Segundo estes mesmos autores, a influência da formação inicial na socialização profissional do professor envolve múltiplos fatores decorrentes dos contextos institucionais e das características pessoais do sujeito em formação. Aprender a ensinar, portanto, resulta de um processo evolutivo, com fases e impactos diferenciados, que se inicia com a experiência adquirida na condição de aluno e termina com a experiência enquanto professor.

A análise desta questão evidenciou que os estudantes com **elevado índice acadêmico** são aqueles que demonstravam uma maior definição a respeito do futuro profissional. A maioria pretende continuar estudando (pós-graduação) e trabalhando em escolas. Um deles tem o objetivo de trabalhar com treinamento esportivo. Apesar de concordarem que obtiveram uma boa formação, entretanto, salientaram que é necessário ampliar seus conhecimentos com leituras complementares e experiência prática.



As críticas feitas por este grupo de alunos foram bastante claras. A respeito da estrutura curricular, demonstraram insatisfação por não haver diálogo e discussão curricular, onde todos os segmentos representativos possam estar contribuindo de modo significativo. A falta de um eixo comum também foi lembrada, assim como a deficiência da universidade em esclarecer os futuros candidatos a professor sobre os conteúdos curriculares.

Sobre este assunto, Sacristán (1995) lembra das dificuldades de se construir um currículo que consiga atender e contemplar as necessidades sugeridas por todos os segmentos envolvidos (corpo discente, docente e técnico-administrativo). A construção do currículo não se apresenta como uma "receita", dependendo da articulação de várias instâncias e níveis (administrativa, pedagógica, contexto social e cultural, entre outros). Além disso, a diversidade de procedência e necessidades dos alunos são bastante variadas, o que torna mais difícil o processo de participação efetiva deste segmento e a obtenção de consenso mínimo nas proposições. Contudo, acredita-se que a participação discente deva ser incentivada e, na medida do possível, compreendida e atendida pelos demais segmentos representativos.

Além destas questões, o grupo demonstrou muita maturidade e argumentos sólidos ao fazer críticas. Quanto ao baixo reconhecimento da profissão perante a sociedade, o salário pouco digno e a falta de identidade da profissão.

Embora o discurso da crise de identidade da Educação Física pareça ultrapassado, ele ainda esteve presente na fala de alguns estudantes. Ao refletir a respeito da Educação Física e da Ciência, Bracht (2000) apresenta alguns questionamentos e aponta a necessidade da luta pelos contornos do campo acadêmico. Segundo o autor é preciso buscar um consenso mínimo em torno das regras de convivência, mesmo que se modifiquem quando necessário, como em todo processo dinâmico.

Com relação a desvalorização da profissão docente, Pacheco e Flores (1999) destacam que o *status* do professor indica a sua valorização social comparativamente aos outros grupos. Para os autores, o baixo prestígio social dos professores deve-se a origem social (basicamente de classe média e baixa), é um grupo numeroso de profissionais sem o sentido de uma verdadeira pertença

profissional e uma elevada taxa de feminilidade (quando as mulheres ainda são discriminadas socialmente).

Embora possa se considerar um tanto duras as afirmações destes autores, na verdade elas em muito coincidem com a realidade brasileira. Este tipo de crítica já vem sendo feita há décadas nas universidades e em eventos científicos, contudo, a discussão efetuada não tem sido suficiente para encontrar possíveis soluções para sair deste “imenso labirinto”.

Já os estudantes com **médio aproveitamento acadêmico**, demonstraram algumas dúvidas sobre o caminho a seguir no futuro. Embora tenham destacado que pretendem atuar na área, confessaram também que se fossem aprovados em um concurso público, fora deste campo de atuação, provavelmente deixariam a Educação Física, em detrimento da instabilidade profissional.

Sobre a formação recebida, concordaram que foi boa, porém necessitaram de complementação extra-escolar. Um dos alunos reclamou que as matérias sobre treinamento esportivo foram pouco contempladas na estrutura curricular.

Como crítica o grupo de alunos destacou que o curso necessita de uma reforma curricular, tanto para atender as novas demandas do mercado de trabalho, quanto para conciliar os horários de aula com os horários de trabalho dos estudantes.

Os alunos com **baixo aproveitamento acadêmico**, demonstraram objetivos variados. Um deles pretende pedir retorno para fazer outro curso na universidade, revelando a frustração com a formação recebida. Outro pretende atuar no campo do treinamento esportivo, entretanto demonstrou uma certa insegurança e, por fim, há aquela estudante que pretende atuar em escolas e buscará especializar-se nesta área.

A maioria destes estudantes enfatizou que a formação recebida foi superficial, necessitando de complementação curricular. As críticas também incluíram as questões relativas a estrutura curricular, porém sem maiores detalhamentos, aos professores muito teóricos e aqueles que “se arriscam” em ministrar aulas sem o conhecimento necessário.

De modo geral, percebeu-se que os índices de aproveitamento acadêmico podem estar relacionados com a afinidade que os estudantes têm com a formação inicial. Sobretudo pelo fato dos alunos com índices de aproveitamento

acadêmico elevado terem mantido o interesse e dedicação à formação durante todo o curso e, por suas críticas serem mais fundamentadas, no sentido de contribuírem para um melhor aproveitamento do curso, vislumbrando o futuro profissional.

Há evidências de que as dúvidas em torno da profissão tenham desestimulado, tanto os estudantes com médio quanto os alunos com baixo aproveitamento acadêmico, embora as críticas e problemas enfrentados apresentem algumas semelhanças.

Wittrock (1997), em investigação sobre o processo de pensamento dos alunos na formação inicial, descreve que as interpretações que os estudantes fazem a respeito da causa dos seus rendimentos (acadêmicos) e do sentimento de controle que experimentam sobre o seu destino na escola, parecem constituir poderosos processos cognitivos que irão influenciar em sua atuação escolar futura. Sobre o assunto, Wittrock destaca:

*“La percepción que tienen los estudiantes de sus docentes, de los procesos de enseñanza y del trato diferente que reciben de aquéllos, parece influir en el rendimiento en la escuela.”(p.546)*

Este autor cita ainda um estudo realizado por Weinstein, Marshall, Brattesani & Middlestad (1982), no qual constatou-se que os alunos e alunas que possuíam rendimentos escolares mais baixos recebiam mais regras, tarefas e retroalimentação negativas, enquanto os alunos e alunas com rendimento mais elevado suscitavam nos docentes expectativas mais elevadas de atuação e êxito, e possuíam mais liberdade e oportunidades.

Embora não se tenha percebido este tipo de crítica no estudo realizado, torna-se importante que os formadores de professores estejam atentos para não tecerem elogios demasiados aqueles estudantes que apresentam um bom aproveitamento acadêmico e façam somente críticas, apresentando retroalimentação negativa aos estudantes que possuem índices de aproveitamento mais baixos. As atitudes dos professores, podem resultarem melhorias nos comportamento dos alunos.

## CAPÍTULO VI

### CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Sem deixar de considerar as limitações impostas pela metodologia utilizada nesta investigação, as seguintes conclusões foram elaboradas.

As experiências com as aulas de Educação Física, no ensino fundamental e médio, vivenciadas pelos estudantes participantes desta pesquisa sugerem que, independentemente da fase na qual o aluno se encontrava na formação inicial e do seu índice de aproveitamento acadêmico, o início da relação afetiva com o esporte e com o curso de formação estava nascendo ali, traduzido pelo gosto que possuíam em realizar as atividades, na boa relação que mantinham com os professores da disciplina e na espera por estas aulas.

As dificuldades encontradas neste tempo ocorreram de modo semelhante para a maioria dos estudantes. Elas estão relacionadas a pouca diversificação na oferta de atividades, exclusão de alunos “pouco habilidosos” e aulas com conteúdos aplicados de forma superficial.

Entretanto, algumas características diferenciaram aqueles alunos que já se encontravam nas fases de progressão e saída daqueles que estavam ainda na fase de entrada no curso. Esses alunos conseguiram apresentar críticas às metodologias de ensino adotadas nas aulas onde eram alunos, de forma articulada e com argumentações bem fundamentadas. Além disso, demonstraram possuir um nível de conhecimento e poder de análise mais elaboradas acerca dos problemas e dificuldades enfrentadas neste período, principalmente em virtude da formação inicial estar num estágio mais avançado.

As lembranças mais positivas foram daqueles estudantes que detêm um aproveitamento acadêmico mais elevado e médio. Por outro lado, a maioria das dificuldades enfrentadas foi relatada por aqueles estudantes com baixo aproveitamento acadêmico

dificuldades enfrentadas foi relatada por aqueles estudantes com baixo aproveitamento acadêmico.

De modo geral, as evidências apresentadas relativamente às aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio, sugerem que a socialização ocorrida neste período foi muito importante, porém parece não ter sido determinante para a escolha e representação da futura profissão na área.

Com relação as experiências adquiridas com a prática esportiva, elas parecem ter sido muito significativas na vida de todos aqueles estudantes que as vivenciaram. Além disso, para a maioria dos entrevistados, foram determinantes na escolha da profissão nesta área. Mesmo para quem não escolheu o curso de graduação em Educação Física como primeira opção de formação universitária, o gosto pelos esportes foi o fator de maior importância e levado em consideração no momento de decidir por um segundo curso. Também neste caso, as experiências ocorreram de modo semelhante para a maioria dos estudantes entrevistados.

As principais dificuldades enfrentadas à época em que eram atletas compreenderam a falta de compreensão dos treinadores em relação a problemas específicos do momento, treinamento inadequado (não individualizado) e as lesões decorrentes de treinamento inadequado.

A socialização antecipatória, concretizada nas experiências com aulas de Educação Física, gosto pelos esportes e relações de amizade bem como a representação de uma profissão voltada para o desenvolvimento de atividades esportivas foram os principais motivos atribuídos pelos entrevistados para a escolha da formação profissional na área, independentemente das fases nas quais se encontravam na formação inicial ou índices de aproveitamento acadêmico. Embora, a vontade de ser professor já se destacasse para alguns estudantes, a perspectiva não letiva constava na maioria das falas dos entrevistados.

A necessidade de formação acadêmica, decorrente das exigências impostas pela nova legislação e aliada ao gosto pela prática esportiva, foi o que motivou a busca pela formação de alguns entrevistados.

Entre os atrativos destacaram-se aqueles de natureza emocional (prazer e satisfação pessoal). A necessidade de obter uma profissão reconhecida e o apoio familiar foram mencionados como os principais facilitadores.

Quanto às expectativas para a formação inicial em Educação física, a maioria dos participantes deste estudo destacou a perspectiva não letiva e um maior número de aulas práticas, resultante da exposição ao modelo de aula exclusivamente prática ao longo dos anos escolares. Encontrou-se também a perspectiva do ensino, principalmente para os poucos alunos que já possuíam um conhecimento anterior sobre a formação inicial e profissão; a perspectiva de aulas voltadas para o treinamento físico e, para a minoria, não houve expectativas, devido a formação escolhida não ser a primeira opção no vestibular.

O distanciamento familiar, a mudança brusca nos hábitos cotidianos e a sensação de estarem “perdidos” representaram parte das dificuldades enfrentadas, nos primeiros contatos que os entrevistados mantiveram com a universidade, notadamente por aqueles estudantes oriundos de outras cidades, independentemente da fase e índice de aproveitamento acadêmico.

A insegurança e frustração foram sentimentos próprios dos estudantes que não haviam escolhido a Educação Física como o seu curso de formação em primeira opção e também por parte daqueles que almejavam um currículo que atendesse as necessidades do mercado de trabalho voltadas para o treinamento esportivo. Destacaram ainda a falta de melhor assistência ao estudante por parte dos servidores técnico-administrativos da instituição.

Já aqueles alunos que possuíam algum conhecimento anterior do currículo do curso, destacaram como maiores dificuldades os rótulos recebidos dos colegas, questionaram a metodologia de ensino dos professores, especialmente os conflitos existentes entre os professores “teóricos” e os “práticos”. Para a maioria destes estudantes, o fato da universidade não esclarecer, nos cursos de ensino médio, a diferença curricular entre os cursos de bacharelado e licenciatura, tem deixado confusos os pretendentes ao curso.

As evidências encontradas sugerem que as dificuldades e problemas enfrentados foram similares para aqueles estudantes que possuíam expectativas, situações de vida e conhecimentos também semelhantes.

No que diz respeito aos hábitos de leitura, de investigação e demais atividades desenvolvidas no decorrer do curso, as maiores diferenças encontradas nesta investigação foram na fase de progressão, especialmente daqueles alunos que se encontravam nesta fase ou que já passaram por ela. Pode-se perceber que os estudantes que detêm um elevado aproveitamento acadêmico optaram por estratégias que garantissem uma boa formação. Eles apresentaram bons hábitos de leitura, não se restringindo apenas ao que é solicitado pelos professores; buscavam sanar suas dúvidas em sala de aula ou fora dela; possuíam características de liderança nos grupos de trabalho, porém procuravam dividir tarefas e diversificar no momento de escolha dos parceiros; eram muito exigentes na realização de todas as atividades; a maioria participava de projetos de pesquisa, extensão ou de órgãos de representação estudantil; prestavam muita atenção ao que o professor falava e faziam anotações do que consideram relevante e, buscavam complementação extra-escolar para os assuntos de seu interesse.

Por outro lado, os estudantes com médio e baixo aproveitamento acadêmico demonstraram que, na fase de progressão da formação inicial, realizam as atividades de acordo com os seus interesses pessoais e profissionais ou de acordo com o nível de exigência estabelecido pelo professor. Em geral, não participavam de projetos ou órgãos de representação estudantil. O nível de exigência nas disciplinas cursadas era proporcional ao estabelecido pelos professores ou de acordo com o interesse por sua área de trabalho. Além disso, demonstram que possuem certa dificuldade em desenvolver atividades em equipe.

Quanto às estratégias adotadas pelos estudantes para obter o êxito acadêmico na formação inicial, encontrou-se evidências de que os estudantes com elevado aproveitamento acadêmico adotavam procedimentos que lhes garantissem um melhor aproveitamento do curso. Comparativamente aos demais colegas com aproveitamento acadêmico médio e baixo, estes estudantes revelaram estudar mais e com uma certa antecedência; procuravam trazer contribuições relativas às experiências profissionais para a turma; dedicavam-se mais às atividades propostas pelo curso; procuravam saber com antecedência os conteúdos, a fim de elevarem o nível das discussões em sala de aula e participam

de projetos oferecidos pela universidade. De modo geral, demonstravam ser mais interessados pela formação acadêmica.

Independentemente da fase ou índice de aproveitamento acadêmico, pode-se constatar que a maioria dos estudantes investigados procurou seguir a oferta de disciplinas conforme a periodização estabelecida pela universidade. Eles caracterizaram como “bom” professor aquele que sabe transmitir os seus conhecimentos, se comunica bem e sabe ouvir, tem sintonia entre o discurso e a prática e, sobretudo, prima pelo bom relacionamento pessoal e profissional. Da mesma forma, destacaram como “bons” colegas aqueles que contribuem para elevar o nível das discussões em sala de aula, que estimulam os colegas a participarem e também buscam um bom relacionamento no convívio escolar.

Os estudantes das fases mais avançadas demonstraram o interesse e a necessidade de maior participação discente na elaboração dos currículos e programas desenvolvidos pela universidade. Aqueles que já estão se formando e mantiveram um índice de aproveitamento mais elevado durante o curso, possuem uma definição mais clara a respeito de seu futuro profissional. A maioria pretende continuar estudando (pós-graduação) e trabalhar em escolas, admitindo que tiveram uma boa formação, porém reconhecem a necessidade de se buscar complementação fora da universidade. As críticas formuladas restringem-se a falta de diálogo, sobretudo nas questões curriculares e também na falta de um eixo norteador comum para o curso de licenciatura.

Já os estudantes com médio aproveitamento acadêmico não se mostraram tão seguros em relação ao futuro profissional na área. Destacaram que, se adquirirem uma maior estabilidade em outra profissão, por meio de concurso público, pretendem sair desta área. Apesar de concordarem que tiveram uma boa formação, reclamam de falta de conteúdos específicos para o treinamento esportivo e para atender as demandas do mercado atual.

Os estudantes que se encontravam na fase de saída da universidade, e que detêm baixo aproveitamento acadêmico, demonstraram alguma insegurança quanto ao futuro profissional na área. Acreditam que tiveram uma formação acadêmica superficial, necessitando complementar a formação com cursos de qualificação e aperfeiçoamento profissional. Eles criticaram aqueles professores que não detêm o conhecimento necessário para ministrar aulas, além de também,



como os demais colegas, apresentarem críticas ao currículo estabelecido pela universidade.

De modo geral, constatou-se que todo o processo de socialização destes estudantes, anterior à entrada na universidade e durante a formação inicial, foi importante na construção das suas identidades profissionais. Um processo no qual as experiências e afinidades foram se acumulando e definindo o passo seguinte. Entretanto, ficou evidenciado que o principal motivo atribuído à escolha deste curso foi a afinidade com os esportes. O impacto maior foi sentido logo na entrada na universidade, especialmente por aqueles que residiam em outras cidades ou aqueles que não estavam muito bem esclarecidos e definidos pela profissão.

A manutenção de um bom aproveitamento acadêmico e a contribuição percebida na formação inicial dependeu das escolhas ou opções que os estudantes fizeram durante este processo de socialização. Quem optou por uma participação mais efetiva durante o curso ou de assumir um papel ativo na formação inicial, está saindo mais seguro e suas críticas são bem fundamentadas; os demais colegas demonstraram insegurança e/ou insatisfação com a formação recebida devido, especialmente a opção de seguir o caminho mais fácil. Na medida em que os estudantes avançam no curso, o conhecimento a respeito da representação da profissão que os estudantes possuíam vai se modificando. Embora não se possa afirmar que o impacto causado pela formação inicial tenha sido responsável por isto, parece que as escolhas pessoais se sobrepõem ao que é proporcionado pela proposta pedagógica do curso, servindo tanto para reforçar um processo de crescimento profissional para aqueles que optaram por ele, quanto para desestimular e até contribuir na manutenção do médio e baixo aproveitamento acadêmico daqueles que tinham dúvidas ou estavam inseguros quanto ao futuro profissional na área.

Um aspecto que ficou evidente no estudo foi que as interações e relações estabelecidas, durante todo o processo de socialização ocupacional na formação inicial, são capazes de promoverem modificações no pensamento dos futuros profissionais, seja no sentido de manter as expectativas iniciais, seja na perspectiva de confirmação de que não se estava no "caminho certo".

Como recomendação para futuros estudos nesta área, sugere-se que outras investigações sejam realizadas para envolver instituições de ensino que possuam os cursos de Licenciatura ou Bacharelado em Educação Física, a fim de que se possa verificar se o processo de socialização ocupacional ocorre de modo semelhante ou não durante a formação inicial diferenciada.

Apesar da abordagem adotada na investigação ter contribuído no aparecimento de inúmeras informações sobre o processo de socialização da formação inicial em Educação Física, há necessidade de melhor esclarecer os processos de socialização encontrados e as estratégias adotadas pelos estudantes, assim como de identificar a formação de “modelos de professores” e “concepções de ensino.” Da mesma forma, há necessidade de centrar os esforços nas transições de entrada e saída da formação inicial, devido ao aspecto esperado sobre o processo de socialização como um todo e os desafios colocados na construção de carreira profissional em Educação Física.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bain, L.B. (1990) Physical Education Teacher Education. In: Houston, W.R. **Handbook of research on teacher education**. New York: Macmillan Publishing Company. P, 758-781.
- Bogdan, R.C. & Biklen, S.K. (1994) **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos**. Porto : Porto Editora.  
**Física/UEM**, 5(1): 26 – 39.
- Bracht,V. (2000) Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. (1),V 22, p. 53-63.
- Carreiro da Costa, F. (1991) Formação inicial de professores de Educação Física: problemas e perspectivas. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, nº 01: 21-34.
- Carreiro da Costa, F; Pestana, C.; Carvalho, L. & Dinis, J. (1996) Expectativas de exercício profissional em estudantes de Educação Física. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, nº 9: 5-14.
- Carreiro da Costa (1996) Formação de professores: objectivos, conteúdos e estratégias. . In Carreiro da Costa, F; Pestana, C.;Carvalho, L.M.; Dinis, J.A & Onofre M.A . **Formação de professores em Educação Física: concepções, investigação, prática**. Lisboa: Ed. Faculdade de Motricidade Humana, p.9-34
- Carvalho, L.M. (a) (1996) A formação inicial de professores revisitada: contributos de investigação sobre a socialização dos professores. In Carreiro da Costa, F; Pestana, C.;Carvalho, L.M.; Dinis, J.A & Onofre M.A . **Formação de professores em Educação Física: concepções, investigação, prática**. Lisboa: Ed. Faculdade de Motricidade Humana, p.37-56.
- Carvalho, L.M. (b) (1996) O estudo da socialização dos professores em Educação Física: uma revisão e um convite. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, 13 (1): 11 – 37.
- Chiaradia, B.M.; Castro, R.L.V.G & Nascimento, J.V. (2002) Estratégias para a adaptação à formação inicial em Educação Física: o caso de estudantes com elevado desempenho académico da UFSC. In **Educação Física e Esportes: os novos desafios da formação profissional**. 1 ed. Maringá: EDUEM.
- Crum, B. (1993) A crise de identidade da Educação Física: ensinar ou não ser, eis a questão. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, 7/8 (1): 133 – 148.

- Dubar, C. (1997) **Socialização e a Construção Social da Identidade**. Porto : Porto Editora.
- Farias, Shigunov & Nascimento (2001) Formação e desenvolvimento profissional dos professores de Educação Física. In **A formação profissional e a prática pedagógica**. A., Neto & V. Shigunov (orgs.). Londrina/PR: Midiograf.
- Feiman-Nemser, S. (1990) Teacher Preparation: structural and conceptual alternatives. In: Houston, W.R. **Handbook of research on teacher education**. New York: Macmillan Publishing Company. P. 212-232.
- Feitosa, W.M.N. & Nascimento (2001) **Orientações Conceituais na Formação de Profissionais de Educação Física**. CDS/UFSC.
- Frigotto, G. (2001) Reformas educativas e o retrocesso democrático no Brasil nos anos 90. IN Linhares, C. (org.) **Os professores e a reinvenção da escola**. São Paulo: Cortez. Cap.II. p.57-80
- García, M.C. (1995) **Desarrollo profesional e iniciación a la enseñanza**. Barcelona : PPU.
- Gil, A. C. (1994) **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo : Atlas.
- Gonçalves, C. (1997) Estudo do pensamento dos alunos sobre o processo de formação inicial em Educação Física. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, nº 15/16.
- Graber, K.C. (1989) Teaching tomorrow's teachers: professional preparation as agent of socialization. In Templi, T.J. & Shempp, P.G. (eds). **Socialization into physical education: learnig to teach**. Indianápolis: Benchmark Press. P.59-80.
- Guillet, R. et al. (1983) **Manual de medicina do esporte**. São Paulo: Ed.Masson
- Helpfenstein, M.(1997) Lesões por esforço repetitivo (LER) no esporte. **Revista Âmbito Medicina Esportiva**, 32, p. 23-28
- Housner, L.D. (1996) Innovation and change in physical education. IN: Silverman, S.J. & Ennis, C. (Org.) **Student learning in physical education**. Champaign: Human Kinetics, 367 – 390.
- Huling-Austin, L. (1992) Research on learning to tech: implications for teacher induction and mentoring programs. **Journal of teacher education**, 43 (3): 173 – 180.
- Jordán, O.R.C. (1995). Perspectivas e modelos na formação inicial de professores de Educação Física para a educação primária em Espanha. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, n. 12, p. 99-116.

- Lawson, Hal A. (1991) Future research on physical education teacher education professors. **Journal of teaching in physical education**, 10 (1) : 229 – 248.
- Lawson, H.A. (1992) Beyond the new conception of teacher induction. **Journal of teacher education**, 43 (3): 163 – 172.
- Liston, D.P. & Zeichner, K.M. (1993) **Formación del profesorado y condiciones sociales de la escolarización**. Madrid: Ediciones Morata.
- Lüdke, M. & André, M. (1986) **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo : EPU.
- Martins Júnior, M. (2002) A Educação Física Escolar IN: Shigunov Neto, A & Shiguniov, V. (orgs) **Educação Física: conhecimento teórico x prática pedagógica**. Porto Alegre: Editora Mediação. P.41-72
- Molina Neto, V. (1997) A formação profissional em Educação Física e esportes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 19 (1), 1997: p.34 -41
- Molina Neto, V. (1998) A prática dos professores de Educação Física das escolas públicas de Porto Alegre. **Movimento**, V.5, (9):31-44.
- Molina Neto, V. & Molina, R.K. (2002) Capacidade de escuta: questões para a formação docente em Educação Física. **Movimento**, V. 8, (1): 57-65.
- Nascimento, J.V. (1998) **A formação inicial universitária em Educação Física e Desportos: uma abordagem sobre o ambiente percebido e a auto-percepção de competência profissional de formandos brasileiros e portugueses**. Tese de Doutorado, Universidade do Porto, Porto.
- Nascimento, J.V. (2002) perspectiva de intervenção profissional em Educação Física e Esportes para o século XXI.In **Educação Física e Esportes: os novos desafios da formação profissional**. 1 ed. Maringá: EDUEM.
- Nóvoa, A. (1995) **Profissão Professor**. Porto – Portugal: Porto Editora LTDA.
- Onofre, M.S. (1997) A supervisão pedagógica no contexto da formação didática em Educação Física. IN: Carreiro da Costa; Carvalho; Onofre; Diniz & Pestana (Org.) **Formação de professores em Educação Física - Concepções, investigação, prática**. Universidade Técnica de Lisboa: Edições FMH, 74 – 117.
- O'Sullivan, M. (1996) What do we know about the professional preparation of teachers. IN: Silverman, S.J. & Ennis, C. (Org.) **Student learning in physical education**. Champaign: Human Kinetics, 315 - 338.
- Pacheco, J.A & Flores M.A (1999) **Formação e avaliação de Professores**. Porto: Porto Editora.

- Péres Gómez, A. (1992). La función y formación del profesor/a en la Enseñanza para la comprensión : diferentes perspectivas. In : Gimeno, J. & Pérez, A. **Comprender la Enseñanza**. Madri : Morata. p. 398-429.
- Proença, J. (1993) Formação inicial: complexidade, complexos e paradoxos. **Boletim da Sociedade portuguesa de Educação Física**, 7/8 (1): 167 – 172.
- Sacristán, J.G. (1995) El curriculum: una reflexión sobre la práctica. Madrid: Ediciones Morata.
- Sacristán, J.G. & Gómez, A. Perez (1989) **La enseñanza: su teoria y su práctica**. Madrid: Ediciones Akal S.A.
- Scheibe, L. & Bazzo, V.L. (2001) Políticas gomenamentais para a formação de professores na atualidade. **Revista Brasileira de Ciencias do Esporte**. V.22 (3) p. 9-21
- Silva, M.C.& Nascimento, J.V.(2002). Educação Física no ensino médio e técnico: o caso do sistema federal de educação tecnológica de Santa Catarina.In **Educação Física e Esportes: os novos desafios da formação profissional**. 1 ed. Maringá: EDUEM.
- Silveira, J.C.F.(2002) Esportes na natureza e formação profissional em Educação Física. In **Educação Física e Esportes: os novos desafios da formação profissional**. 1 ed. Maringá: EDUEM.
- Smyth, D.M. (1995) First-year physical education teachers' perceptions of their workplace. **Journal of Teaching in Physical Education**, 14 (1): 198-214.
- Sousa, J.L.C. & Carreiro da Costa, F. (1996) Socialização profissional em Educação Física: um olhar crítico sobre a formação inicial, a voz dos professores. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, 14 (1): 33 – 46.
- Shigunov, V. & Shigunov Neto, A. (org.) (2002) **Educação Física: conhecimento teórico x prática pedagógica**. Porto Alegre: Editora Mediação
- Stroot, S. (1996) Organizacional socialization: factors impacting beginning teachers. IN: Silverman, S.J. & Ennis, C. (Org.) **Student learning in physical education**. Champaign: Human Kinetics, 339 – 365.
- Tardif, M. & Raymond D. (2000) Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73
- Tubino, M.J.G.(2002) Novas tendências profissionais na Educação Física e Esportes. In **Educação Física e Esportes: os novos desafios da formação profissional**. 1 ed. Maringá: EDUEM.

Wittrock, M.C. (1989) **La investigación de la enseñanza, I: enfoques teorías y métodos.** Barcelona: Paidós

Wittrock, M.C. (1997) **La investigación de la enseñanza, III : profesores y alumnos.** Barcelona: Paidós.

**Anexo I**

**Termo de Permissão para Realização da Pesquisa**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS

Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física - MESTRADO  
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900  
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9927 - E-MAIL [mestrado@cds.ufsc.br](mailto:mestrado@cds.ufsc.br)

Florianópolis, abril de 2002.

Para  
Magnífico Reitor  
Prof.

Magnífico Reitor,

Encontro-me a realizar o curso de mestrado em Educação Física no Centro de Desportos da UFSC, em turma regular, no período 2001/2003. Para implementação da dissertação de mestrado, tornou-se necessária a realização da investigação "O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO OCUPACIONAL ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSC", com o objetivo geral de analisar o processo de socialização ocupacional de estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC. Para tanto, será necessário identificar as experiências anteriores (socialização antecipatória) dos acadêmicos, considerando as suas vivências com esportes, aulas de Educação Física, relação com professores e treinadores; identificar as estratégias de estudo adotadas para o sucesso na formação inicial; identificar os hábitos de leitura, de investigação e de atividades desenvolvidas no decorrer do curso; identificar as expectativas de atuação profissional futura; identificar o projeto de vida pessoal de cada estudante; comparar a socialização ocupacional de estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC, considerando o aproveitamento no Curso de Graduação.

A implementação desta investigação prevê a coleta de dados, na forma de análise documental e entrevista semi-estruturada (vide anexo), com estudantes do curso de graduação em Educação Física na UFSC. Participarão do estudo 17 estudantes matriculados e freqüentes no segundo semestre letivo de 2001, onde 6 estudantes apresentam IAA (índice de aproveitamento acadêmico) igual ou superior a 9,0, 6 estudantes apresentam IAA entre 6,5 e 8,9 e 5 estudantes apresentam IAA igual ou inferior a 6,5, como parte integrante do projeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Para tanto, solicitamos de Vossa Magnificência a colaboração no sentido de viabilizar a realização da coleta de dados nesta instituição, autorizando aos investigadores o agendamento de entrevistas.

Certos de contarmos com a colaboração necessária para a concretização desta investigação, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos (e-mail: [rosangeladecastro@bol.com.br](mailto:rosangeladecastro@bol.com.br) [juarezvn@cds.ufsc.br](mailto:juarezvn@cds.ufsc.br))

---

Dr. Juarez Vieira do Nascimento  
Coordenador do Mestrado/Orientador

---

Rosângela L.V. Gomes de Castro  
Mestranda em Educação Física

## **Anexo II**

### **Termos de Consentimento Livre-Esclarecido da Investigação**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

---



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Considerando a Resolução n. 196, de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em pesquisa com seres humanos da UFSC, temos o prazer de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada " O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO OCUPACIONAL ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSC ".

Com o objetivo geral de **analisar o processo de socialização ocupacional de estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC**. Para tanto, será necessário identificar as experiências anteriores (socialização antecipatória) dos acadêmicos, considerando as suas vivências com esportes, aulas de Educação Física, relação com professores e treinadores; identificar as estratégias de estudo adotadas para o êxito na formação inicial; identificar os hábitos de leitura, de investigação e de atividades desenvolvidas no decorrer do curso; identificar as expectativas de atuação profissional futura; identificar o projeto de vida pessoal de cada estudante; comparar a socialização ocupacional de estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC, considerando o aproveitamento no Curso de Graduação.

A implementação desta investigação prevê a coleta de dados, na forma de análise documental e entrevista semi-estruturada (vide anexo), com estudantes do curso de graduação em Educação Física da UFSC. Participarão do estudo 17 estudantes matriculados e freqüentes no segundo semestre letivo de 2001, onde 6 estudantes apresentam IAA (índice de aproveitamento acadêmico) igual ou superior a 9,0, 6 estudantes apresentam IAA entre 6,5 e 8,9 e 5 estudantes apresentam IAA igual ou inferior a 6,5, como parte integrante do projeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Será garantido o sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos participantes do estudo. Além disso, as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

A sua colaboração tomou-se imprescindível para o alcance dos objetivos propostos, considerando principalmente a sua qualificação e o pequeno tamanho da amostra obtida a partir de critérios utilizados para seleção dos participantes do estudo.

Agradeço antecipadamente a atenção dispensada e coloco-me à sua disposição para quaisquer esclarecimentos (e-mail: Rosangela de castro@bol.com.br) ou fones: 238-6212; 269-5437.

De acordo com o esclarecido, aceito participar desta pesquisa estando devidamente informado sobre a natureza do estudo, objetivos propostos, metodologia empregada e benefícios previstos.

Florianópolis, abril de 2002

---

Estudante Participante do Estudo

**Anexo III**

**Roteiros Para as Entrevistas**

## ROTEIRO PARA ENTREVISTA 1

- 1- Experiências com as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio:
  - Fatos, experiências significativas, relação professor/aluno, interesse pela atividade;
  - Avaliação subjetiva da experiência vivenciada, ...
- 2- Experiências com o esporte formal de rendimento:
  - Participação em escolinhas de modalidades, sessões de treinamento, participação em competições, resultados esportivos alcançados, relação treinador/atleta, nível de exigências estabelecidas, ...
  - Avaliação subjetiva da experiência esportiva vivenciada, ...
- 3- Expectativas para a Formação Profissional Universitária:
  - Motivos atribuídos à escolha deste curso, ...
  - Expectativas para o curso de graduação, ...
- 4- Biografia na Formação Inicial:
  - Sexo, estado civil, nº de filhos,
  - Como se mantém financeiramente (trabalha na área de Educação Física?),
  - Reside com os pais, sozinho, com amigos...,
  - Outra Formação Universitária.
- 5- Transição de Entrada na Formação Profissional:
  - Primeiros contatos com a UFSC, com o curso, ...,
  - Recepção por parte dos professores e dos colegas, primeiras impressões;
  - Problemas enfrentados nesta fase.
- 6- Progressão na Formação Inicial:
  - Escolha de disciplinas obrigatórias e optativas, hábitos de leitura, participação em projetos de pesquisa, extensão e participação em órgãos colegiados (representação);
  - Professores que se destacam (qualidades, atitudes, ...)
  - Nível de exigência estabelecido nos trabalhos acadêmicos, procedimentos adotados nos trabalhos em grupo, estratégias adotadas para a obtenção do êxito acadêmico;
  - Colegas que se destacam (qualidades, atitudes);
  - Problemas enfrentados nesta fase.
- 7- Transição de Saída na Formação Inicial:
  - Expectativa de atuação futura (campos de atuação, projeto de vida), ...;
  - Avaliação da Formação Profissional obtida, auto- percepção ou competência profissional, ...

## **ROTEIRO PARA ENTREVISTA 2 (Professores)**

Considerações a respeito da vida acadêmica do aluno em questão:

- Aproveitamento do estudante na disciplina ministrada;
- Participação em atividades realizadas junto ao professor;
- Participação em atividades realizadas junto ao grupo de colegas;
- Características pessoais do estudante (qualidades, atitudes,...)

## ROTEIRO PARA ENTREVISTA 3 (colegas)

Considerações a respeito do aluno em questão:

- Aproveitamento do estudante no curso;
- Participação em atividades realizadas junto a turma;
- Participação em atividades realizadas junto ao grupo de colegas;
- Características pessoais do estudante (qualidades, atitudes,...)